



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Tecnologia e Ciências

Instituto de Geografia

Natasha de Souza Barboza

**Nas dobras da paisagem: um olhar sobre a pérola da Guanabara**

Rio de Janeiro

2020

Natasha de Souza Barboza

**Nas dobras da paisagem: um olhar sobre a pérola da Guanabara**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Globalização, políticas públicas e reestruturação territorial.

Orientador: Prof. Dr. Ulisses da Silva Fernandes

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/C

B239 Barboza, Natasha de Souza.  
Nas dobras da paisagem: um olhar sobre a Pérola da Guanabara / Natasha de Souza Barboza. – 2020.  
128 f. : il.

Orientador: Ulisses da Silva Fernandes.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia.

1. Geografia humana – Paquetá, Ilha de (RJ) – Teses. 2. Paisagem cultural – Paquetá, Ilha de (RJ) – Teses. 3. Espaço público – Uso e ocupação – Paquetá, Ilha de (RJ) – Teses. 4. Paquetá, Ilha de (RJ) – Identidade – Guanabara, Baía de (RJ) – Teses. I. Fernandes, Ulisses da Silva. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Geografia. III. Título.

CDU 911.3(815.3)

Bibliotecária responsável: Fernanda Lobo / CRB-7: 5265

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Natasha de Souza Barboza

**Nas dobras da paisagem: um olhar sobre a pérola da Guanabara**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Globalização, políticas públicas e reestruturação territorial.

Aprovada em 08 de julho de 2020

Prof. Dr. Ulisses da Silva Fernandes (Orientador)

Instituto de Geografia – UERJ

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Andre Reyes Novaes

Instituto de Geografia – UERJ

---

Prof. Dr. Fabio Tadeu de M. Santana

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – UERJ

---

Prof. Dr. Ivaldo G. Lima

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2020

## **DEDICATÓRIA**

A todos aqueles que caminharam comigo.

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho é resultado de uma trajetória que não teria sido a mesma sem a presença de grandes companheiros que me ajudaram de diversas formas, transformando o que era um projeto em um trabalho concreto. Desta maneira, agradeço: à minha família, sobretudo à minha mãe, os primeiros passos da carreira acadêmica derivam de sua força e dedicação; à minha grande amiga e exemplo, Simone Rentroia, que me ofereceu apoio e abrigo; aos meus grandes amigos, Bianca Lyrio, por dividir as aflições e alegrias, Gabriela Pujol, por me incentivar, Heitor Paiva, por ser porto seguro diante das adversidades e Karen Machado, por nunca deixar que eu duvidasse da minha capacidade.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Ulisses Fernandes, pelo suporte e, sobretudo, por ter me mostrado, no difícil ano de 2019, que apesar dos problemas é possível sobreviver e seguir (e produzir) em meio ao caos. São devidos os agradecimentos àquele que foi amigo e referência, Rodrigo Fernandes, pois sua paciência e colaboração foram fundamentais no desenvolvimento da pesquisa.

É imprescindível agradecer aos membros da banca, Prof. Dr. André Reyes Novaes, Prof. Dr. Fábio Tadeu de M. Santana e Prof. Dr. Ivaldo G. Lima – agradeço pela disponibilidade de compartilharem comigo este momento tão importante. Expresso também meu agradecimento à CAPES pois, sem a bolsa fornecida este trabalho não poderia ter sido desenvolvido com a mesma dedicação.

Por fim, agradeço à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em especial, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, haja vista este trabalho ser resultado de tudo que foi vivido nesta instituição.

Onde é esse paraíso  
O caminho que idealizo  
Na ascensão para esse altar  
Paquetá é um céu profundo  
Que começa neste mundo  
Mas não sabe onde acabar.

Hermes Fontes

## RESUMO

BARBOZA, Natasha de Souza. Nas dobras da paisagem: um olhar sobre a Pérola da Guanabara. 2020. 128 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

O presente trabalho objetiva, através de uma análise da paisagem, discutir os elementos que tornaram a Ilha de Paquetá uma ilha bucólica e idílica, alcançando o patamar de *Pérola da Guanabara*, bem como sua posterior decadência. Desta forma, em um primeiro momento, discutiu-se aquilo que fomentou a identidade de Pérola da Guanabara, interagindo a gênese do conceito de paisagem no ocidente com essa questão. Posteriormente, também atrelada a perspectivas pretéritas de compreensão da paisagem na Geografia, foi realizada uma análise do processo de ocupação da Ilha associado a intensas alterações em sua paisagem, desembocando na mudança de perspectiva acerca desta. Estão presentes, portanto, o caráter objetivo e subjetivo da paisagem, fazendo jus à necessidade de compreensão de como o real e o imaginário interagiram na trajetória da Ilha de Paquetá. Por fim, destaca-se a busca pela recuperação da identidade de Pérola da Guanabara, discutindo a intenção de diversos agentes que atuam na paisagem paquetaense, destacando o processo de decadência da Ilha e as ações e os agentes que atuam no sentido de resgatar a imagem de Pérola da Guanabara.

Palavras-Chave: Paisagem. Ilha de Paquetá. Pérola da Guanabara.

## ABSTRACT

BARBOZA, Natasha de Souza. Through the folds of the landscape: looking into the Pearl of Guanabara. 2020. 128 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This work aims to discuss, through an analysis of the landscape, the elements that made Paquetá Island a bucolic and idyllic island, from being known as the *Pearl of Guanabara* to its subsequent decay. Therefore, the identity of *Pearl of Guanabara* is discussed in a first moment through the interaction of the landscape concept genesis in the western culture and what fostered the island's denomination. Subsequently, also linked to past perspectives of understanding the landscape in Geography, there is an analysis of the occupation process on the Island, which was associated with intense changes in its scenery, resulting in a switch of perspective about it. Thus, the objective and subjective character of the landscape are present, living up to the need of understanding how the real and the imaginary interacted in Paquetá Island's trajectory. In conclusion, the search for the recovery of *Pearl of Guanabara's* identity is highlighted in the discussion about the intention of several agents who act on Paquetá's landscape, with emphasis on the island's decay process and the actions and agents who work to rescue the image of *Pearl of Guanabara*.

Keywords: Landscape. Paquetá Island. Pearl of Guanabara

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	O chimborazo de Alexander von Humboldt.....	30
Figura 2 –	<i>Ilha de Paquetá</i> , de Nicolau Antonio Facchinetti. - Pintada entre 1870 e 1890.....	32
Figura 3 –	Castagneto, Bote a seco na praia de São Roque em Paquetá, c. 1896. Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo.....	32
Figura 4 –	Pedro Bruno. <i>Paquetá</i> .....	33
Figura 5 –	<i>Pedro Bruno. Amor dos flamboyants, 1948</i> .....	33
Figura 6 –	<i>Enseada dos Tamoios, Paquetá</i> , de Nicolau Antonio Facchinetti. Pintada em 1883, óleo sobre Tela.....	36
Figura 7 –	<i>Vista de Paquetá para a corte</i> , de Nicolau Antonio Facchinetti. Pintada em 1886, óleo sobre tela.....	37
Figura 8 –	A Pedra da Moreninha, na praia de mesmo nome, Ilha de Paquetá. ...	41
Figura 9 –	A casa da Moreninha, Ilha de Paquetá.....	41
Figura 10 –	Ampliação parcial da carta da baía de Guanabara elaborada pela Diretoria de Navegação.....	46
Figura 11 –	Vegetação local de Paquetá.....	48
Figura 12 –	Vegetação a partir da Vista do Morro do Vigário (1).....	48
Figura 13 –	Vegetação a partir da Vista do Morro do Vigário (2).....	49
Figura 14 –	Boulders – Paquetá (1).....	49
Figura 15 –	Boulders – Paquetá (2).....	50
Figura 16 –	Busto de Andre Thevet, inaugurado em dezembro de 1994, e localizado na praia da Imbuca – Paquetá.....	56
Figura 17 –	Capela de São Roque, Ilha de Paquetá.....	59
Figura 18 –	Igreja Nosso Senhor do Bom Jesus do Monte.....	60
Figura 19 –	Representação de uma caieira, por Jean-Baptiste Debret.....	65
Figura 20 –	View from the Tamarind Tree at the Garden at Paquetà – april, 1871....	69
Figura 21 –	Jardins que cercavam as mansões em Paquetá.....	72
Figura 22 –	Propriedade em Brocório.....	73
Figura 23 –	Preventório Rainha Dona AMÉLIA.....	76
Figura 24 –	Mansão em Paquetá.....	83
Figura 25 –	Chalés em Paquetá.....	84

Figura 26 - Casario do tipo porta e janela.....	84
Quadro 1 - Tipos de imóvel por idade.....	85
Figura 27 – Edifício São Roque.....	85
Figura 28 – Vista do barraco onde moravam os futuros habitantes do conjunto habitacional Paquetá. Ao fundo o conjunto em vésperas de sua inauguração em 1952.....	87
Figura 29 – Chamada da matéria de jornal sobre os problemas de Paquetá.....	93
Figura 30 – A fuga de pescadores de Paquetá.....	95
Figura 31 – Limite de favela. Morro do PEC. ....	99
Figura 32 – Limite de favela. Morro do PEC. 1999.....	100
Figura 33 – Limite de favela. Morro do PEC. 2016 .....	100
Figura 34 – Morro do Buraco ou Morro do Vigário, em Paquetá.....	101
Figura 35 – Limite de favela. Morro do Vigário. 1999.....	102
Figura 36 – Limite de favela. Morro do Vigário. 2016.....	102
Figura 37 – Limite de favela. Morro do Gari. 1999.....	103
Figura 38 – Limite de favela. Morro do Gari. 2016.....	104
Figura 39 – Paquetá como paraíso turístico da classe operária .....	108
Figura 40 – Paquetá quer voltar a ser Pérola .....	111
Figura 41 – Paquetá enquanto uma ilha de oportunidades.....	113
Figura 42 – Paquetá ganha esgoto sanitário.....	114

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 A ARTE PICTÓRICA NA GÊNESE DA PAISAGEM DA PÉROLA DA GUANABARA .....</b>	<b>18</b>
1.1 A representação nas artes: gênese e estética da paisagem <sup>2</sup> . .....	20
1.2 A invenção da Pérola da Guanabara pela literatura.....	38
<b>2 PAISAGEM EM TRANSFORMAÇÃO: O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA ILHADE PAQUETÁ.....</b>	<b>50</b>
2.1 A paisagem para além das representações artísticas.....	51
2.2 Geografia “das velas desfraldadas”: as grandes viagens e os primeiros registros da Ilha .....	53
2.3 Caieiras, chácaras e lotes: a Ilha entre o final do Século XIX e o início do Século XX .....	60
2.4 Novos rumos para paisagem: perspectivas em transformação .....	79
<b>3 A ILHA QUER VOLTAR A SER PÉROLA: UM NOVO OLHAR SOBRE A PAISAGEM .....</b>	<b>88</b>
3.1 O processo de decadência da Ilha: realidade objetiva e subjetiva .....	88
3.2 Favelização em Paquetá: a derradeira decadência da paisagem pitoresca.....	95
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>124</b>

## INTRODUÇÃO

Abro minha janela e espero ver a paisagem – qualquer uma, mas sempre uma paisagem. Ela me salta aos olhos em sua forma completa, perfeita. Ela satisfaz plenamente a construção da proposição que a envolve e a faz nascer no exato momento em que a espero. Para que eu tome consciência de que se trata aqui de um projeto, de que a paisagem é construída por sua definição, é preciso que algo manque, que algo deixe de ser evidente, que, de repente, uma perturbação se produza: “Ah! Mas não é tudo aquilo que eu pensava!”

CAUQUELIN, 2007, p. 103-104.

A citação escolhida para iniciar nossas discussões revela o desconforto passível de surgir diante daqueles que adentram o campo dos estudos acerca do conceito de paisagem. Previamente possuímos uma noção daquilo que é este conceito-chave da Geografia. Nos deparamos com a paisagem embebidos daquilo que acreditamos que ela seja, mas ainda que nossa compreensão esteja baseada em saberes acadêmicos, podemos estar diante da limitação presente em uma entre as inúmeras formas de apreensão da paisagem.

Não somente se tratando do conceito de paisagem, esta citação também se aplica àquilo que nos levou ao nosso objeto de pesquisa, a paisagem da Ilha de Paquetá. Tão idílica, tão bucólica, cercada por mitos e lendas, a Ilha é antes que nossos olhos a vejam. Aqueles que ouvem falar sobre a mesma, cariocas ou não, escutam histórias e descrições que certamente conduzirão à construção de uma imagem: o paraíso perdido, um pedacinho de cidade pequena dentro da capital do estado do Rio de Janeiro.

O olhar geográfico foi o condutor que nos levou à *tomada de consciência*, visto que esta que escreve guarda profundas ligações afetivas com Paquetá, tornando laboriosa a tarefa de enxergá-la sob diferentes perspectivas. É preciso que *algo manque*, que haja entendimento de que existe algo além do que é evidente, para que então surja algum grau de compreensão da paisagem. Neste ponto o curso de mestrado trouxe à tona uma infinidade de saberes que nos conduziram à ótica de análise aqui apresentada. A proposta inicial não era trabalhar com o conceito de paisagem e a pesquisa foi encaminhada em outra direção. Os novos rumos surgiram no segundo semestre de 2018, quando o programa ofereceu a disciplina Políticas da Paisagem ministrada pelo Prof. Dr. Ulisses Fernandes, também orientador deste trabalho.

Aqui faz-se necessário o reconhecimento e agradecimento à dupla função exercida pelo orientador da pesquisa, visto que através das ricas discussões propostas em sala que a *perturbação* necessária se produziu. Inúmeros foram os questionamentos que surgiram diante

das perspectivas trabalhadas ao longo do semestre. A complexidade do conceito e os paradoxos que o cercam aos poucos foram desconstruindo aquilo que se imaginava saber. O conceito de paisagem, aos poucos se tornou objeto de grande interesse e não poderíamos seguir por outro caminho que não fosse este, associando os dois elementos, a ilha de Paquetá e a paisagem na Geografia.

No pré-projeto apresentado ao Programa de Pós-graduação, intitulado *Territorialidades e dinâmicas socioespaciais na Ilha de Paquetá: contrariedades e oposições contam uma só história*, nosso objetivo era investigar as antigas e as novas territorialidades presentes no bairro de Paquetá, no Rio de Janeiro. Almejávamos que a partir da identificação dos grupos que compuseram e compõe a Ilha de Paquetá, fosse possível compreender como tem ocorrido a construção das territorialidades e a forma como os antigos e os novos grupos têm se apropriado do espaço, dando seguimento às discussões iniciadas na monografia apresentada na conclusão da graduação.

Todavia, no decorrer do ano de 2018, o conhecimento oriundo do contato mais aprofundado com o conceito de paisagem desembocou na pretensão de construir o objeto de estudo a partir de novas questões, aquelas decorrentes da análise da paisagem. Sendo assim, o trabalho que aqui se apresenta surge do desconforto de uma pesquisadora, que se viu diante daquilo que parecia não saber compreender, ou daquilo que supunha conhecer. Teria sido menos oneroso permanecer na zona de conforto e caminhar por trajetos já conhecidos e seguros. Todavia o anseio pelo conhecimento trouxe novos rumos à pesquisa desaguando nesta produção, que buscou ser não apenas um material necessário para obtenção da titulação de mestre, mas um meio de obter respostas para complexos questionamentos que não poderiam ter sido alcançadas de outra maneira.

O objeto de estudo vem de um despretenhoso passeio à Ilha de Paquetá, realizado em 2013, quando na graduação, na busca para definir o que seria discutido na elaboração da monografia, o bairro pareceu oferecer-se como rico campo de estudos – e, até este momento, a pretensão envolvia a ideia de Paquetá enquanto bairro por conta das territorialidades nele contidas. Neste primeiro trabalho, o mergulho na história da ilha revelou a carência de literatura – especialmente sob o viés geográfico – que fosse capaz de abarcar a complexidade deste pequeno bairro, que repousa em calmas águas ao fundo da Baía de Guanabara. Desta maneira, buscando relacionar aquilo que uma jovem geógrafa observava com os saberes que a universidade oferecia, se consolidou o que seria o objeto de estudo presente em toda esta trajetória acadêmica: a paisagem da Ilha de Paquetá e sua ressignificação ao longo do tempo.

Paquetá está localizada ao fundo da Baía de Guanabara, ambiente que proporcionou o nascimento da cidade do Rio de Janeiro. Por suas características insulares tornou-se um ponto turístico bastante frequentado no circuito daqueles mais dedicados a conhecer a cidade. Associada à área central do Rio de Janeiro, a Ilha apresenta em sua paisagem uma beleza rústica, construções antigas e vegetação exuberante. Esses elementos compõem o cenário da pequena Paquetá que envolta em lendas, mitos e na famosa obra literária *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, atrai para si inúmeros turistas.

Ao visitar Paquetá, é comum se perder em seus encantos, envolvidos por todas as construções que buscam contar a história do glorioso passado deste bairro, muitas vezes não lembrado como tal. São muitos os que esquecem que Paquetá constitui uma das trinta e três regiões administrativas da cidade do Rio de Janeiro – a Ilha de Paquetá corresponde à XXI R.A. O chão de areia batida, as barcas, a ausência de automóveis, as praias e outros aspectos característicos da insularidade nos afastam da ideia de que a ilha é um bairro da agitada metrópole, parecendo ser uma cidade pequena, desconectada da lógica vivida pela grande maioria dos cariocas.

Em meio a tantos atributos físicos e fascinantes histórias, as relações humanas, que dão vida aos espaços, passam quase imperceptíveis para aqueles que visitam a Ilha, reforçando no imaginário popular a ideia de Paquetá como ilha dos amores, um lugar bucólico e aprazível. Não obstante a carga de estereótipos que recobrem a ilha, Paquetá apresenta complexidade em sua paisagem, oferecendo-se como rico mecanismo de análise das relações socioespaciais. Sendo assim, se faz necessário entender as várias dimensões pelas quais esta paisagem se organiza, notando-se os conflitos e ambiguidades como elementos que refletem a configuração da dinâmica socioespacial na ilha.

É importante destacar que apesar dos novos caminhos que a pesquisa percorreu, tudo o que foi estudado anteriormente não deveria ou poderia ser negligenciado. Foi a partir da história da Ilha, do processo de ocupação, da análise do processo migratório e da compreensão acerca da sua favelização, que repousamos uma outra perspectiva de análise. Se antes o objetivo era continuar os estudos sobre territorialidade na Ilha de Paquetá, trabalhando mais profundamente a questão da favelização e as relações entre os moradores tradicionais e os migrantes nordestinos sob a luz das dinâmicas socioespaciais, agora tomamos estes mesmos elementos sob o ponto de vista da paisagem.

O título deste trabalho evoca intencionalmente um conceito discutido por Cauquelin (2007), *as dobras da paisagem*. Segundo a autora, a dobra da paisagem é “onde se juntam, ponta com ponta, a natureza e sua figuração – essa dobra de sombra, essa lenta ascensão de

uma forma da qual jamais poderíamos pensar que não fosse dada desde o início como realidade” (p. 42). Desta maneira, entendemos que *Pérola da Guanabara* é a imagem resultante desta dobra, e lançamos mão da Geografia como instrumento capaz de permitir que compreendamos aquilo que se esconde nessas dobras. Buscamos, portanto, desfazer as dobras, que de acordo com Ane Cauquelin, “consiste em remontar a 'antes da dobra', apoiar-se na matéria-prima da 'causa mental'. Decompor elementos que foram as condições de possibilidades na história da edificação da paisagem” (CAQUELIN, 2007, p. 42).

Assim sendo, este trabalho objetiva discutir os elementos que tornaram a Ilha de Paquetá, uma ilha bucólica e idílica, alcançando o patamar de *Pérola da Guanabara*, bem como sua posterior decadência. Para tanto se faz necessário compreender as transformações sofridas por sua paisagem em consonância com as diferentes dinâmicas socioespaciais que permeiam sua história. Optamos por interagir as diferentes abordagens da paisagem pela Geografia com a investigação socioespacial de Paquetá, e esta escolha se justifica pela necessidade, em primeiro lugar como pesquisadora, de compreender de forma ampla e completa o conceito elencado para balizar esta pesquisa; e também por considerarmos que a identidade de *Pérola da Guanabara* dialoga diretamente com diversos elementos que compõe a trajetória do conceito na Geografia, desembocando na totalidade de compreensões hoje disponíveis para aqueles que dedicam-se a esta temática.

O ponto nevrálgico de nosso trabalho diz respeito a trajetórias: tanto a da Ilha de Paquetá, como a do conceito de paisagem dentro ciência geográfica. A partir da interação da trajetória do conceito com a trajetória da Ilha, buscamos não realizar um estudo essencialmente histórico, mas, perceber as inúmeras maneiras de interpretar a paisagem e compreender de que maneiras a relação do homem com a paisagem da Ilha manifestou-se através do simbolismo de *Pérola da Guanabara*. Dito isso, pretende-se, especificamente: 1 – Identificar nas diferentes abordagens da paisagem desenvolvidas ao longo da história do pensamento geográfico aquelas que permitem elucidar questões acerca do objeto analisado; 2 – Investigar quais foram os elementos e processos que transformaram a paisagem da Ilha de Paquetá; 3 – Compreender de que modo as alterações na dinâmica socioespacial da Ilha, ao longo de seu processo de ocupação, se refletiu nas modificações sofridas pela paisagem, implicando no caráter simbólico de *Pérola da Guanabara*; 4 – Entender como atuam os agentes transformadores da paisagem mediante seus interesses.

Este trabalho busca, portanto, responder a diversas questões que surgem para aqueles que se propõem a estudar a Ilha de Paquetá. Por exemplo: como se deu e quais foram as razões que levaram à ocupação desta pequena ilha no fundo da Baía de Guanabara? O que fez

dela o fenômeno identitário Pérola da Guanabara? Que elementos foram responsáveis pelo prestígio adquirido pelo bairro? Quais fatores levaram à sua decadência? Como se encontra a Ilha nos dias atuais? A resposta para todas estas indagações converge para a justificativa da pesquisa, que se dá, em primeiro lugar, pelo reconhecimento da relevância do conceito de paisagem para a Geografia. Além disso, nossas pesquisas revelaram escassez de literatura dentro de nossa ciência, referentes à Ilha de Paquetá, portanto tornam-se relevantes produções que analisem a Ilha pela perspectiva geográfica. A recente retomada da relevância de Paquetá no cenário carioca também aponta para a necessidade de que se compreendam as dinâmicas socioespaciais, pretéritas e presentes que compõe a paisagem da Ilha pois, é desta maneira que será possível apreender as novas ações e agentes que buscam apropriar-se do bairro.

A fim de alcançar nossos objetivos, em um primeiro momento, visando ampliar o conhecimento e elaborar o referencial teórico-conceitual do estudo, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática da área a ser estudada e sobre a trajetória do conceito de paisagem na ciência geográfica. As fontes secundárias foram imprescindíveis na realização deste trabalho, guardadas as ressalvas de que confrontar este tipo de material, sua utilidade e presença neste estudo, resultam da análise crítica desta pesquisadora, que se preocupou demasiadamente em repousar sua discussão em fontes coerentes. Além disso, o trabalho de campo, recurso tão importante para a Geografia, também foi utilizado como forma de obter conhecimento acerca das dinâmicas espaciais pretéritas e presentes no bairro.

Adotamos como metodologia o estabelecimento de uma relação de diálogo entre o arcabouço teórico acerca do conceito de paisagem e o objeto de estudo, procurando aproximações por meio de recortes temporais. Portanto, o nosso recorte espacial será sempre o mesmo, a Ilha de Paquetá, enquanto o recorte temporal se expande e se contrai desde o início do processo de ocupação da Ilha e da gênese da paisagem no ocidente até as transformações mais recentes na paisagem de Paquetá, bem como das abordagens do referido conceito pela Geografia.

O retorno ao passado da Ilha se justifica porque é necessário o conhecimento das relações que se estabeleceram em tempos pretéritos para que possamos compreender a paisagem que hoje se manifesta, acompanhada das dinâmicas socioespaciais que animam o cotidiano do bairro. No que se refere ao conceito de paisagem, a forma que elegemos para abordá-lo associa-se à ideia de que este, “por mais reelaborado tenha sido, não deixou de guardar a essência do que sempre pretendeu. Além do mais, tampouco os geógrafos de hoje deixaram de buscar na literatura consagrada do passado resgate de produção científica que se torna presente” (FERNANDES, 2009, p. 34).

Intentamos realizar nosso trabalho visitando o passado da Ilha e paralelamente realizando uma análise do conceito de paisagem. Este recuo na história da Ilha nos permite um resgate do conceito diante de suas variadas abordagens. Mesmo sendo a ocupação de Paquetá anterior à instituição da Geografia enquanto ciência, é possível estabelecer recortes onde ambas reflexões se interconectem e estabeleçam correlações. A opção que adotamos para realizar as discussões acerca do referido conceito, buscando associar a paisagem da Ilha ao debate estabelecido pela ciência geográfica em diferentes períodos, também pode ser explicada pelo fato de concordamos com Schier (2003, p. 85), que ao discutir as diferentes formas de abordagem da paisagem pela Geografia ressalta que devido à complexidade do conceito “torna impossível qualquer análise geográfica sob a luz de uma única abordagem. Assim, toma-se então que o olhar a partir de uma determinada abordagem constrói um filtro que ressalta o que essa abordagem propõe”.

Dito isso, no primeiro capítulo deste trabalho iniciamos o percurso de análise entre as diferentes possibilidades de abordagem da paisagem ao longo de seu próprio curso e de nosso recorte empírico de estudo. Neste momento faremos um retorno às gêneses, tanto da ideia de paisagem que se concretiza no ocidente quanto daquilo que fez de Paquetá a *Pérola da Guanabara*. Através do encadeamento pela arte pictórica, buscamos discutir o quanto as artes influenciaram a noção/ideia de paisagem no ocidente bem como a relevância desta forma de expressão na consagração da Ilha. Apesar de a fama se estabelecer em momento posterior à chegada dos colonizadores, optamos por iniciar o trabalho sob esta perspectiva, pois os elementos que a constituem e que desembocaram nesta noção estabelece relações com diversos processos que influenciariam os rumos de Paquetá, mesmo antes da concepção deste título.

O segundo capítulo, em um primeiro momento constrói uma análise da paisagem que vai aos poucos se desprendendo do paradigma da estética, adentrando uma reelaboração de sua própria significação, agora sob a perspectiva da ciência. Posteriormente trazemos à tela as grandes viagens de exploração que tanto colaboraram com o desenvolvimento da ciência geográfica e que também permitiram a chegada dos europeus às terras brasileiras, decorrendo destas os primeiros registros da Ilha na sociedade ocidental. Avançamos nas discussões a partir das considerações sobre a paisagem que derivam e extrapolam a Geografia moderna. Assim, nos baseamos nos debates oriundos das escolas alemã e francesa para discutir o início e o estabelecimento do processo de ocupação de Paquetá, que se dá mediante a intensificação da instalação das indústrias caieiras na localidade. Este capítulo também tratará da perspectiva acerca da paisagem permitindo o aprofundando de questões pertinentes à *paisagem original* e

*paisagem cultural*. Traremos luz às transformações na paisagem da Ilha, que passa a ser densamente ocupada, sobretudo, em um primeiro momento, por uma elite que atuará no sentido de obter melhoramentos em sua infraestrutura. E posteriormente, conforme destacam Carvalho e Zylberbeg (1991), quando a ilha passa a ser ocupada, basicamente, pela classe média. Para finalizar o capítulo, exporemos aquilo que desencadeará o processo de decadência da Ilha, em especial a adoção do modelo neoliberal de gestão do Estado, que durante as décadas de 1970 e 1980 implicará na perda de prestígio da Ilha no cenário carioca. Associado a isto, buscando equalizar os recortes temporais, trataremos do encaminhamento para o movimento de renovação da Geografia, que desembocará em outros modos de conceber a paisagem.

Finalmente, no terceiro e último capítulo, nossa preocupação é abordar as concepções de paisagem decorrentes do movimento de renovação da ciência, tendo como proposição maior, realizar uma análise da busca pela recuperação do ideário de *Pérola da Guanabara*, notadamente nos anos 1990. Elencamos, a princípio, a substituição da descrição subjetiva pela objetividade descritiva da paisagem, bem destacada por Cantero (2006), colocando em tela os impactos gerados pelo abandono do poder público na gestão da Ilha de Paquetá. Posteriormente abordaremos as mudanças mais recentes ocorridas na ilha, entre elas o processo de favelização. Finalizando o trabalho, trataremos diretamente da questão que envolve as ações ligadas à tentativa de retomar a identidade de *Pérola da Guanabara*.

Quando elegemos este artifício de análise esperamos que ao final do trabalho possamos obter uma visão ampla dos diversos significados e processos que constituem a dinâmica socioespacial de Paquetá. Temos como fio condutor o debate de diferentes modos de analisar o mesmo recorte empírico, sempre sob a ótica da paisagem. Aqui assumimos a inspiração na dissertação de mestrado do orientador desta pesquisa, que corajosamente assumiu os riscos desta proposta de análise, resultando em um premiado trabalho, o que nos entusiasmou a seguir por este caminho. Desta maneira, esta que escreve se coloca como aprendiz, que se empenha em também fornecer contribuições que possam enriquecer discussões que se desenvolvam neste sentido.

## 1 A ARTE PICTÓRICA NA GÊNESE DA PAISAGEM DA PÉROLA DA GUANABARA

Primeiro a natureza, e depois a arte daqueles que compreenderam, e minha arte se eu for capaz disso. Caso contrário, a luz e a água e o êxtase ainda estão diante de mim, e os lábios úmidos de desejo.

Albert Camus

A paisagem é alvo de interesse de diversas ciências, haja vista seus significados e formas de apreensão terem sido – e ainda o são – objeto de discussão nos mais variados campos do conhecimento científico. Deste modo, seja por uma abordagem física ou humana, é possível afirmar, em decorrência desta ampla gama de áreas de estudo dedicadas a este conceito e das diversas abordagens possíveis dentro da própria Geografia, que a trajetória da paisagem se revela complexa na medida em que envolve a coexistência da objetividade e da subjetividade como forma de análise. “Notadamente, nas ciências humanas, esta base física ganha dimensões de entendimento ora se interpondo com uma compreensão metafísica do homem, ora introjetando conexão estética para além do sensível” (FERNANDES, 2009, p. 24).

Com este capítulo, damos início ao percurso de análise das diferentes possibilidades de abordagem da paisagem, ação primaz na constituição do nosso objeto de estudo. Este é o marco inicial daquilo que temos como objetivo geral, que é utilizar o referido conceito-chave da Geografia como instrumento capaz de permitir a compreensão da dinâmica socioespacial da Ilha de Paquetá sob a perspectiva do fenômeno identitário de Pérola da Guanabara. Desde sua origem, a Geografia moderna tem despendido bastante atenção à paisagem e, a partir do momento em que esta ciência insere tal conceito nas bases de seus estudos até os dias atuais, notam-se diversas alterações na forma de concebê-lo, alimentando críticas e debates em relação às definições elaboradas, o que permite complexa e instigante discussão acerca do tema.

Ainda que a Geografia contemporânea já tenha percorrido um longo caminho, tornando distante a definição de paisagem em relação direta com as artes, não se pode negar que o aspecto sensível e estético que este conceito ainda guarda, pode ser explicado, em sua gênese, pela interpretação artística. Nossa preocupação nesse capítulo é estabelecer esta correlação entre o real e o estético que marcou a pretérita compreensão da paisagem no ocidente. Se ainda hoje a paisagem não está desprendida de uma conotação simbólica, é preciso que se investigue quais aspectos oriundos das artes estão presentes na origem da concepção deste conceito.

Já no século XIX, a Geografia tem a paisagem como base para a compreensão das relações entre sociedade e natureza que se materializam no espaço. Da mesma maneira, podemos dizer que este componente é o que dá sentido àquilo que tornou Paquetá um símbolo, permeando o imaginário carioca e atribuindo ao bairro enorme valor. Ou seja, tanto Paquetá quanto a ciência geográfica têm a paisagem como elemento basilar. Portanto, é a partir de tal premissa que relacionaremos a idealização da paisagem que se concretiza na sociedade ocidental, e posteriormente na Geografia moderna, com Paquetá e o discurso de pérola da Guanabara, presente no período o qual a Ilha<sup>1</sup> vivenciou grande prestígio diante do cenário da cidade do Rio de Janeiro.

A partir dessa premissa é que nos propomos a perscrutar o passado da Ilha e as circunstâncias que lhe valeram esse título. Paralelamente a tal investigação realizaremos uma análise do conceito de paisagem tal como ela vem sendo apropriada pela ciência geográfica. Entendemos que ambos – o conceito de paisagem geográfica e a história da Ilha de Paquetá – encontram-se firmemente imbricados. Mesmo sendo a ocupação de Paquetá anterior à instituição da geografia enquanto ciência, é possível estabelecer recortes onde ambas reflexões se interconectem e estabeleçam correlações. Conexões que revelam não apenas a história da Ilha, mas também como possíveis interpretações da paisagem se cristalizam na forma de discursos que, por sua vez, acabam por fazer parte das identidades espaciais.

Não obstante, qual seria o ponto de partida? Em que marco podemos aproximar a Ilha de Paquetá e o conceito de paisagem? A resposta a essas perguntas, encontram-se nas páginas seguintes, mas também na busca por entender a origem da designação *Pérola da Guanabara*, que a Ilha recebeu em data incerta, mas que caracterizou seus anos áureos. Salientamos que “há sempre uma intenção no resgate do passado” (GOMES, 1997, p. 31), e por isso analisaremos a titulação de *Pérola da Guanabara* enquanto uma narrativa, pois “neste sentido, a história deixa de ser um ‘historicismo’, e passa a ser vista como narrativa. Só analisando a narrativa e os sentidos que ela procura é que podemos obter uma análise objetiva” (GOMES, 1997, p. 31).

Não é possível determinar uma data na qual Paquetá tenha sido reconhecida como *Pérola da Guanabara*, sendo uma incorporação sutil, fortemente atrelada à noção de paisagem no pensamento ocidental, não havendo uma marca espaço-temporal que seja capaz de localização, para então explicar essa complexa relação entre o homem e a Ilha. A paisagem se consolida permitindo a leitura do mundo e, assim se coloca, pois, induz à descrição. O que

---

<sup>1</sup> Assim como Lia de Aquino e Sonia Zylberberg (1991), optamos por usar o termo Ilha para nos referir ao bairro de Paquetá, adotando o termo com grafia minúscula para as demais ilhas que compõe o bairro.

é visível pode ser descrito e o que transcende os sentidos físicos se perpetua através de narrativas. Sendo assim, neste capítulo estaremos diante da análise daquilo que constituiu Paquetá enquanto a mais idílica das ilhas da Guanabara. Entre tantas, a sua pérola.

### 1.1 A representação nas artes: gênese e estética da paisagem<sup>2</sup>.

Não poderíamos pensar em compreender a gênese do conceito de paisagem sem antes realizar um questionamento básico, que nos surgiu como um desconforto ao aprofundarmos o contato com este conceito. Sobretudo, porque entendemos que a resposta determinará a maneira de compreender a paisagem. Sendo assim, damos início às nossas discussões elucidando essa primeira indagação, que esbarra em pensar materialidades e imaterialidades ou do que é transcendente ou imanente ao conceito que se estuda. A paisagem sempre esteve disponível para que o homem a descobrisse? Ou seria a paisagem uma invenção humana? A noção de que temos hoje, especialmente no senso comum, parece tão naturalizada que é incomum que se faça essa reflexão, todavia o conceito é carregado de historicidade permitindo que reflitamos sobre tal questionamento.

Ao considerarmos somente os elementos naturais enquanto formadores da paisagem, podemos nos aproximar da ideia de que esta sempre esteve materializada, estando apenas à espera do homem tomar consciência para descobri-la, e então descrevê-la. Todavia, esse pensamento parece bastante superficial, distante de qualquer consideração filosófica. Anne Cauquelin (2007) explicita que a paisagem é uma *invenção*. Tal autora deixa clara sua posição na obra intitulada *A Invenção da Paisagem*. Há autores que defenderão a paisagem não só como uma construção mental, sendo também a constituição material das coisas, conforme expressam Marandola e Oliveiras (2017), ao discutirem as origens da paisagem em Augustin Berque.

Analisar as diferentes posturas diante da discussão acerca da paisagem como invenção ou como constituição material, nos induz a considerar que há caminhos partindo de pontos diferentes para responder a mesma questão. Mas acreditamos que como em todo processo de construção do pensamento científico, é necessário considerar as hipóteses, bem como se apresentem provas e argumentos para que seja validada. Independentemente da

---

<sup>2</sup> Utilizamos a noção de estética da paisagem em concordância com Milani (2006), uma vez que o autor discorre sobre a paisagem como categoria estética, haja vista considerar na interpretação da paisagem se estão presentes o sentimento de beleza, o pitoresco, o sublime e o trágico, elementos que estão relacionados à noção de estética.

escolha que se faça para redarguir tal questão, é ingênuo que não se considere todas as possibilidades que surjam como forma de análise. Isto se torna mais patente no caso em tela, onde um conceito que atualmente parece pronto e simplificado, carrega grande complexidade na medida em que é resultante de acúmulos, avanços e justaposições na construção de sua epistemologia.

Neste trabalho nos aproximamos da compreensão que abarca a paisagem em seus aspectos materiais e imateriais, e tanto neste capítulo quanto ao longo de todo o texto, estes dois elementos da paisagem sustentam nossas discussões, pois como aponta Jean-Marc Besse:

não se trata, portanto, de negar o visível, mas de lhe atribuir além da experiência sensível que dele se pode fazer, um outro estatuto, uma outra função: o visível revela algo. Ele exprime. O que quer dizer que ele não é unicamente uma representação. Sem desprezar a existência e o papel das imagens e das percepções no processo eminentemente complexo da definição da paisagem, parece possível avançar a ideia de que a paisagem não se reduz a uma representação, a um mecanismo de projeção subjetiva e cultural (BESSE, 2006, p. 64).

Por tal lógica, a compreensão da existência da paisagem parece exigir que se considere a ocorrência de uma relação entre pensar a paisagem, viver a paisagem e olhar a paisagem. Ainda que não se negue a realidade material e objetiva que a compõe, não é coerente abrir mão deste elemento humano, que se apresenta como essencial: o homem que pensa e representa a paisagem. Destacamos, assim, o pensamento de Roger (2007) no qual ele afirma que a paisagem não é imanente nem transcendente, mas que sua origem é humana e artística. Para o autor;

la percepción, histórica y cultural, de todos nuestros paisajes - campo, montaña, mar, desierto, etc. - no requiere ninguna intervención mística (como si descendiera del cielo) o misteriosa (como si subiera del suelo); se opera según eso que yo llamo, retomando una palabra de Montaigne, una 'artealización' (ROGER, 2007, p. 14).

*Pérola da Guanabara*, titulação paquetaense que dá nome a este capítulo, revela a representação e a idealização da paisagem da Ilha em um recorte temporal específico, que avançou pelos anos, ainda que muitas vezes, trazendo à memória um sentimento saudosista de uma Paquetá que não é mais a mesma. Essa denominação é, exatamente, o resultado da relação que indicamos anteriormente: do pensar, do viver e do olhar uma paisagem, sobretudo uma paisagem *artealizada*, uma vez que a dimensão de Paquetá, enquanto “Pérola da Guanabara” se encadeia por uma dimensão estética. Por isso, a necessária compreensão do que fez da Ilha este ícone é tão relevante para nós, pois é através desta que introduzimos

nossas discussões sob o pilar que consideramos ser necessário para que se compreenda este ente que buscamos analisar, a paisagem.

A supracitada denominação remete ao passado da Ilha, sinalizando um momento de sua grande relevância no cenário da cidade do Rio de Janeiro. Momento em que foi reconhecida, como bem destacou a escritora Rachel de Queiroz no prefácio do livro de Vivaldo Coaracy (1965, p. 32), denominado *Paquetá, Imagens de Ontem e de Hoje* – “a mais bonita, a mais romântica, a mais conhecida das ilhas da Guanabara”. Não se sabe ao certo em que data a Ilha recebeu a alcunha de *Pérola*, todavia nossas pesquisas revelaram que desde 1900 ela já era assim tratada em periódicos e jornais, como exemplo, em publicação da *Gazeta de Notícias*<sup>3</sup> de 17 de maio de 1900, em que os moradores de Paquetá foram referenciados como pertencentes à Pérola da Guanabara. Apesar do desconhecimento acerca das datações, foi tarefa mais simples buscar respostas para o porquê deste reconhecimento. Em livro dedicado a Ilha de Paquetá, as autoras Lia de Aquino Carvalho e Sônia Zylberberg apontam para a relevância da fisionomia do bairro como elemento que justifica o seu título. “Conhecida que foi como ‘Pérola da Guanabara’, a Ilha de Paquetá ainda conserva bastante o seu aspecto natural primitivo que lhe valeu essa denominação” (CARVALHO e ZYLBERBEG, 1991, p. 26).

Podemos perceber assim, que este título é reflexo de uma paisagem marcadamente expressiva por seus aspectos físicos, que a diferenciava do restante da cidade, sendo a Ilha reconhecida como uma valiosa raridade. Esta distinção pode ser percebida pelas palavras de Joaquim Nabuco, diplomata, político e escritor membro da Academia Brasileira de Letras, no livro *Minha formação*, originalmente publicado em 1900:

a ilha de Paquetá é uma joia tropical, sem valor para os naturais do país, mas de uma variedade quase infinita para o pintor, o fotógrafo, o naturalista estrangeiro. Para mim ela tinha a sedução especial de ser uma paisagem do Norte do Brasil desenhada na baía do Rio. Enquanto por toda parte à entrada do Rio de Janeiro o que se vê são granitos escuros cobertos de flores contínuas guardando a costa, em Paquetá o quadro é outro: são praias de coqueiros, campos de cajueiros, e à beira-mar as hastes flexíveis das canas selvagens alternando com as velhas mangueiras e os tamarindos solitários. Ao lado, entretanto, dessas miniaturas do Norte encontram-se na ilha a cada canto do mar rochas revestidas com a mesma característica vegetação fluminense (NABUCO, 1998 [1900], p. 234-235).

Sobre a Ilha de Paquetá, devido aos seus aspectos peculiares, se instaurou uma atmosfera de exceção, ou seja, somente naquele ambiente, naquela pequena ilha, era possível

<sup>3</sup>Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_04&pesq=P%C3%A9rola%20da%20Guanabara&pasta=ano%20190](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pesq=P%C3%A9rola%20da%20Guanabara&pasta=ano%20190). Acesso em: 18 fev. 2020.

encontrar tamanha beleza, explicando o reconhecimento de ser uma *Pérola*. Tal idealização e crença de que somente Paquetá poderia oferecer ao espectador tamanho encanto, fica bastante evidente em *Paquetá como eu vi*, artigo de Carmen Nicias De Lemoine, publicado na revista *Cultura Política – Revista mensal de estudos brasileiros*:

em todas as partes do mundo existe sempre um lugar excepcionalmente belo onde buscam a inspiração os artistas, e os sonhos os enamorados. Ali em geral o céu é mais estrelado, mais sereno, mais límpido; ali a terra é mais pujante, quase sempre selvagem e simples, sem grande influência da mão do homem. No Rio de Janeiro, escondida no fundo da baía, entre uma série interminável de outras tantas, já uma ilha grande e bonita, o sonho poético do carioca - é Paquetá (DE LEMOINE, 1943, p. 121).

Essa natureza exuberante de Paquetá influenciou poetas, pintores, viajantes e músicos. Por exemplo, o fragmento destacado no início deste capítulo, é parte da música *Luar de Paquetá*, um tango-fado, que se tornou o hino oficial da Ilha em 1964, tendo como intérprete F. J. Freire. A letra foi elaborada em 1922 pelo poeta Hermes Fontes e a música como um todo ficou bastante conhecida na voz do cantor Carlos Galhardo. Em sua composição, o poeta revela os encantos da natureza de Paquetá – fortemente romantizados – que exerceram grande fascínio não só para este, mas sobre diversos artistas. Logo, para compreender Paquetá, enquanto Pérola da Guanabara, é necessário que se estabeleça um diálogo com as artes e com a literatura, visto que, neste momento, a Ilha foi representada em diversos movimentos artísticos, onde eram valorizados sobremaneira seus aspectos naturais.

A natureza é o elemento central quando tratamos da idealização de Paquetá enquanto ícone de encantos e beleza. O que justifica a sua presença no movimento artístico, tanto na pintura quanto na literatura. Ou seja, a exuberância de seus elementos naturais colocou Paquetá entre as mais belas ilhas da Guanabara, onde artistas encontravam inspiração e expressão para suas obras. Paquetá ganha *status* ao tornar-se um cenário de belezas disponível aos olhos daqueles que pretendiam, de alguma forma, capturá-la em sua arte.

Desta maneira, considerando nossa pretensão em traçar um diálogo entre o objeto de estudo e o conceito de paisagem, torna-se primordial estabelecer um recorte temporal que conduzirá a busca por estabelecer o diálogo entre o objeto de estudo e conceito de paisagem. Optamos por marcar este recorte para tal proposta em um período que levou ao surgimento, ou como melhor nos parece adequado, a invenção ou *artezalização* da paisagem.

Pretendemos assim, iniciar nossas correlações a partir do momento em que, no ocidente, se entende a paisagem de forma indissociável da pintura. Até ao século XVIII, a

paisagem era sinônimo de pintura, assim, foi na mediação com a arte que o sítio (o lugar) adquiriu estatuto de paisagem (ROSENDAHL e CORREA, 2001, p. 15). A *mediação*, colocase como termo que melhor correlaciona tal indissociabilidade entre pintura e paisagem, haja vista a primeira ter inserida em si a paisagem. Contrariando o que apontou Cauquelin (2007) acerca da relação entre pintura e paisagem, Roger (2007, p. 71) explicita que

sin embargo, esta solidaridad [entre paisagem e pintura] no autoriza a hablar, como dice Anne Cauquelin, de un "nacimiento conjunto del paisaje y de la pintura" y menos aún a decretar que el 'problema' de la pintura "desde su nacimiento ha sido el problema del paisaje, hasta el punto de que el uno no puede prescindir de la otra.

A paisagem conforme se estabeleceu na Geografia moderna, tem suas origens na representação daquilo que era objetivo, a natureza, fosse na cartografia ou na pintura. Conforme destaca Besse (2006), os historiadores, inúmeras vezes, chamaram a atenção para o fato de o vocabulário utilizado no século XVI, para descrever as representações geográficas, era idêntico àquele utilizado para a pintura da paisagem, ou seja, a forma do pintor e do *geógrafo* olharem a paisagem guardavam semelhanças, apesar de não serem idênticas.

Tanto no princípio da trajetória da Geografia como ciência moderna – e conseqüentemente da origem do conceito de paisagem no ocidente – quanto em tempos contemporâneos, nas análises das correntes cultural e humanista onde a paisagem é muitas vezes relacionada à pintura e à literatura, encontramos o aspecto subjetivo, que outrora fundamentou-se na visão artística da natureza. Por isso, há de se considerar que a significação da paisagem, desde sua origem, se destaca pela necessidade fenomenológica de que se compreenda que sua própria existência esta correlacionada com um ser que a observa.

Não eram somente os pintores ou os geógrafos que compartilhavam da sutileza do olhar pictórico e naturalista, pois essa sensibilidade era comum entre diversos estudiosos e profissionais. Besse (2006, p.19) cita Piero Camposeri para explicitar que

o modo deles observarem a natureza e lerem a paisagem constituía um patrimônio comum a todo um meio cultural onde o olhar do pintor, do arquiteto, do escultor tinha a mesma percepção do real que aquele de um filósofo cheio de curiosidade, de um investigador de metais ou de um técnico de minas.

Diante disso, quando abordamos a representação da paisagem nas artes e mais especificamente a forma de representá-la, que desembocará no conceito que baliza a geografia moderna, as palavras de Cantero (2006, p. 109) parecem elucidar a noção de que esta forma de olhar não era exclusiva de um ou outro grupo, mas representava a visão de mundo de seu tempo, haja vista que “a paisagem, assim como entendemos hoje, é uma descoberta moderna,

que começa a se manifestar na segunda metade do século XVIII, e que se encontra diretamente ligada com o mundo da arte e com o mundo da ciência”.

O século XVIII foi marcado por diversas mudanças na maneira de pensar e agir da sociedade e segundo o autor supracitado “essas mudanças sinalizaram o nascimento e o desenvolvimento do horizonte romântico, e estiveram associadas a novos modos de entender paisagem” (CANTERO, p. 109). O autor ainda destaca que “no âmbito da ciência, um importante desenvolvimento do conhecimento da natureza, vinculado as ciências naturais e a geografia física, e as vezes associado ao desenvolvimento das grandes viagens de exploração” (CANTERO, p. 109). Tudo isso foi de grande importância para construir o modo moderno de ver a paisagem. Este autor ainda nos traz importante contribuição quando destaca que neste momento também surge uma nova visão científica da natureza como totalidade ordenada e da paisagem como expressão dessa ordem natural. À medida que a natureza é entendida como totalidade ordenada, não seria possível que uma paisagem abarcasse esse todo, conforme destaca Simmel (2009, p. 06),

[u]m pedaço de natureza" é, em rigor, uma contradição em si; a natureza não tem fracções; é a unidade de um todo, e no momento em que dela algo se aparta deixará inteiramente de ser natureza, porque ele só pode existir justamente no seio dessa unidade sem fronteiras, só pode existir como uma onda da torrente conjunta que é a "natureza".

Sendo assim, encontramos nas palavras do mesmo autor validade para aquilo que bem indicou Cantero (2006): a paisagem será a expressão dessa ordem, e como expressão representará a personificação ou a maneira como se apresenta – ou ainda, se representa – essa natureza. A representação da paisagem e sua compreensão, diferentemente da natureza, para serem inteligíveis precisam de um limite, precisa ser demarcada e não deve ser confundida com a própria natureza. Confusão entre os termos – paisagem e natureza – que Cauquelin (2007) acredita ter origem na pintura, mas que pode ser esclarecida seguindo o pensamento de Simmel.

Para a paisagem, é justamente essencial a demarcação, o ser-abarcada num horizonte momentâneo ou duradouro; a sua base material ou os seus fragmentos singulares podem, sem mais, surgir como natureza - mas, apresentada como "paisagem", exige um ser-para-si talvez óptico, talvez estético, talvez impressionista, um esquivar-se singular e característico a essa unidade impartível da natureza, em que cada porção só pode ser um ponto de passagem para as forças totais da existência. Ver como paisagem uma parcela de chão com o que ele comporta significa então, por seu turno, considerar um excerto da natureza como unidade - o que se afasta inteiramente do conceito de natureza (SIMMEL, 2009, p. 6).

Por conseguinte, é possível afirmar que a paisagem se manifesta como quadro da natureza, onde o pintor é responsável por fazer a passagem do real, da natureza ilimitada, para os limites de uma cena. Se o conceito de paisagem que norteará a Geografia moderna guarda profunda ligação com a arte pictórica, seguiremos esta análise buscando compreender quando, de fato, surge esse termo. Conforme já destacado, de acordo com Roger (2007), não se pode falar de um surgimento simultâneo entre pintura e paisagem. Através de Cauquelin (2007), depreende-se o que já aparenta estar claro, ou seja, não foi da geografia científica que a noção de paisagem se originou, tendo em vista, nas palavras da autora,

autores confiáveis situam seu nascimento por volta de 1415. A paisagem (termo e noção) nos viria da Holanda, transitaria pela Itália, se instalaria definitivamente em nossos espíritos com a longa elaboração das leis da perspectiva e triunfaria de todo obstáculo quando, passando a existir por si mesma, escapasse a seu papel decorativo e ocupasse a boca de cena (CAUQUELIN, 2007, p. 35).

Para Roger (2007) a paisagem pictórica tem origem no norte europeu e não na Itália, destacando que “foi no Norte, na França e, sobretudo, nos Flandes e nos Países baixos, onde os pintores assimilaram a lição implícita do naturalismo descritivo e diferenciador descoberto pelos artistas da Itália setentrional na época do *Trecento*” (p. 74). Ademais, Roger (2007) também aponta, retomando aqui a questão do nascimento da paisagem e da pintura, que “não foi a pintura que induziu a paisagem, mas essa pintura concreta que, inventando um novo espaço no Quattrocento, nela inscreveu, progressiva e laboriosamente, essa paisagem concreta” (p. 72).

Roger (2007) assinala que foram as escolas do Norte que em seus estudos ou em suas pinturas que não retratavam os objetos de maneira isolada, desconsiderando seu entorno natural. Essa concepção é de extrema relevância para a compreensão da gênese da paisagem ocidental, onde os objetos não são representados de maneira independente, mas fazendo parte da composição de uma cena. A relevância é tal que irá refletir-se na forma da geografia moderna representar a paisagem, como exemplo, em Humboldt. Pedras (2000, pp. 98-99) destaca que “a paisagem de Humboldt é o exercício constante de uma mente curiosa que tenta, enfaticamente, se aproximar ao encontro do novo. As construções dos quadros remetem sempre à realidade físico espacial” e, desta maneira, os elementos, alvo de estudo, não poderiam ser representados a parte de seu entorno.

A construção do termo ou da noção de paisagem pode ser compreendida por diferentes momentos de sua gênese, mas esta sempre ligada à natureza. Neste trabalho, consideramos em primeiro plano, e sobretudo neste capítulo, a paisagem como categoria

estética, pois neste segmento do trabalho, como será visto mais adiante, interessa a representação da paisagem pelo homem e, neste sentido, concordamos com Milani (2006) quando o autor destaca que

el hombre, al imitar la naturaleza, actúa en tanto que *naturante* por medio del genio que ella (la naturaleza) ha infundido em los hombres: Al hombre corresponde viver la naturaleza como mundo, generar lo posible que se propone en lo real. En este sentido y em esta dirección, que incluye también el gusto y la actividad humana, se puede afirmar asimismo que arte y categoría estética son correlativos em este caso (Milani, 2006, p. 68).

Em contraponto a apreensão da natureza pela arte e conseqüentemente à paisagem ligada à estética, não se pode deixar de elencar o que Cauquelin (2007) evoca, através do pensamento dos filósofos gregos: a concepção de uma *natureza ecônoma*<sup>4</sup>, que resultaria em outro entendimento acerca da paisagem. De fato, seria correto dizer que esse entendimento da natureza se distancia da aceção comum no ocidente para a paisagem, visto que em tudo ela *parece opor-se*<sup>5</sup> à questão estética, tendo a natureza caráter utilitário e naturalista.

De acordo com Roger (2007) um conjunto de circunstâncias foram substanciais para a invenção da paisagem ocidental, tendo o tema da perspectiva um papel definitivo. Para o autor a laicização dos elementos naturais foi relevante, pois somente assim estes poderiam ter um valor em si, não sendo valorados a partir das determinações religiosas,

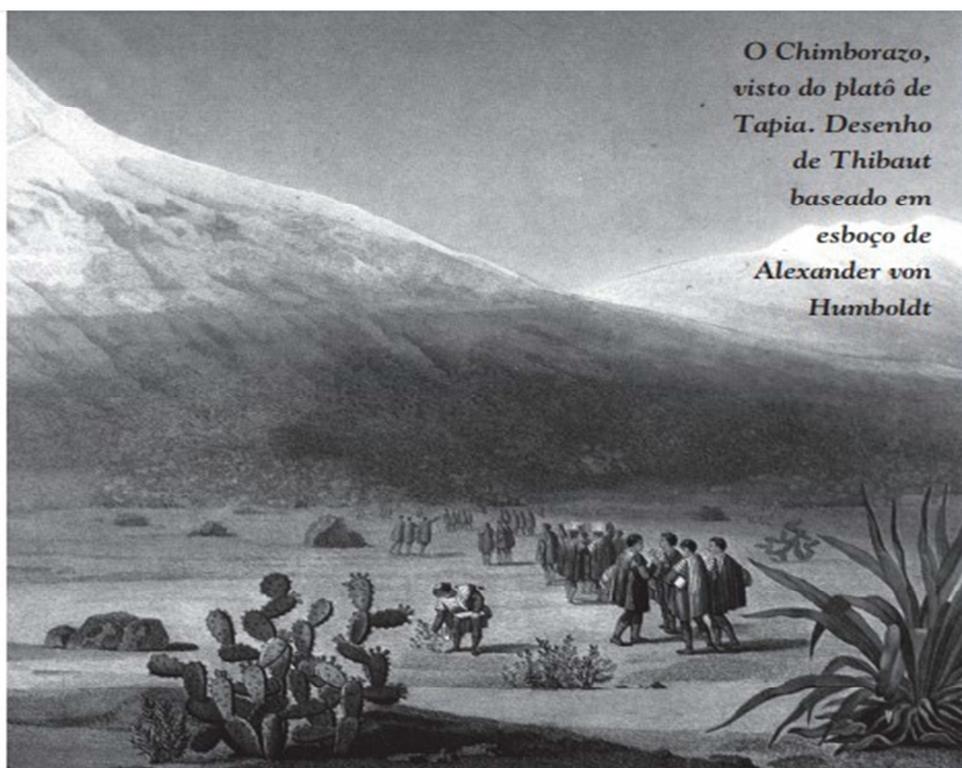
enquanto estavam submetidos a cena religiosa não eram mais que signos distribuídos, ordenados, em um espaço sagrado que, somente ele, lhes conferia certa unidade. Por isso, na Idade Média, a representação naturalista não oferece nenhum interesse; poderia prejudicar a função edificante da obra. Portanto, é necessário que estes signos se desprendam da cena, tomem distância, se afastem, e este será, precisamente, o papel da perspectiva (ROGER, 2007, p. 76-77).

Decorrente da inserção da perspectiva surge o que o autor supracitado coloca também como circunstância para a paisagem ocidental: “agora é necessário que os elementos naturais se organizem entre si em um grupo autônomo, com o risco de que prejudiquem a homogeneidade do conjunto” (ROGER, 2007, p. 77). Essa característica pode ser vista inclusive na Figura 1, onde os elementos da cena são compostos em grupos ou planos autônomos que conferem uma homogeneidade a cena retratada.

<sup>4</sup> Apesar de a autora esclarecer que não há referências sobre “paisagem” no pensamento filosófico grego antigo, é necessário que se tenha noção de uma ideia de natureza baseada em um ideário de valoração diferente daquele naturalizado pelo pensamento ocidental, o estético.

<sup>5</sup> Utilizamos a expressão “parece opor-se”, pois acreditamos que para abranger em sua totalidade o conceito de paisagem, especialmente para a Geografia, significa tomar como ponto de partida as duas aceções, não como opostas, mas ambas como componentes daquilo que se faz presente na paisagem, o seu valor por si e sua utilidade.

Figura 1 – O chimborazo de Alexander von Humboldt



Fonte: Alexander von Humboldt (1808), “Vorrede zur ersten Ausgabe”, in *Ansichten der Natur*, Greno Franz, Nördlingen, 1986, p. 9. Fonte: Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32883>. Acesso em 11/01/2019.

Apesar a relevância dos aspectos apontados, Roger (2007, pp. 80-81) afirma que o evento decisivo para a invenção da paisagem no ocidente foi a aparição da *janela*. “A janela é, efetivamente, esse quadro que, isolando-o, envolvendo-o na pintura, converte o país em paisagem”. Segundo Fernandes (2009, p. 66) “[d]as primeiras demandas de artistas italianos no Século XIV até chegar aos artistas flamencos do século seguinte, são aprimoradas as técnicas as quais transformam o país em paisagem”. Buscando elucidar a questão dos termos, destacamos que

[d]o termo primitivo, o latim *pagus* = país (BOLÓS i CAPDEVILA, 1992; PASSOS, 2006-2008) derivaram quatro outras palavras (prefixos), *paese*, *país*, *pays* e *land*, onde as três primeiras possuem o mesmo significado (país) e sentido do termo original, que se refere a uma porção do espaço geográfico, a uma região geográfica, um território. O quarto termo, *land*, quer dizer terra, mas seu sentido é igualmente o mesmo dos demais. A terra, nesse caso, pode ser entendida como uma região, um terreno, uma propriedade rural, uma porção territorial, seguindo certo paralelismo com o significado de país (BARBOSA e GONÇALVES, 2014, p. 93).

Ou seja, quando Roger (2007) e Fernandes (2009) abarcam a conversão do país em paisagem, os autores fazem referência a um *status* que se adquire por meio do olhar atrelado à cultura e ao sensível. O país, nesse caso é um termo que designa a terra sob viés utilitário,

agrícola e não por um viés estético. Roger (2007, p. 32) cita Martin de la Soudière quando este autor, baseado em seus estudos com os camponeses de Margeride, aponta que

a paisagem é o aspecto dos lugares, é o relance, é uma distância que se adota a respeito da visão cotidiana do espaço. Para estes agricultores, o entorno raramente é "paisagem", pois na maioria das vezes o trabalho agrícola é incompatível com esta disponibilidade de tempo e de espírito. De fato, o termo paisagem é quase sempre inadequado para eles [...]. O registro estético parece estar fagocitado pelo utilitarismo, o belo é definido pelo que é útil.

Anne Cauquelin também disserta sobre a relevância da perspectiva na compreensão dessa noção de paisagem que deriva das artes. Para a autora, “a perspectiva – que é passagem através, abertura (per-scapere) – alcança o infinito, um ‘além’ que sua linha evoca” (CAUQUELIN, 2007, p. 36). Ademais, esta mesma autora explicita que, a partir desta técnica, “a paisagem adquiriria a consistência de uma realidade para além do quadro, de uma realidade completamente autônoma, ao passo que, de início, era apenas uma parte, um ornamento da pintura” (CAUQUELIN, 2007, p. 37). Percebe-se, então, que a paisagem adquire um novo *status*, ela ganha autonomia e desperta novas estruturas da percepção,

pois essa "forma simbólica" estabelecida pela perspectiva não se limita ao domínio da arte; ela envolve de tal modo o conjunto de nossas construções mentais que só conseguiríamos ver através de seu prisma. Por isso é que ela é chamada de "simbólica": liga, num mesmo dispositivo, todas as atividades humanas, a fala, as sensibilidades, os atos (CAUQUELIN, 2007, p. 38).

Quando a paisagem ganha autonomia e, como destacou a autora, passa a envolver estruturas de percepção, pode-se falar que a perspectiva tem grande relevância neste processo, tendo em vista que ela tem esse papel de aprofundar a relação daquele que vê o quadro com os sentimentos que são despertados pelo modo como se vê. “É a lei da perspectiva que tece, entre os elementos armazenados no saber, a tela de uma visão sintética. A proporção e a superposição dos planos levam a ‘ver’, ou seja, a compreender aquilo que a visão sensível, particular, muitas vezes dissimula” (CAUQUELIN, 2007, p. 85).

A partir das ponderações traçadas até aqui, podemos sublinhar a produção artística de alguns pintores que foram buscar na natureza quase primitiva da Ilha de Paquetá a sua inspiração. Nossa proposta é que nessas imagens possam ser notados tanto os elementos que foram discutidos referentes à questão da pintura, como a perspectiva e a forma de conduzir o olhar sobre a natureza. Além disso, buscamos entender como essa dinâmica arte-natureza eleva Paquetá ao *status* Pérola da Guanabara. Tais pinturas nos serão igualmente úteis para os demais apontamentos deste capítulo.

As pinturas abaixo pertencem a artistas que de alguma forma estabeleceram uma relação com a Ilha. Nicolò Agostino Facchinetti [1824-1900], com pintura identificada pela Figura 2, segundo Carvalho e Zylberbeg (1991), esteve em Paquetá, reproduzindo as suas paisagens. Ainda de acordo com as autoras “outro nome famoso é Giovanni Battista Felice Castagneto [1851-1900] – vide a Figura 3 –, que deixaria registrado, em sua extensa obra, os aspectos ‘das praias, dos mares, das pedras de Paquetá’” (CARVALHO e ZYLBERBEG, 1991, p. 99). E não poderia ser excluído do presente trabalho o pintor Pedro Paulo Bruno [1888-1949], “que pintaria a ilha onde nasceu e se criara” (CARVALHO e ZYLBERBEG, 1991, p. 99), e que em 1920 fora responsável pelo movimento artístico da Liga de Paquetá – vide as Figuras 4 e 5.

Figura 2 - *Ilha de Paquetá*, de Nicolau Antonio Facchinetti. - Pintada entre 1870 e 1890.



Fonte: <http://artenarede.com.br/blog/wp-content/uploads/2016/01/Paqueta5.jpg> . Acesso em: 15/12/2018.

Figura 3 - Castagneto, *Bote a seco na praia de São Roque em Paquetá*, c.1896.

Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo.



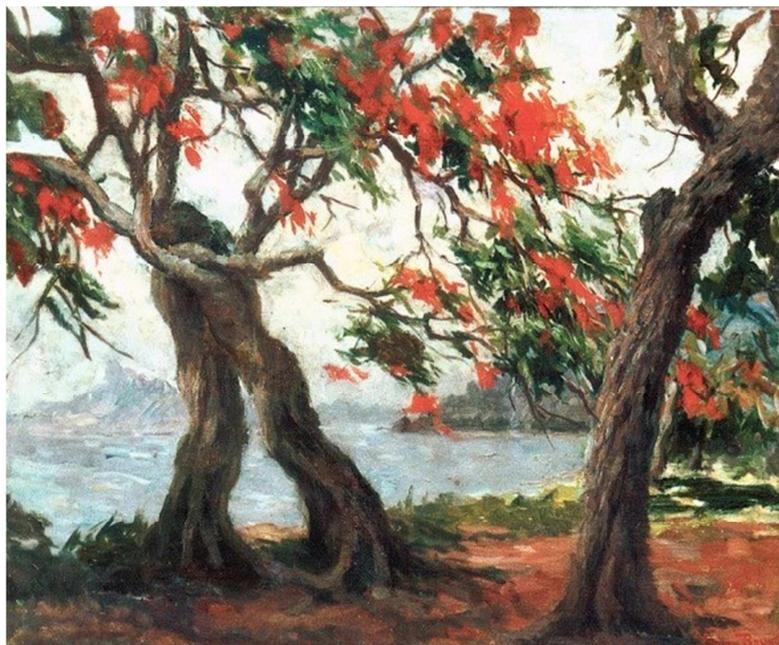
Fonte: Oliveira, H., 2007, p. 93. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281530/1/Oliveira\\_HelderManueldaSilvade\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281530/1/Oliveira_HelderManueldaSilvade_M.pdf). Acesso em 15/01/2019.

**Figura 4** - Pedro Bruno. *Paquetá*.



Fonte: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra8724/paqueta>. Acesso em: 15/01/2019.

Figura 5 - Pedro Bruno. *Amor dos flamboyants*, 1948



Fonte: <https://pintorpedrobruno.com/galeria/>. Acesso em: 15/01/2019.

Ainda que algumas das pinturas aqui apresentadas sejam do século XIX, ressaltamos que ao dar início a este trabalho admitimos que haveriam discrepâncias em relação à escala temporal. Da mesma forma entendemos que tal *heterogenia* de tempos não traria prejuízo às nossas análises. Sendo assim, ainda que os recortes temporais não sejam os mesmos, o elemento central, a paisagem e sua representação podem ser correlacionados sem que ocorram incongruências. Há, de fato, elementos da paisagem comuns em escalas temporais distintas.

Dito isso, diante das pinturas elencadas, nota-se que a natureza da Ilha é o elemento que se destaca, especialmente nas pinturas de Pedro Bruno, haja vista, conforme Angyne Costa, citada por Carvalho e Zylberbeg (1991), afirmar, “Pedro Bruno tinha que ser, fatalmente, o que o meio ambiente determinou que ele fosse: um impressionista, um colorista forte, onde se sente pulsar com vibração a natureza” (p. 101). Então questionamos: a qual visão ou quais visões da Ilha essas representações nos dão acesso? Qual ou quais *formas simbólicas*, como destacou Cauquelin, essas imagens significam?

Nessas imagens a paisagem é retratada de maneira bucólica – quase sempre ausente de pessoas, retomando a ideia de paraíso intocado. Ao mesmo tempo em que antecipa ao espectador a noção de Pérola da Guanabara, reafirmam o imaginário acerca da Ilha.

A inesgotável riqueza dos elementos naturais encontraria um lugar privilegiado, o quadro, para aparecer na harmonia emoldurada de uma forma, e incitaria então o interesse por todos os aspectos da Natureza, como por uma realidade à qual o quadro daria acesso (CAUQUELIN, 2007, p. 37).

A representação da Ilha passa a ser um convite para que se desfrute de sua realidade e também meio de despertar o interesse em quem as vê para que se conheça seus encantos, afirmando uma realidade.

Retomamos a questão conceitual assinalando, conforme afirma Besse (2006), que a paisagem só adquire uma significação estética quando se desenvolve como um *gênero* de pintura a partir dos séculos XVII e XVIII. “No século XVI, não se conhecia a paisagem no sentido moderno do termo” (CAMPORESI, 1995, p. 11 Apud BESSE, 2006, p. 20)<sup>6</sup>, sendo nesse período apreendida como

um espaço a ser apreendido em seus traços geográficos-econômicos essenciais e sob seus aspectos humanos, com algo da sensibilidade profissional do mercador ou do agrimensor, mais do que contemplado de modo desinteressado pelo inefável prazer do espírito, consumido em doces percursos sugestivos, em devaneios indevidos e injustificados ou, menos ainda integrado em implicações ligadas à esfera do espírito e da meditação religiosa (CAMPORESI, 1995, p. 11 *apud* BESSE, 2006, p. 20).

É também no século XVI que “a cartografia e a pintura de paisagem não se comunicam apenas pela escala da corografia” e “um dos eventos mais significativos desta história é justamente a aparição e o desenvolvimento concomitante da noção de uma ‘paisagem mundo’ e de uma nova representação cartográfica do ecúmeno” (BESSE, 2006, p. 23). Essa nova noção de paisagem “traduz visual e imaginariamente a promoção da geografia como discurso específico, distinto da cosmografia, consagrado à descrição da Terra universal” (BESSE, 2006, p. 23).

O autor destaca que os quadros que representam essa *paisagem mundo* possuem um modo tal de representar os acidentes do espaço – a saber, os elementos naturais – que se percebe uma unidade ao fundo das imagens, “um fundo indefinidamente aberto e que remete a um espaço e um tempo cósmico dentro dos quais a história humana é como que evocada na sua relatividade” (BESSE, 2006, p. 25). Ao retornarmos à Figura 2, nota-se exatamente essa descrição. O fundo da paisagem retratado por Facchinetti aparenta não se encerrar no próprio quadro, conclui-se que é pela técnica da perspectiva que a paisagem se expande para além do quadro.

<sup>6</sup> CAMPORESI, P. *Les Belles Contrées. Naissance du paysage italien*, Paris. Le promeneur. 1995. p. 11 citado em nota (12) por Besse (2006, p.20).

Se até o século XV, a paisagem estava diretamente atrelada ao caráter sagrado da religião. Diante do que se coloca aqui e considerando o papel do Renascimento – e tudo do que dele decorreu –, podemos afirmar que paisagem que se concretiza da pintura, associada à técnica da perspectiva, consolida uma nova forma de ver o mundo, opondo-se à visão medieval. Não podemos negligenciar a influência do Romantismo nas mudanças pelas quais passou a paisagem e que, sem dúvidas, persuadiriam a visão de Humboldt na constituição das bases da ciência geográfica.

Essa nova sensibilidade romântica se deixou sentir, desde a segunda metade do século XVIII, no mundo das expressões artísticas, mas se deixou sentir também, ao mesmo tempo, no mundo dos estudos naturalistas, nos quais, junto a visão rigorosamente científica, apareceu uma visão mais artística ou poética, diretamente conectada com a emoção e o sentimento que procura chegar, para além da explicação, ao entendimento das coisas, de suas causalidades e de seus valores (CANTERO, 2006, p. 111).

Conforme destaca o supracitado autor, é nessa inter-relação entre a ciência e a arte que se constituiu em uma das chaves do modo moderno de entender a paisagem, justapondo a razão e o sentimento. Dando grande relevância às viagens de Johann Wolfgang von Goethe [1749-1832] à Itália, Besse (2006) afirma que a paisagem surge de um olhar intencional sobre um lugar, que destaca os elementos vivos que farão a composição da cena ou do quadro. “A paisagem é a representação, no intercâmbio incessante entre a pintura e a natureza, ou antes, na transposição pictórica da percepção da natureza”, e Goethe “reuniu numa fórmula lapidar todas as potencialidades teóricas e metafísicas desta transposição” (BESSE, 2006, p. 46). O autor ainda complementa:

é pelo olhar do artista que a natureza se revela numa imagem. No entanto, esses pintores, que leram tão bem dentro da natureza, não representam somente uma natureza, mas a “magia” ou o “charme” indissociável da natureza, e, sobretudo, a harmonia entre a paisagem e a sensibilidade daquele a quem a paisagem se oferece” (BESSE, 2006, p. 46).

Voltamos assim à pintura de Facchinetti, consagrado pintor de paisagens. Para embasar as relações que buscamos estabelecer aqui é relevante sabermos que, segundo Mello Júnior (1982), à época do ensino acadêmico desse artista, predominavam as escolas romântica e neoclássica idealista, que acabariam por influenciar sua obra.

Nas obras que seguem – Figuras 6 e 7 – ressaltamos essa experiência de observar a imagem e notar a magia do lugar. As cores do céu, por exemplo, aparentam criar uma atmosfera particular e poética para Ilha. Nesse sentido, Cantero (2006) destaca que:

as paisagens do artista romântico, por mais idealizados que possam ser, em algumas ocasiões, estão sempre conectadas com a natureza, com a realidade natural; não são criações alegóricas ou ilustrações teológicas, mas expressões mais ou menos poetizadas da natureza, da ordem natural que rege o mundo, e a qual o homem pertence (CANTERO, 2006, p. 112).

Figura 6 - Enseada dos Tamoios, Paquetá, de Nicolau Antonio Facchinetti. Pintada em 1883, óleo sobre Tela.



Fonte: <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/czDAAA/>. Acesso em: 15/01/2018. F

Figura 7 - Vista de Paquetá para a corte, de Nicolau Antonio Facchinetti. Pintada em 1886, óleo sobre tela.



Fonte: <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/cActD/>. Acesso em: 15/01/2018.

Ainda que Facchinetti não seja um pintor essencialmente romântico, podemos encontrar traços da descrição feita por Cantero (2006) em suas pinturas. Especialmente quando colocamos Paquetá no contexto de “Pérola da Guanabara”, pois, “se a paisagem é uma representação, esta imagem só encontra seu sentido metafísico nos parâmetros de uma teoria sentimental” (BESSE, 2006, p. 48). Na transposição pictórica da percepção de natureza realizada por Facchinetti nota-se o *charme* da natureza paquetaense.

Aquilo que Besse (2006) coloca como “magia”, “charme”, ou o que Goethe chamou de “uma *grace* na paisagem italiana”<sup>7</sup>, que envolve o sentimento ou a emoção, pode ser entendido como o aspecto subjetivo da paisagem, aquilo que se revela ao olhar não pelo *que se vê*, mas *como se vê*. Nesse sentido, resgatamos a correlação de Fernandes (2009) quando o autor aborda a magia da paisagem Goethiana e o *Gênio do lugar* de Roger (2007).

A Ilha de Paquetá, especialmente no contexto que fez dela a mais pitoresca e encantadora das ilhas da Guanabara, é um desses lugares que pode ser correlacionado ao que nos diz Maurice Barrés, citado por Alain Roger (2007): “nos obrigam a mandar calar nossos pensamentos e a escutar até o mais profundo de nosso coração. Silêncio! Os Deuses estão aqui” (p. 26). Mas essa constatação não pode satisfazer o pesquisador. É preciso que busquemos saber o que desperta essa sensação. Pois é também nas palavras de Alain Roger que encontramos resposta satisfatória.

Esses bons gênios não são naturais nem sobrenaturais, são culturais. Se frequentam esses lugares é porque habitam em nosso olhar e, se habitam em nosso olhar, é porque nós viemos da arte. O espírito que respira aqui e “inspira” estes sítios não é outro que o da arte, que por meio de nosso olhar, *artealiza* o país em paisagem (ROGER, 2007, p. 26).

Desta maneira o *gênio* de Paquetá, que eleva a Ilha à condição de Pérola da Guanabara existe porque há um aspecto estético. A representação pictórica da natureza da Ilha, somada à literatura, que abordaremos mais adiante, é que constroem o espírito e a magia de Paquetá e que não existiria sem ambos, porque são aspectos culturais. “O gênio do lugar depende, em essência, da *artealização in visu*, que insufla sua respiração, inspira seu espírito” (ROGER, 2007, p. 28).

Ao abordar o gênio do lugar sob a perspectiva de Roger, Fernandes (2009) traz a possibilidade da relação desta explicação para a presença do *Gênio Ródio* na obra de Humboldt – e salientamos que para nosso trabalho é relevante que abordemos a questão do Gênio Ródio em Humboldt visto que, esta obra fomentou elementos que estarão presentes na concepção de paisagem dos geógrafos modernos.

Ao concluir o *Gênio Ródio*, seu autor tornou-se o primeiro a incorporar cientificamente o conceito de paisagem como duplo objetivo/subjetivo nas bases do discurso estético-filosófico (SILVEIRA, 2015, p. 7). Considerando o que pretendemos neste capítulo, e no trabalho como um todo, não poderíamos deixar de abordar a consolidação do aspecto subjetivo na interpretação humboldtiana da paisagem. Silveira (2015, p. 16) ressalta que para

<sup>7</sup> Ver Besse, Jean-Marc. Vapores no Céu. A Paisagem italiana na Viagem de Goethe. In: Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Humboldt é “necessário fazer ver ao admirador da obra a conformação entre o artista e a cena na realização genial da arte”.

A pintura da paisagem não é tampouco puramente imitativa; tem, sem dúvida, um fundamento mais material e há nela algo mais terrestre. Exige dos sentidos uma variedade infinita de observações imediatas, que deve assimilar-se ao espírito para fecundá-las com seu poder e dá-las aos sentidos sob a forma de uma obra de arte. O grande estíolo da pintura da paisagem é o fruto de uma contemplação profunda da Natureza e da transformação que se verifica no interior do pensamento (HUMBOLDT, 1948 apud SILVEIRA, 2015, p. 16).

Assim a representação estética da paisagem guardará a comunhão entre as perspectivas objetivas e subjetivas da forma.

Seja como descrição poética, seja como pintura, a paisagem revela, na forma tomada em conjunto, na cena contemplada pelo observador que a descreve ou pinta genialmente, a relação e harmonia existente entre todos os particulares e a unidade orgânica do Cosmos (SILVEIRA, 2015, p. 17).

Nessa expressão estética, que envolve materialidades e imaterialidades a paisagem parece reencontrar a totalidade, “ela é coincidência do universal e do particular, onde, sob o modo de afeto, se realiza o poder do conhecimento absoluto” (BESSE, 2006, p. 58). Se a paisagem adquire o aspecto subjetivo há de se considerar tanto a percepção do sujeito quanto sua capacidade de transformação da natureza, o que consubstanciaria a geografia moderna.

Tudo quanto dá caráter individual à paisagem: o contorno das montanhas que limitam o horizonte num longínquo indeciso, a escuridão dos bosques de pinheiros, a corrente que se escapa de entre as selvas e bate com estrépito nas rochas suspensas, cada uma destas coisas tem existido, em todos os tempos, em misteriosas relações com a vida íntima do homem (HUMBOLDT, 1952, p. 212 apud SILVEIRA e VITTE, 2009, p. 5).

Conforme destaca Cantero (2006) “a paisagem é, para o geógrafo moderno, materialidade e forma, mas é também, ao mesmo tempo, uma representação culturalmente ordenada e valorizada dessa realidade material e formal” (p. 108). Assim, a paisagem tal qual é entendida na modernidade, é resultante de toda a relação que foi estabelecida com a ordem estética, com artes, e sobretudo, a arte pictórica e não poderíamos fazer afirmação diferente quando tratamos da Ilha de Paquetá.

## 1.2 A invenção da Pérola da Guanabara pela literatura

Ao abordarmos a paisagem e sua representação nas artes, acreditamos que não podemos nos limitar à questão da pintura, especialmente quando estamos nos propondo a analisar o conceito em compasso com a observação de nosso objeto. Diante do que foi discutido até este ponto, é possível advogar que não foi somente a representação imagética da Ilha que extrapolou seus limites e fez reconhecer-se a *Pérola da Guanabara* por toda a cidade. É necessário, pois, que se observe o papel da literatura nessa dinâmica.

Cauquelin (2007) ao abordar como são inventadas as paisagens, destaca que há uma passagem de estatuto entre o lugar que se “descobre” e o lugar que será mergulhado em sensibilidade que lhe dará a condição de paisagem. Nesse sentido, Cauquelin (2007, p. 93) diz que “temos que admitir a importância da arte nessa fabricação”, e segue dizendo que “parece que para as duas descobertas da montanha ou do litoral, a literatura foi a primeira. Poemas, meditações, relatos de viagem abriram caminho. A pintura vai no encalço”. Por isso, ainda que já tenhamos discutido a representação pictórica da Ilha de Paquetá, adentramos no campo da literatura, na medida em que esta é uma expressão artística que terá grande influência na difusão de um imaginário que reforçará a atmosfera de encantos das belezas naturais do bairro.

Muito antes de Luar de Paquetá, música citada no início deste capítulo, sendo outro elemento que contribuiu para a consolidação da atmosfera que fez da Ilha a Pérola da Guanabara, foi o livro *A Moreninha*, romance publicado em 1844 por Joaquim Manoel de Macedo, um dos iniciadores do romantismo na literatura brasileira. Devido à sua repercussão, dedicamos algumas páginas ao romance. Segundo Coaracy (1965), sua obra caracteriza-se pela fluência simples da linguagem, pela exatidão das descrições de hábitos e cenas familiares, pelo intransigente respeito a rigorosos conceitos da decência e, sobretudo, por um açucarado sentimentalismo que toca por vezes as raias da pieguice. Fato que justifica, à época, o autor ser lido, em sua maioria, por adolescentes.

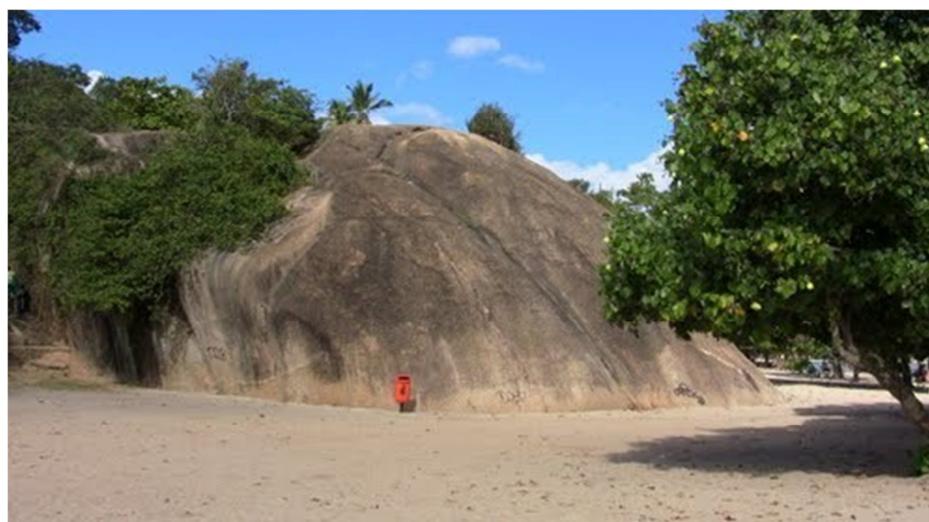
Cabe destacar que no livro não existem referências diretas à Ilha, o termo *Paquetá* não é encontrado em suas páginas e não há nenhuma indicação precisa para que seja possível identificar a Ilha como cenário da história. Todavia, difundiu-se a crença de que Paquetá era o cenário da narrativa de Joaquim Macedo e, sendo assim, também se acreditou que a história era baseada em um personagem real entre os antigos habitantes do bairro. Destaca-se assim o

potencial imagético da paisagem do bairro, que foi capaz de captar para si o cenário do famoso romance.

Independentemente de a história ser verídica, e sendo a lenda mais bonita que a realidade, Coaracy (1965) aponta que, para todos os efeitos, a *Moreninha* existiu e viveu em Paquetá, de onde se tornou a figura simbólica. Cabe ressaltar que, conforme indicam Carvalho e Zylberbeg (1991), passou-se a acreditar que o romance se passou na Ilha, pois o local onde se desenrola a trama confere com as descrições das paisagens de Paquetá.

Essa tradição, que começou como história, se materializou na paisagem da ilha, ainda que de forma forjada. Hoje é possível encontrar em Paquetá a Rua Manoel Macedo, homenageando o autor da obra, e uma praia que teve sua antiga designação alterada para Praia da Moreninha. E ainda segundo Coaracy (1965), foi Bruno Nunes quem, para fins publicitários, deu a uma chácara a denominação *A Moreninha*, pela qual ficou sendo desde então conhecida. Para justificar a designação, afirmava ele ter sido a casa, construída pelo Coronel Amorim, a residência da heroína do popular romance. E apontava a íngreme Pedra de Itanhangá – hoje conhecida como *Pedra da Moreninha* [vide a Figura 8] – como sendo a rocha no alto da qual se colocava a moça, estendendo os olhos pelo mar, para aguardar o barco que trazia, para visitá-la, o namorado. Há ainda a *casa da Moreninha* – vide a Figura 9 –, um chalé rosa, também materializou elementos do romance de Joaquim Manoel Macedo. Paquetá foi locação das gravações de *A moreninha*, novela produzida duas vezes pela Rede de Televisão Globo, sendo a primeira versão em 1965 e a segunda dez anos depois. O mesmo romance também foi adaptado para o cinema em 1970.

**Figura 8** - A Pedra da Moreninha, na praia de mesmo nome, Ilha de Paquetá.



Fonte: WIKIGOGO, 2018

**Figura 9** - A casa da Moreninha, Ilha de Paquetá.



Fonte: GOOGLE, 2018.

“Os encontros naturais de Paquetá sempre exerceram grande fascínio sobre os artistas em geral” (CARVALHO; ZYLBERBEG, 1991, p. 99). Assim, para compreender como os poemas também abriram caminho para aquilo que se consolidaria através das imagens, utilizamos alguns exemplos famosos. Publicada, no século passado, no *Arquivo do Retiro Literário Português*, a poesia de Manuel J. Gonçalves Júnior é bastante representativa do ideário romântico com que eram tratados os aspectos naturais da ilha, elevando o lugar ao estatuto de paisagem a partir de inserção de profunda sensibilização dos elementos naturais da Ilha.

*Surgindo d'água à flor, coberta de verdura  
O mar em tórno dela, assim branco murmura:  
- Tu és da Guanabara a mais formosa filha;  
Nenhuma como tu, no seu regaço brilha;  
Tão bela e tão louçã, ó Paqueta saudosa!  
Eu mesmo, nos vai-vens da luta porfiosa,  
Ao ver o solo teu coberto de verdores,  
Em ti penso beijar a Ilha dos Amores.<sup>8</sup>*

Também destacamos *Serenata*, publicado em 1938 no livro *Sublimação*, de autoria da poetisa Gilka Machado, durante anos moradora da ilha. Neste poema, é interessante notar que a autora explicita que ao olhar a paisagem, mesmo estando diante do real, esta induz a imaginação de um tempo, o tempo primaveril. Além disso, tanto neste quando em outros poemas, o luar e as águas de Paquetá são tratados como elementos místicos, singulares, que conferem à *Pérola da Guanabara* características que lhe são particulares.

<sup>8</sup> Vide: <http://reficio.cc/publicacoes/rio-antigo/ilha-de-paqueta/>. Acesso em: 18/02/2020.

*Fazes com que te olhando imaginemos  
tôda uma floração primaveril  
debruar-te extremos  
do arqueado céu febril  
na hora extrema do poente;  
e que esfolhada trêmula e esplendente  
em tuas águas de esmeralda e anil!  
Ó Paquetá dos meus deslumbramentos,  
ó Paquetá dos lentos  
luares,  
seduzem-me esses teus lirismos singulares,  
quando, aos silêncios quedos  
do plenilúnio, lúbrica, desmaias,  
e beijos de astros mordem-te os rochedos,  
e volúpias de luar lembem-te as praias!<sup>9</sup>*

O último escrito que destacamos não é um poema, mas um trecho do livro do *O Corcovado*, de Manoel de Araújo Porto Alegre, escrito em 1847. Ainda que o objetivo de nosso trabalho não seja examinar sua vida ou obra, é importante que se destaque sua produção devido às suas relações com os estudos de paisagem. Squeff (2000, p. 273) destaca que Araújo Porto-Alegre

desenvolveu extensa e profícua atividade de crítico de arte, iniciando o debate a respeito da nacionalidade nas artes plásticas brasileiras. Com o mesmo ímpeto transformador, engajou-se na vida cultural da corte como arquiteto, poeta, dramaturgo, diplomata e editor de importantes revistas literárias do tempo.

Sob a lógica de uma definição para a paisagem nacional, a referida autora destaca a relevância de Araújo Porto-Alegre no projeto oitocentista de definição da nacionalidade brasileira. E para tanto esse autor passou a articular a arte e a paisagem nacional. “Pode-se vislumbrar em seus escritos duas formas de definição da paisagem: uma que enfatiza a natureza tropical e outra que privilegia a paisagem urbana da corte” (SQUEFF, 2000, p. 273). Além disso, o supracitado autor complementa afirmando que para Porto-Alegre,

como elemento que marca a peculiaridade nacional, a natureza devia ser tema preferencial da arte produzida na Academia. Por isso, o ensino de pintura de Paisagem deveria privilegiar também a leitura de autores como Humboldt, Lineu e Cuvier, que preparariam o artista brasileiro a captar os diferentes matizes da natureza tropical (SQUEFF, 2000, p. 274).

Bispo (2009) destaca que a atenção ao gênero paisagístico despendida por Manuel de Araújo Porto-Alegre mereceria ser considerada nas suas relações com as ciências naturais, pois salienta que, na visão de Manuel de Araújo, seriam sobretudo os naturalistas aqueles que

<sup>9</sup> Vide: [http://artigos.netsaber.com.br/resumo\\_artigo\\_2751/artigo\\_sobre\\_gilka-machado](http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_2751/artigo_sobre_gilka-machado). Acesso em: 18/02/2020.

ensinavam os artistas a pintar. Sendo assim, entende-se que mesmo Porto-Alegre não tendo pintado a paisagem de Paquetá, o seu pensamento também está materializado em sua obra literária. Há a presença da paisagem como aspecto encantador, assim como a valorização dos aspectos físicos dessa mesma paisagem tropical, e, no caso de Paquetá, há também aquilo que faz dela a *Pérola da Guanabara*: o espírito, ou o gênio do lugar, que só existe ali, sendo retratada como um oásis.

*Ves tu, ó Brasileiro, entre essas ilhas,  
Que parecem nadar n'um mar d'azougue  
Pela luz prateado, ali, n'um grupo,  
Como rainha cortejada, a ilha  
Dos amores chamada pelos vales;  
Como um florido Oásis na erma Lybia,  
De vergeis rodeado de esperanças?  
A linda Paquetá, delicia, orgulho  
(PORTO-ALEGRE, 1847, p. 33).*

Desta maneira, tanto a literatura quanto a pintura desempenham papel central na consolidação do símbolo que foi Paquetá. Mas ainda que reconheçamos toda a relevância da literatura, concordamos com Cauquelin (2007), quando diz que a pintura

abre uma segunda vez o caminho e leva a partilhar a visão da imagem descrita pela língua; uma vez representada em desenho e cor, a paisagem que suscitava a emoção dos escritores adquire certa realidade. Ela existe. A prova: eu estive lá, sentada diante do meu cavalete. A visualização de um lugar, qualquer composição feita pelo artista, atribui àquilo que é representado um valor de verdade. Que o texto ainda não oferece: as palavras podem mentir, a imagem, por seu lado, parece fixar o que existe (CAUQUELIN, 2007, p. 93).

A *Pérola da Guanabara* é essa forma simbólica que emerge da pintura e dos mais variados gêneros literários, é também o resultado da apropriação simbólica da natureza através da paisagem. A mesma análise feita ao abordar a transposição da natureza para a pintura, poderia ser repetida para explicar a relação com a literatura. Todavia a tarefa sob tal perspectiva fugiria ao escopo de nosso trabalho. Dessa maneira, nos limitamos apenas a destacar que ainda que os aspectos naturais da Ilha sejam parte de sua materialidade, a forma como são tratados e vivenciados – sobremaneira nos anos em que Paquetá era amplamente valorizada – configuram o aspecto subjetivo ou cultural que permeia a gênese da paisagem moderna.

Cantero (2006) ressalta que a paisagem do geógrafo moderno será composta de materialidade e forma e, ao mesmo tempo, será uma representação cultural e valorada dessa realidade material. Nesse sentido, não poderíamos finalizar esse capítulo sem abordar as

características físicas da paisagem da Pérola da Guanabara a fim de compreender aquilo que foi valorizado em aspectos estéticos.

### 1.3 A *forma*<sup>10</sup> da ilha: aspectos físicos

Três elementos que estão sendo discutidos através da aproximação temporal e geográfica: a pintura, a paisagem e a natureza nela representada. No caso deste trabalho, estabelecendo relação com nosso objeto de estudo, estes mesmos elementos estão relacionados com a representação da paisagem e da natureza da Ilha de Paquetá. Sendo assim, torna-se imperativo que tratemos das características naturais da Ilha<sup>11</sup>, pois, conforme destacamos, são estas que justificam a titulação de *Pérola da Guanabara*. Abordaremos neste tópico o espaço objetivo e não o espaço a partir de uma representação.

Outra justificativa para abordagem deste tópico encontra-se no fato de que a paisagem que influenciará os geógrafos modernos, como pôde ser apreendido pelas nossas discussões, mesmo marcada pela presença da estética, não se limita a ela. Ou, dito de outra forma, apesar de guardar relações com o aspecto subjetivo, ela também está ligada à objetividade. “Essa medida objetiva revela no campo da visão um signo a ser desvendado, compreendido como marca do mundo, a particularidade que permite reagrupar e dividir regiões e dar caráter sistemático à análise geográfica” (SILVEIRA e VITTE, 2009, p. 6). Para além disso,

ensinam os geógrafos, Delgado De Carvalho à frente, que a serra do Mar, erguida ao longo do litoral atlântico, em portentoso muralhão cristalino, cujo sopé mergulha nas ondas por dilatados trechos, onde não se alarga interjacente faixa de planície sedimentária, ainda se denuncia, aqui e ali, por elevações descontínuas, prolongadas a leste, águas a dentro, que lhe amantam os derradeiros empolamentos insulares. Submersas, desagregam-se lentamente, contribuindo com os seus detritos para nivelar as circunjunções, na plataforma continental. Outras, porém, mais altas, com a mesma estrutura gnáiss-granítica da morraria que decora, com suas magnificências, as paisagens cariocas, rompem do lençol líquido, e formam ilhas e

<sup>10</sup> Optamos por usar o termo em concordância com SILVEIRA (2015) em relação àquilo que propunha Humboldt. Para o autor, a concepção de forma de Humboldt estava ligada ao modo pelo qual toda a atividade do mundo se dá a ver e a paisagem edifica-se nessa ligação entre atividade e imediaticidade da forma.

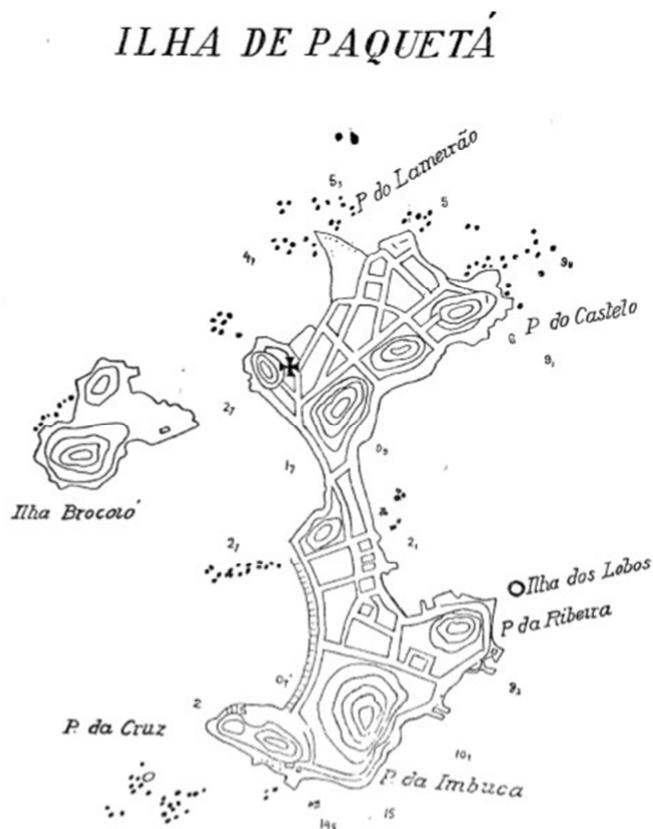
<sup>11</sup> Salientamos que, se são poucos os autores que se dedicaram aos estudos referentes à história social de Paquetá, ainda mais escassos são aqueles que debruçaram-se sobre sua geomorfologia. Sendo assim, nossas exposições são baseadas nos escritos de COARACY (1965) e CRULS (1965) e no ensaio geográfico sobre Paquetá, realizado por Eng. Virgílio Correia Filho, publicado na Revista Brasileira de Geografia, em 1944.

ilhéus, que enxameiam na baía de Guanabara e, fora, lhe montam guarda à entrada (CORREIA FILHO, 1944, p. 59).

A Ilha de Paquetá encontra-se ao fundo da baía de Guanabara, compondo o segundo dos dois grupos de ilhas ali localizados. O primeiro constituído pelas ilhas Comprida, Redonda, dos Ferros, da Casa-de-Pedra, dos parcéis de Cocóis e Gravataí. Compõe o segundo grupo as ilhas de Paquetá, Brocoió Pancaraíba, Itacapis, dos Lobos e das Folhas (COARACY, 1965). Entre estas, Paquetá é a mais extensa e povoada, todavia se tomarmos a ilha como segmento administrativo do Rio de Janeiro, ou seja, um bairro, e o compararmos com demais bairros da cidade, perceberemos suas pequenas dimensões, contando apenas com 1,47 km<sup>2</sup> de área total.

Coaracy (1965) destaca que, de acordo com os geólogos, a forma da ilha, próxima a uma ampulheta, ou ao algarismo oito decorre do processo de consolidação de istmo permanente entre duas ilhas – vide a Figura 10 –, visto que o fundo é raso e o movimento das marés resultou no acumulo de areia. “A estrada de contorno, praticamente de nível, com raros e curtos intervalos de rampa suave, acompanha-lhe as reentrâncias e saliências, como a definir-lhe a forma aproximada de 8” (CORREIA FILHO, 1944, p. 63).

Figura 10 - Ampliação parcial da carta da baía de Guanabara elaborada pela Diretoria de Navegação.



Legenda: Os números exprimem o resultado de sondagens referidas a 0,67 m abaixo do nível médio. Os pontos pretos, em torno da ilha, indicam alguns dos agrupamentos de matações mais ou menos arredondados.

Fonte: CORREIA FILHO, 1944, p.62

Vivaldo Coaracy também destaca que em Paquetá não existem nascentes ou fontes naturais, todavia no subsolo há extenso lençol de água que foi por anos aproveitado por seus moradores. No que se refere à topografia da ilha, destacamos os escritos de Cruls.

Em tamanho, Paquetá é a segunda Ilha da baía. Não obstante isso, cinge-se a uma superfície de pouco mais de 1.000.000 m<sup>2</sup> distribuídos num sentido longitudinal norte-sul, pois que tem 2.500 metros de comprimento e a sua largura, muito variável, em certos trechos é bastante exígua. Assim, se nos limites extremos dilata-se nas pontas da Imbuca, ao sul, e do Lameirão, ao norte, adelgaça-se ao centro na Cintura ou ladeira do Vicente, onde, de mar a mar, não medeiam 100 metros. É também nas zonas terminais que apresenta alguns morrotes, nunca excedentes de 50 metros de altura: dois ao sul, o da Cruz e o da Paineira, em um ao norte, o da Caixa D'água (CRULS, 1965, p. 671).

Correia Filho (1944), utilizando de linguagem menos formal, descreve que “a frente, já se divisa, além de Itapaci, embora confuso, o perfil da ilha de Paquetá, cujas discretas

elevações parecem alinhadas seguidamente” (CORREIA FILHO, 1944, p. 61). E segue destacando que

as corcovas, que então apontam as colinas mais altas, esvanecem à medida que diminui a distância. Por fim, quando o viajante fronteira a praia da Imbuca, apenas percebe o morro de igual nome, cuja encosta oriental desce aclivosamente para o mar, golpeada pela escavação, que lhe afeiçoou o sopé ao rasgão rodoviário (CORREIA FILHO, 1944, p. 61).

A vegetação é um dos aspectos componentes da paisagem de maior relevância para a Ilha. Correia Filho (1944 p. 62) escreve que “Paquetá acolhe o viajante com o sorriso da sua vegetação, florescente em qualquer quadra do ano, mercê da variedade apropriada das espécies escolhidas” – vide as Figuras 11, 12 e 13. Conforme destaca Coaracy (1965), a Ilha é revestida de vegetação farta e vívida, que constitui um de seus atrativos. E apesar de, como mencionado, não possuir nascentes, “conseguiu formar vegetação exuberante devido ao lençol de água subjacente e a retenção da precipitação das chuvas pelos acidentes do terreno e pelas raízes” (COARACY, 1965, p. 7). Esta mesma vegetação é descrita com certo romantismo por De Lemoine, em *Paquetá como eu vi*, em artigo publicado na revista *Cultura Política* – Revista mensal de estudos brasileiros.

O arvoredo é frondoso e variado; existem as árvores centenárias de tronco enrugado e massudo, grande livro natural de vidas inteiras, e as árvores jovens, delicadas e meigas debutantes, silhuetas nostálgicas em noites enluaradas. Sobressaindo do copado espesso, a vista humana se enche com a excentricidade das palmeiras elegantes, saudades havaianas em terras brasileiras (DE LEMOINE, 1943, p. 121).

Correia Filho (1944) descreve que “a medida que ia perdendo as asperezas graníticas dos primeiros tempos, o relevo adquiria a vestimenta vegetal, que, por fim, envolveria a ilha inteira, mercê da fertilidade da rocha decomposta, da temperatura propícia, da umidade garantida pelas brisas do mar” (p. 69). Quanto à geologia da Ilha, Coaracy (1965) elucida que Paquetá distingue-se do predomínio do gnaisse presente no Rio de Janeiro e na Ilha do Governador, sendo majoritariamente formada por granito. Tanto Coaracy (1965) quanto Correia Filho (1944), destacam a presença rochedos esferoides que margeiam as praias da ilha. Os *boulders* – vide as Figuras 14 e 15 – são “de todos os tamanhos e feitios, mas de arestas e pontas mitigadas, ora se dispersam, à maneira de arquipélagos minúsculos, ora se agrupam e equilibram-se pinturescamente” (CORREIA FILHO, 1944, p. 63).

Figura 11 – Vegetação local de Paqueta.



Fonte: Revista Brasileira de Geografia, 1944, p. 64.

Figura 12 – Vegetação vista a partir da Vista do Morro do Vigário (1).



Fonte: Disponível em: <http://www.riodejaneiroaqui.com/figuras1/praias-e-ilhas-de-paqueta-vista-morro-do-vigario.jpg>. Acesso em: 13/08/2019.

Figura 13 -Vegetação a partir da Vista do Morro do Vigário (2).



Fonte: Disponível em: <http://www.riodejaneiroaqui.com/figuras1/praias-e-ilhas-de-paqueta-vista-morro-do-vigario.jpg>. Acesso em: 13/08/2019.

Figura 14 - Boulders – Paquetá (1).



Fonte: <https://ilhadepaqueta.com.br/turismo-paqueta/passeio-tradicional/>. Acesso em: 13/08/2019.

Figura 15: Boulders – Paquetá (2).



Fonte: <https://ilhadepaqueta.com.br/turismo-paqueta/passeio-tradicional/>. Acesso em: 13/08/2019.

Tanto em nossas pesquisas, quanto nas referências que trouxemos para compor este tópico, notamos que mesmo sendo o assunto em questão a geografia física da Ilha, a linguagem poética, ainda que de forma discreta, está presente nas descrições. Talvez isso possa ser explicado pela proporção que o aspecto simbólico e subjetivo da Ilha alcançou e, ao mesmo tempo, esta constatação ratifica a necessidade de que se compreenda, nos mais variados aspectos, a paisagem da *Pérola da Guanabara*.

Para além de inspirar poetas e impressionar pintores e artistas, a natureza de Paquetá permitiu que a Ilha fosse ocupada e seguisse o curso de sua própria história e na história da cidade do Rio de Janeiro. “Sem desprezar o papel das imagens e percepções no processo eminentemente complexo da definição de paisagem, parece possível avançar na ideia de que a paisagem não se reduz a uma representação” (BESSE, 2006, p. 64). Deste modo avançaremos para a etapa seguinte, onde abordaremos outros aspectos da Ilha de Paquetá acompanhando a transformação sofrida pelo bairro ao longo dos anos. Assim como diligenciamos em estabelecer uma relação dialógica entre o arcabouço teórico acerca da gênese da paisagem ocidental com o objeto de estudo, procederemos com a mesma lógica para tais análises à medida que a geografia passa pelo processo de institucionalização.

## 2 PAISAGEM EM TRANSFORMAÇÃO: O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA ILHA DE PAQUETÁ

Onde é esse paraíso  
O caminho que idealizo  
Na ascensão para esse altar  
Paquetá é um céu profundo  
Que começa neste mundo  
Mas não sabe onde acabar  
*Hermes Fontes.*

Uma vez que se compreende o fenômeno identitário *Pérola da Guanabara*, é necessário debruçar-se no passado da Ilha para que não escape ao leitor a compreensão dos demais elementos que compõe a paisagem paquetaense, bem como para que se estabeleçam as bases para o entendimento dos desdobramentos que levarão ao processo de decadência de Paquetá. Compreender Paquetá enquanto a Pérola da Guanabara traz luz sobre aspectos visíveis da Ilha, que ao serem valorados fazem de Paquetá um símbolo no imaginário social carioca. Todavia não foram apenas suas belezas que despertaram atração para esta pequena porção de terra ao fundo da baía.

Para além de suas belezas, Paquetá apresentava diversas características que permitiram e delineararam o rumo de sua história. Compreender as transformações na paisagem da Ilha é, sobretudo, compreender como se deu seu processo de ocupação. Portanto o presente capítulo considera uma análise baseada em diferentes abordagens do conceito de paisagem a partir da institucionalização da Geografia. Esta articulação entre as formas de interpretação da paisagem e o objeto de estudo permite uma rica discussão acerca da ocupação da Ilha.

Interagindo as concepções de paisagem oriundas do desprendimento do paradigma das artes e avançando nas definições decorrentes da Geografia institucionalizada pode-se compreender as alterações experimentadas pela paisagem, que aos poucos foi tornando-se distinta daquela idealizada na identidade Pérola da Guanabara. Este capítulo elucida as relações expressas na paisagem da Ilha tanto pelos elementos naturais quanto pelos elementos humanizados.

## 2.1 A paisagem para além das representações artísticas

A institucionalização da Geografia leva a paisagem para além da estética, todavia, é necessário reafirmar, que “[a] paisagem é da ordem da imagem, seja esta imagem mental, verbal, inscrita sobre uma tela ou realizada sobre o território (*in visu* ou *in situ*)” (BESSE, 2006, p. 61). Ainda assim, são necessários alguns questionamentos para que se compreenda os rumos do conceito a partir de uma mudança de perspectiva. Ou seja, o olhar *picturalizado* passa à condição de olhar científico e desse fato derivam diversos elementos que não devem ser excluídos dessa discussão.

Avançando na ideia de que a paisagem não se limita a algo que decorre da pintura, entende-se, portanto, que a paisagem também não poderá ser compreendida apenas sob valores essencialmente estéticos. O olhar que se lança sobre a natureza não pode e não deve ser explicado apenas como resultante de uma visão artística e de fato não se encerra sob essa perspectiva. Há de se considerar o olhar do geógrafo, do geólogo, do biólogo e de todos aqueles que por alguma motivação, a observam. Se antes assumia-se a pintura como paradigma de paisagem, com a “apropriação” desse conceito pela ciência geográfica, esta condição se altera. A artesanaria pictográfica perde sua hegemonia enquanto olhar sobre a fisionomia da terra.

Quando consideramos na compreensão da paisagem o olhar de outros, e não somente o do pintor, estamos diante de uma constatação: a paisagem não é apenas significado de uma compreensão estética. E antes disso, é uma produção cultural. Cauquelin (2007), por exemplo nos fala de paisagem enquanto um objeto-invenção, aproximando-se de uma noção geográfica ao afirmar que “a noção de paisagem e sua realidade percebida são justamente uma invenção, um objeto cultural patenteado, cuja função própria é reassegurar permanentemente os quadros da percepção do tempo e do espaço” (CAUQUELIN, 2007, p. 12).

Por sua vez, Besse (2006) destaca que o território será afetado por qualidades paisagísticas particulares, que por sua vez terão relação direta com os interesses de quem o observa. Portanto, se versamos acerca do olhar do geógrafo sobre paisagem, não estamos diante de uma apreciação puramente artística.

É certo que esses diferentes olhares, estéticos, científicos, técnicos, políticos e mesmo religiosos, se anunciam no interior de uma dada cultura, segundo uma modalidade que pode ser descrita historicamente ou sociologicamente. Parece, conseqüentemente, mais razoável encarar a questão da paisagem no âmbito de uma indagação *antropológica* geral sobre o desenvolvimento e as transformações das

“culturas visuais” do que encará-la de modo restritivo **somente** [grifo nosso] no interior da esfera estética (BESSE, 2006, p. 62).

Optamos por destacar o termo utilizado pelo autor, pois acreditamos que é a partir deste termo que podemos insistir na ideia de que o olhar que se lança à paisagem deixa de ser apenas estético, ainda que não perca essa essência. Mesmo que estejamos diante de outras intenções ao olhar a paisagem, o aspecto sensível e estético não estará ausente. Ao abordar a intensificação da visita de cientistas, escritores e pintores às paisagens suíças, especialmente na segunda metade do século XVIII, Cantero (2006), também trata dessa nova perspectiva que se consolida como olhar científico, ainda que não apartado de uma sensibilidade estética.

Y ello resultaba indicativo de la creciente importância adquirida por el paisaje (con el paisaje de montaña en primer término) em el panorama cultural y científico de Europa, desde la segunda mitad del siglo XVIII, de la mano de la nueva sensibilidad promovida por el romanticismo (CANTERO, 2006, p. 115).

Quando a paisagem passa a ser entendida sob uma nova lógica – a da ciência – aquilo que é oferecido pela pintura passa a ter *outro* significado. A natureza representada na arte servirá às ciências e assim a pintura de paisagem poderá ser mais um elemento que sustentará o conhecimento científico. Afinal, “não se trata de recusar a abordagem estética, mas de analisar-lhe o conteúdo, as razões” (BESSE, 2006, p. 63). À medida que a pintura – ou o visível – passa a ser mais um elemento do qual a ciência usufruirá, o aspecto sensível inerente à representação pictórica perde seu protagonismo.

Assim como a compreensão da paisagem não foi limitada a interpretações estéticas, não poderíamos dar continuidade ao nosso trabalho sem também avançar nesse sentido. A Pérola da Guanabara, não foi apenas uma imagem decorrente da sensibilidade expressa pela paisagem romântica e bucólica da Ilha. De fato, pode-se acreditar que os rumos que tomaram a história e o processo de ocupação do bairro decorre deste ideário estético, e se não fossem os elementos que compunham a natureza paquetaense, talvez seu destino fosse outro. Todavia, especulações e suposições não cabem a um trabalho acadêmico, e iremos, pois, nos ater àquilo que pode ser apreendido pela paisagem.

Ao passo que correlacionamos a paisagem e a consolidação da ciência geográfica, o aspecto estético deixa de ser o cerne de nossas discussões e podemos adentrar em outros temas que nos levarão àquilo que pretendemos como nosso trabalho. “Sem desprezar a existência e o papel das imagens e das percepções no processo eminentemente complexo da

definição da paisagem, parece possível avançar a ideia de que a paisagem não se reduz a uma representação” (BESSE, 2006, p. 64).

Dando seguimento à nossa proposta, neste capítulo avançaremos nas discussões acerca das diversas definições de paisagem pela Geografia. Evidenciaremos nossas análises por algumas perspectivas, visto que o propósito de nosso trabalho não é dar conta de todas as concepções de determinada época, mas preocupamo-nos em selecionar aquelas que contribuíram de maneira contundente para a Geografia, e que ao mesmo tempo dialogassem com possibilidades de análise de nosso objeto de estudo. A propósito de alcançar nosso objetivo, sinalizamos que em relação a Paquetá, faremos um retorno no tempo, para um momento anterior à noção de *Pérola da Guanabara*. Sem desprezar a relevância do simbolismo decorrente desta concepção, o retorno temporal se justifica pela necessidade de analisar outros elementos da paisagem da Ilha com propósito de compreender sua dinâmica socioespacial, e que direta ou indiretamente terão relação com aquilo que foi disposto no primeiro capítulo.

## **2.2 Geografia “das velas desfraldadas”: as grandes viagens e os primeiros registros da Ilha**

Nas últimas décadas poucos foram os autores que se dedicaram a estudar a história da Ilha de Paquetá, por isso torna-se difícil o trabalho de investigar sua geo-história, especialmente quando se busca certa linearidade no encadeamento dos fatos, nos moldes que estamos habituados. Os registros históricos de Paquetá não dão conta de reproduzir em documentos a sua história, por mais que a Ilha estivesse sendo vivenciada, há ausência de documentos ou escritos que revelem o cotidiano de épocas remotas. O jornalista Vivaldo Coaracy intenta fazer uma reflexão acerca das ausências documentais sobre o passado da Ilha apontando que,

nada se conseguiu apurar sobre a história da Ilha nessa época remota. Diz Voltaire que “os povos felizes não têm história”. Talvez tenha cabimento a paráfrase, dizendo que as existências tranquilas não deixam traços na história. Os primeiros moradores de Paquetá foram esquecidos (COARACY, 1965, p.23).

Em decorrência deste fato, algumas perguntas referentes ao processo de ocupação da Ilha permanecem sem respostas. Todavia o material disponível nos ajuda a compreender como se deu a ocupação de Paquetá e a transformação de sua paisagem. Portanto, apesar dos registros acerca da Ilha apresentarem algumas deficiências, não houve dano ao propósito de nosso trabalho.

Além disso, conforme aponta GOMES (1997, p. 31), na tentativa de explicar o passado pelo presente “estabelecemos marcos fundamentais, nexos causais, pelos quais os eventos se encadeiam”, portanto, ainda que pudéssemos fazer um resgate do passado como um todo, não temos esta intenção. Primeiro porque extrapolaria nossa proposta; segundo porque “uma reconstituição é sempre uma escolha, e, dos eventos, só destacaremos aquilo que interessa aos nossos propósitos demonstrativos” (GOMES, 1997, p. 31). Sendo assim, por mais que um pesquisador tenha disponível uma infinidade de documentos acerca de seu objeto de estudo, certamente selecionará aqueles que melhor dialoguem com sua proposta de análise.

Isto posto, retomamos a questão conceitual enfatizando que de acordo com Cantero (2006) o modo como se compreendeu a paisagem na modernidade confluuiu principalmente de dois fatores: o primeiro deles – já discutido neste trabalho – decorrente do âmbito das artes; o segundo se relaciona ao âmbito das ciências, e por isso interessa ao estudo em pauta. De acordo este autor houve “um importante desenvolvimento do conhecimento da natureza, vinculado às ciências naturais e a geografia física, e às vezes, associado ao desenvolvimento das grandes viagens de exploração” (CANTERO, 2006, p. 109), o que implicou diretamente na maneira de entender a paisagem.

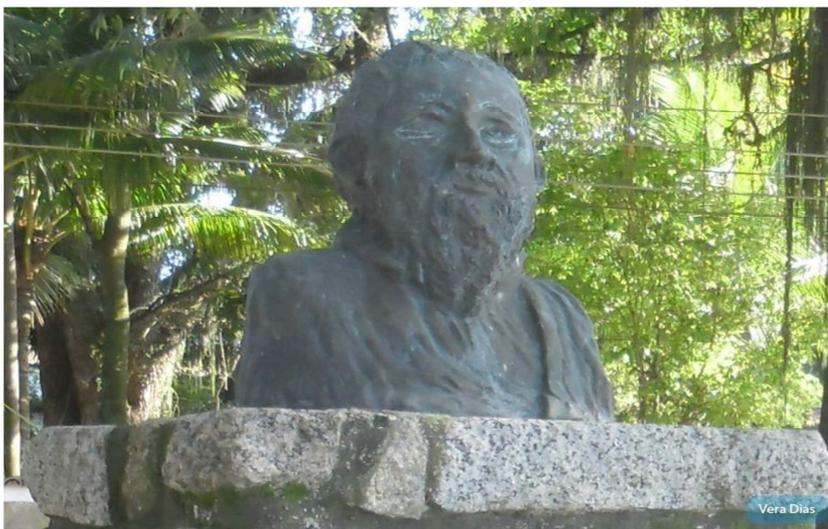
A geografia “das velas desfraldadas” conforme destaca Eric Dardel (2011) é uma expressão de Lucien Febvre, que se opõe à “geografia de gabinete” e marca o momento de expansão do conhecimento do mundo. “De bom ou de malgrado, as explorações tão brilhantemente realizadas no século XVI e a seguir, transformaram a imagem que os homens tinham da Terra, alargando o espaço geográfico, enriquecendo o repertório de imagens da Terra e das civilizações humanas” (DARDEL, 2011, p. 81). O fato das grandes viagens de exploração expressarem relevância para aquilo que significaria a paisagem na geografia moderna já bastaria para que este tema estivesse inserido em nossas discussões, especialmente devido às diversas cosmografias elaboradas a partir destas viagens, que buscaram conhecer o mundo. Além disso, a colonização da ilha de Paquetá decorre deste tipo de expedição exploratória com fins de conquistar novas terras.

A primeira referência oficial a Paquetá é feita em Paris, no ano de 1556, quando André Thevet (1502-1590), frade francês, estivera no Rio de Janeiro com Villegaignon no ano anterior. Em decorrência desta viagem Thevet publicou sua *Cosmographie Universelle*, onde apresentou os habitantes, costumes e a rica e diversificada paisagem do Brasil daquela época. Raul de Sá Barbosa, tradutor do referido livro de André Thevet, destaca no prefácio que “Thevet é também considerado o descobridor da ilha de Paquetá, na baía de Guanabara, e, por isso, é o patrono da cadeira número um da Academia de Artes, Ciências e Letras da Ilha de Paquetá. Ele mapeou a ilha e a registrou com seu nome indígena na França” (THEVET, 2009 [1575], p. 20)<sup>12</sup> – vide a Figura 16.

Os exploradores franceses seguiram seus estudos sobre as ilhas da baía de Guanabara e, em 1556, Paquetá passa a fazer parte da França Antártica. É possível afirmar que a ilha de Paquetá foi estabelecida como território franco antes de pertencer a Portugal. Os portugueses limitavam-se à enseada de Botafogo, ao passo que os franceses, com a colaboração dos índios tamoios, buscavam fundar uma colônia em terras americanas, ocupando também o interior da Guanabara.

Depois de permanecermos ali pelo espaço de dois meses, durante os quais procedemos ao exame de todas as ilhas e sítios da terra firma, batizou-se toda a região circunvizinha, que fora por nós descoberta, de França Antártica (THEVET apud MARIZ & PROVENÇAL, 2005, p. 85).

**Figura 16** - Busto de Andre Thevet, inaugurado em dezembro de 1994, e localizado na praia da Imbuca – Paquetá.



Fonte: Inventário do mundo, 2019.

<sup>12</sup> No prefácio da edição original traduzida no Brasil por Raul de Sá Barbosa.

Conforme apontamos, os registros históricos e geográficos de Paquetá possuem alguns vazios, e o primeiro com o qual nos deparamos são os dez anos do controle francês. Nossas leituras nos conduziram à compreensão de que é provável que a Ilha não tenha sido efetivamente ocupada. Segundo Coaracy (1965), há quem acredite que os Tamoios habitaram a ilha e tal crença se materializa em monumentos artísticos, tabuletas e até mesmo no nome de uma das praias – praia dos Tamoios – fazendo referência à presença dos índios.

Todavia, o autor busca desconstruir essa ideia apontando que não há base científica ou histórica para que esta ideia se sustente. Para além disso, em nossa pesquisa de gabinete também não encontramos estudos voltados para o tema. O próprio Vivaldo Coaracy (1965) considera a não existência de rios, mananciais ou qualquer outra fonte de água potável como um impeditivo para o estabelecimento dos índios em Paquetá. Acredita-se que indígenas possam ter passado pela ilha para colher frutos ou repousar, já que ocupavam áreas próximas à baía, todavia não existem marcas destas visitas.

Os tamoios podem não ter ocupado a ilha de Paquetá, mas possuem relevância no desenrolar dos acontecimentos que impactaram sua história. Nos territórios da França Antártica, os franceses não tiveram maiores dificuldades em conquistar a cumplicidade dos índios tamoios da região, que contribuíram no abastecimento de água e de alimentos aos habitantes da Ilha, além de serem utilizados como mão de obra nas edificações. Esta cumplicidade transformou-se em mútua aliança guerreira, quer contra tribos inimigas, quer contra os portugueses (BICALHO, 2008).

Após dez anos da anexação da ilha aos territórios da França Antártica, em 1566, ocorreu um episódio que se tornou lenda na história do Rio de Janeiro, quando os jesuítas acreditaram que São Sebastião, o santo padroeiro, fora visto. Sua acreditada *aparição* teria acontecido no que ficou conhecido como a *batalha das canoas* ou a *batalha de Guaixará*, malfadada cilada franco-tamoia contra os portugueses e seus aliados (CARDOSO, 2011). Seguiu-se mais um ano de batalhas entre os portugueses, os franceses e os Tamoios. Foi somente em 1567, com ajuda de Mém de Sá, que foram expulsos os adversários e estabelecido o domínio português sobre as terras do Rio de Janeiro. A vitória portuguesa desencadeou o início do processo povoamento de Paquetá.

Conforme aponta Coaracy (1965), logo após a fundação da cidade do Rio de Janeiro, em 1º de março de 1565, Estácio de Sá, então capitão-governador, já concedia sesmarias no interior da baía, em regiões ainda não conquistadas, acreditando na vitória portuguesa e no povoamento da terra. A primeira sesmaria foi concedida ao Padre Gonçalo de Oliveira, à Companhia de Jesus. Outras doações sucederam, e, dentre essas nos interessa duas resultantes

de recompensas por serviços prestados na luta contra os franceses: aquelas doadas a Inácio de Bulhões e a Fernão Valdez, que acabaram por dividir a ilha de Paquetá em duas sesmarias.

Em 10 de setembro de 1565, no mesmo ano da fundação da cidade, a Inácio de Bulhões era concedida em sesmaria metade da Ilha de *Paquatá*, abrangendo a parte norte da ilha, em frente a São Francisco do Curuzá. A sesmaria de Bulhões compreendia, além da metade da Ilha, outra parte no continente, de quatrocentas braças na costa, ao longo do mar, e oitocentas medidas pelo sertão adentro, em Suruí. No ano seguinte, em 15 de fevereiro, obtinha Fernão Valdez (ou Baldez) a metade meridional de Paquetá (COARACY, 1965, p. 23).

Pouco se sabe sobre os dois donatários, pois são escassos os documentos que possam dizer quem eram os companheiros de Estácio de Sá. Cabe a dedução de que o povoamento de suas terras só foi possível depois de 1567, após o fim do período de disputas e batalhas. Para todas as outras perguntas sobre como agiram em suas terras, a partir da data supracitada, ainda não foram encontradas respostas.

Isto posto, a segunda lacuna com que nos deparamos são os mais de cem anos após a doação das sesmarias a Inácio de Bulhões e Fernão Valdez. Apesar disso, é evidente que ao longo do século a Ilha tenha, aos poucos, sido povoada. Coaracy (1965) descreve que entre setembro de 1565, quando Bulhões obteve sua sesmaria, e dezembro de 1697, data da provisão para a Capela de São Roque, há uma ausência de documentos que permeia estes 132 anos. Sendo bastante peculiar que, dentro desse intervalo, enquanto a cidade do Rio de Janeiro crescia, não se encontre nenhuma referência sobre Paquetá e seus povoadores. Envolvendo esse período de denso mistério, que os historiadores não conseguiram penetrar, é provável que a vida dos moradores corresse tranquila na prática de suas atividades, isenta de tumultos e agitações.

O próximo registro que nos ajuda compreender a evolução da Ilha Paquetá é a criação da capela de São Roque, em 29 de dezembro de 1697, sendo a partir desta possível conceber que a ilha já possuía um número considerável de moradores que justificasse a construção de uma igreja. Após a concessão das sesmarias, Leitão (2013) indica que as notícias sobre a Ilha se voltam para as quizilas religiosas – e é quando a vida na Ilha deixa de ser tranquila, passando por novas inquietações, que ressurgem as referências sobre Paquetá.

Figura 17 - Capela de São Roque, Ilha de Paquetá.



Fonte: Disponível em: <https://ilhadepaqueta.com.br/portfolioitem/capela-de-sao-roque/>. Acesso em: 13/08/2019.

Eclesiasticamente, a Ilha de Paquetá estava compreendida na freguesia de Magé, ou *Magepe*, como então se dizia. Para cumprir os deveres religiosos, nessa época de grande devoção, tinham os moradores da Ilha de se transportar, através de largo braço de mar, para atingir a Igreja N. S. da Piedade de Magepe, matriz da paróquia instituída em data incerta, mas anterior a 1658. Muitas vezes, as dificuldades de transporte ou as condições da travessia impediam os fiéis de cumprirem nas ocasiões devidas as obrigações que a Igreja impunha. Conhecedor desses inconvenientes, teria o Padre Manoel Espinha tomado a resolução de promover o erguimento de um templo que, ao menos em parte, os sanasse (COARACY, 1965). Durante muito tempo, a capela de São Roque, construída na sede da fazenda de mesmo nome, em terras da sesmaria concedida a Inácio de Bulhões, e pertencente à freguesia de Magé, foi o único templo existente na ilha.

Essa determinação gerou a reação do vigário de São Gonçalo que, por volta de 1760, demandou em defesa de seus direitos, a ampliação de sua jurisdição, solicitando a construção da capela de Nosso Senhor do Bom Jesus do Monte [vide a Figura 18], na zona meridional da ilha (LEITÃO, 2013, p. 31).

**Figura 18** - Igreja Nosso Senhor do Bom Jesus do Monte.



Fonte: Disponível em: <https://ilhadepaqueta.com.br/portfolio-item/capela-de-sao-roque/>. Acessado em: 13/08/2019.

Sendo assim instaura-se uma nova capela nas terras inicialmente pertencentes a Fernão Valdez, porção do espaço que teria sido dividido mais rápido, desmembrando-se em diversas propriedades. Apontando que o lado sul da ilha teria sido povoado com mais rapidez do que a área destinada a Inácio de Bulhões. Leitão (2013) destaca que a ocupação humana e econômica de Paquetá irá consubstanciar-se com forte influência da exploração da indústria de cal, que “era elemento necessário e imprescindível nas construções de alvenaria e calcula-se que no final do século XVI já se exercia a atividade em Paquetá” (LEITÃO, 2013, p. 32). Tamanha a relevância e os impactos das atividades caieiras a Ilha, no próximo subcapítulo daremos conta dessa atividade e, sobretudo, como ela influenciou a feição paisagística da Ilha.

### 2.3 Caieiras, chácaras e lotes: a Ilha entre o final do Século XIX e o início do Século XX

A ocupação da Ilha de Paquetá é acompanhada por seu loteamento. A medida que as relações socioespaciais desenvolvem-se, cada vez mais suas terras são segmentadas. A partir da divisão em duas sesmarias, a Ilha passa por diversas transformações que alterarão profundamente sua paisagem. As caieiras, as chácaras e por fim, os lotes, são marcas deste processo e devem ser analisados como elementos que permitirão a compreensão daquilo que se expressou em sua paisagem. Para evidenciar este processo de segmentação da Ilha, trazemos para a nossa discussão as transformações relacionadas aos estudos de paisagem que permearam o século XIX e início do XX, mais uma vez equalizando os recortes temporais como artifício balizador de nossas discussões.

A Geografia, ciência que se consolida na busca da compreensão das relações entre homem e meio, se institucionaliza no século XIX, sistematizando o conhecimento geográfico e dando corpo à paisagem científica. A Geografia enquanto ciência apoia-se na observação, justificando a relevância da paisagem à época. Ainda que a preocupação seja a interação entre os grupos humanos e o meio, apreensão se dará por meio da análise da imagem, da representação, e em última instância da fisionomia da terra.

A arte pictórica foi um paradigma para a compreensão da paisagem que nortearia a geografia ocidental a partir do século XIX, todavia é também ao lado de paradigmas científicos que o conceito será compreendido junto ao nascimento da geografia moderna.

A sistematização do conhecimento geográfico só vai ocorrer no início do século XIX. E nem poderia ser de outro modo, pois pensar a geografia como um conhecimento autônomo, particular, demandava um certo número de condições históricas, que somente nesta época estarão suficientemente maturadas. Estes pressupostos históricos da sistematização geográfica objetivam-se no processo de avanço e domínio das relações capitalistas de produção. Assim, na própria constituição do modo de produção capitalista (MORAES, p. 34, 1999).

A geografia se consolida como ciência tendo a paisagem como objeto de investigação, sem abandonar a perspectiva que teve início no século XVIII, não sendo um momento de ruptura, mas de continuidade e enriquecimento. Entre os paradigmas científicos que poderiam nortear nossas discussões acerca da paisagem optamos por atermo-nos ao recorte das teorias evolucionistas, que segundo MORAES (1999) referem-se ao momento em que leva o temário geográfico a obter o pleno reconhecimento de sua autoridade. Nas

dicotomias tão comuns àquilo que estuda a ciência geográfica, este momento não foi diferente. Ainda que estivesse claro que a paisagem era o objeto a ser analisado, partindo do pressuposto por nós estabelecido – a análise pautada nas teorias evolucionistas – pode-se afirmar que os estudos geográficos foram balizados por duas perspectivas díspares: a do *determinismo ambiental*: e a do *possibilismo*<sup>13</sup>.

A análise da paisagem é o artifício para que se compreendam as relações entre o homem e o meio, “mesmo sendo a paisagem uma dimensão do visível, esta paisagem é o resultado, o efeito, ainda que indireto e complexo, de uma produção” (BESSE, 2006, p. 65). Ou seja, a paisagem expressaria a interação da sociedade com o meio físico e as diversas combinações entre as condições naturais de determinado lugar. Desta maneira torna-se imperativo compreender aquilo que diferencia e especifica cada paisagem, tornando-a distinta de todas as outras. “E é nesta sequência que se vê surgir a necessidade de expressar cada uma dessas paisagens através de distintas regiões” (FERNANDES, 2006, p. 35).

Considerando a temática das regiões, estas expressarão aquilo que a paisagem de determinada área possui e que a distingue das demais. Notamos, na literatura disponível, que por vezes, a Ilha de Paquetá está vinculada a diferentes regiões – vide o que destacou Joaquim Nabuco (1998 [1900]) em citação já disposta neste trabalho, comparando a paisagem de Paquetá com as do Norte do; ou a De Lemoine (1943), em *Paquetá como eu vi*, ao comparar as palmeiras paquetaenses com as do Havaí. Todavia, em nosso trabalho, buscando estabelecer uma relação escalar, as transformações realizadas na paisagem da Ilha, estão vinculadas àquelas associadas ao processo de ocupação/colonização ocorrida de maneira mais expressiva no litoral brasileiro.

Ainda que a região tenha relevância nos estudos geográficos do período discutido, o ponto nevrálgico, especialmente para este trabalho, não deixa de ser paisagem. As relações entre homem e meio poderão através dela serem identificadas à medida em que a “a paisagem é o efeito e a expressão evolutiva de um sistema de causas também evolutivas: uma modificação da cobertura vegetal ou uma mudança nos mecanismos da produção agrícola se traduzem nas aparências visíveis” (BESSE, 2006, p. 66).

Seria então, a partir da necessidade de compreensão das relações do homem com o meio que a paisagem extravasaria os limites das definições que a circunscreviam na esfera da representação? Segundo Besse (2006), o aspecto do território não é apenas uma aparência sensível, ou seja, compreender aquilo que ele expressa demanda algo além da simples

<sup>13</sup> Embora ambos, determinismo e possibilismo, guardem controvérsias que pedem aprofundamento teórico-conceitual, tal necessidade, não sendo questão específica de nossa dissertação, não será avocada.

observação, “é sobre o plano das aparências que é preciso se situar para apreender toda sua densidade epistemológica e ontológica. O aspecto das coisas é uma realidade geográfica” (BESSE, 2006, p. 67).

Além disso, se o que se estuda é a forma ou a fisionomia da terra, para compreendê-la é necessário desprender-se de ideias que cerceiam a paisagem como representação. Conforme destacou o autor supracitado, aquilo que se vê possui uma densidade epistemológica e ontológica e, são a manifestação de diversas interações que resultaram na forma observada. E, além disso, quando este trabalho aborda a paisagem como ferramenta para estudar a dinâmica socioespacial da ilha é porque se apoia na paisagem não apenas como representação, mas como *expressão*<sup>14</sup>.

Conforme indica Moraes (1999), as obras de Humboldt [1769-1859] e Ritter [1779-1859] são as primeiras colocações no sentido de uma geografia sistematizada. Todavia, tomando como referência o recorte por nós escolhido para este capítulo, isto nos coloca diante do que este mesmo autor chama de “um revigoramento do processo de sistematização da Geografia” (MORAES, 1999, p. 55), marcado pela escola alemã e as tradições ratzelianas e pela escola francesa, especialmente com Vidal de La Blache.

O principal livro de Ratzel, publicado em 1882, denomina-se *Antropogeografia – fundamentos da aplicação da Geografia à História*; pode-se dizer que esta obra funda a Geografia Humana. Nela, Ratzel definiu o objeto geográfico como o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade. Estas influências atuam, em primeiro na fisiologia (somatismo) e na psicologia (caráter) dos indivíduos, e, através destes, na sociedade. Em segundo lugar, a natureza influenciaria a própria constituição social, pela riqueza que propicia, através dos recursos do meio em que está localizada a sociedade (MORAES, 1999, 55).

Em contrapartida para escola francesa a ação humana ganha expressão, pois sendo o alvo da análise, o homem torna-se um agente ativo na paisagem, e “o que interessaria à análise seria o resultado da ação humana na paisagem, e não esta em si mesma” (MORAES, 1999, p. 67). Se para Ratzel a história seria determinada pelas condições naturais, para La Blache e a escola francesa, apesar de o homem sofrer interferência do meio, ele também será um agente de sua transformação.

Trazendo a Ilha de Paquetá para este contexto, de que forma deveria ser compreendida sua paisagem? Como simples expressão da ação humana ou como fator determinante para seu uso?

---

14

Utilizamos o termo em concordância com Besse (2006) que emprega-o em oposição ao termo representação abordando as diversas maneiras de conceber a paisagem.

Na literatura disponível encontramos reflexos do pensamento determinista na associação do comportamento dos moradores com a paisagem da ilha, algo que era um dos objetivos da Antropogeografia ratzeliana, como “analisar os efeitos do entorno natural no corpo e no espírito humanos, tanto em indivíduos como em grupos sociais” (Bassin, 1987a, p. 126 Apud UNWIN, 1995, p 135). Segundo Magalhães (1935, p. 88) “[a] cordialidade real das pessoas e acolhimento imaginário das coisas parece resultar da formação física da ilha, de sua esplendorosa vida vegetal e da doçura de seu ambiente. D’ahi o constate bom humor de seus habitantes”, o que demonstra claramente a crença de que as características insulares e bucólicas de Paquetá determinariam o humor de seus habitantes.

Todavia, nossos estudos revelaram a predominância de relatos os quais supõem o homem como grande agente transformador da natureza na Ilha Paquetá, sobretudo em benefício próprio. Acreditamos que a justificativa para isso está associada ao fato de que à época, no pensamento ocidental, havia forte influência do discurso onde o homem exercia domínio sobre a natureza, pois seu desígnio era atender as demandas humanas. Esta ideia estava presente entre os fundadores da ciência geográfica, como, por exemplo, no pensamento de Karl Ritter, que de acordo com Moreira (1992), haveria para este autor prussiano “uma teleologia na natureza, isto é, ela existe com a finalidade de servir ao homem” (p. 26).

Nesse sentido, retomamos o conceito de *natureza ecônoma* discutido por Cauquelin (2007). Essa autora destaca que o princípio natureza ecônoma é o provisãoamento – e essa compreensão dialoga com os primórdios da ocupação de Paquetá, que se deu em compasso com aquilo que a natureza oferecia como uma finalidade: neste caso, os mangues ricos em matéria-prima para as indústrias caieiras.

A ocupação de Paquetá apresentou especificidades em relação a outras áreas periféricas da cidade do Rio de Janeiro e se fez em função da exploração de seus recursos naturais até, pelo menos, o início deste século [XX] (CARVALHO e ZYLBERBEG, 1991, p. 28).

Desta maneira, no que se refere ao motivo apontado por Carvalho e Zylberbeg (1991) ao justificar a intensificação da ocupação da Ilha de Paquetá no século XX, a análise pode centrar-se exatamente nesta relação entre homem e meio e não na paisagem da ilha em si mesma, como proposto nos estudos atrelados à escola francesa. Além disso, excluindo outras possíveis considerações e atendo-nos apenas à questão daquilo que a natureza provê, naquele tempo “a paisagem [da ilha] não pode ter um valor em si, trata-se de uma peça útil à sua economia, como lugar-invólucro dos seres que ela aprovisiona” (CAUQUELIN, 2007, p. 51).

Se pensarmos a paisagem da Ilha tendo como referencial este momento da ciência geográfica, estaríamos diante de duas vertentes principais, que nos permitiriam explicar as transformações desta paisagem. Ainda que nosso objeto de análise – a paisagem paquetaense – surja de forma clara, aqui reforçamos a questão nem sempre óbvia de que ela pode ser entendida tanto como um reflexo da atividade humana quanto um fator determinante para a ação do homem.

Apesar de se consolidarem como propostas antagônicas, os discursos geográficos das escolas alemã e francesa apresentam alguns pontos de convergência, destacando-se: o fato de tratarem-se de expressões europeias de domínio civilizatório e a preocupação de centrar os estudos na “relação homem-natureza, não abordando as relações entre os homens” (MORAES, 1999, p. 72). Salvo as perspectivas opostas, ambos os pensamentos centram a ação do homem, seja de forma ativa ou passiva, como modificadora da superfície terrestre.

A produção de cal na Ilha de Paquetá – vide a Figura 19 – e as consequentes transformações da paisagem resultantes desse processo foram fatores determinantes em sua história por diversos aspectos, especialmente porque “a ocupação humana e econômica de Paquetá consolidou-se principalmente com base na exploração da indústria de cal” (LEITÃO, 2013, p. 32). Este insumo era bastante utilizado nas construções, e a produção paquetaense abastecia tanto a própria ilha quanto a cidade do Rio de Janeiro, que crescia a passos largos. Os apontamentos de Souto (2016) ao abordar as diferentes utilidades da cal na cidade do Rio de Janeiro, nos traz o destaque para a intensidade da produção na ilha, pois

no fim do século XIX, havia outra possibilidade para o emprego da cal: a higienização. Esse foi o recurso utilizado pela empresa de esgotos, Companhia City Improvements, que, em 1896, afirmava possuir **uma grande fábrica de cal na ilha de Brocoió, integrante do arquipélago de Paquetá, onde produzia cerca de 500 toneladas de cal por mês para seu serviço de desinfecção** [grifo nosso] (SOUTO, 2016, p. 66).

Apesar dos indícios de que desde o século XVI já existisse tal atividade na Ilha, acreditamos que o século XIX tenha sido marcado pela intensificação da produção, visto que “[n]o âmbito da área que estudamos, tudo leva a crer que a produção da cal esteve intrinsecamente ligada à expansão da cidade, que demandava, em escala sempre crescente, diversos materiais de construção, notadamente a partir do início do século XIX” (CARVALHO e ZYLBERBEG, 1991, p. 30).

**Figura 19** - Representação de uma caieira, por Jean-Baptiste Debret



Fonte: SOUTO, 2016, p. 63.

A intensificação das atividades industriais na Ilha, resultou no crescimento populacional. Ainda segundo Coaracy (1965), no primeiro censo realizado em Paquetá no ano de 1838, a Ilha apresentava uma população de 1.517 habitantes. Ao longo deste século, com último registro em 1900, constavam 2.800 habitantes, indicando amplo crescimento populacional, sobretudo considerando as proporções da ilha. Aliado ao crescimento populacional, o uso dos recursos naturais – com maior destaque os mangues de onde era tirada madeira para abastecer os fornos das indústrias caieiras – alterou de forma expressiva a paisagem de Paquetá. Além disso, o desenvolvimento desta atividade consolidou a existência de uma elite local, composta por proprietários de terra e indústrias caieiras.

O transporte entre o continente e a Ilha também foi facilitado pela existência das caieiras uma vez que,

a população da ilha se utilizava dessas mesmas embarcações para seu transporte, fretas por grupos de moradores às fábricas de cal para a viagem de ida e volta ao Rio ou a qualquer das vilas de casta fluminense, ou seja, Piedade, Mauá ou Magé. Uma pequena indústria naval se desenvolveu na ilha, em função do intenso fluxo de mercadorias e passageiros, principalmente das primeiras (CARVALHO e ZYLBERBEG, 1991, p. 36).

Retomando as escolas alemã e francesa como instrumentos para situar as discussões acerca da paisagem ao fim do século XIX e início do século XX, depreende-se que ambas centram suas análises nas alterações do físico diante das demandas humanas. Apesar de Vidal

de La Blache perceber o homem como ser ativo, neste momento as análises geográficas prezam pelo resultado da ação antrópica na paisagem. Por conseguinte, o que interessaria a Geografia em relação ao objeto de nosso estudo seria o resultado do estabelecimento das caieiras na paisagem da ilha.

Não há dúvidas de que nas relações entre o humano e o físico alteraram profundamente a paisagem na Ilha de Paquetá. A exploração dos depósitos de mariscos e das árvores dos mangues como matéria-prima das caieiras levou à degradação e ao esgotamento destes recursos, o que ocasionaria, aos poucos, a decadência das indústrias de cal na Ilha. Ademais “o processo de decadência da atividade das caieiras seria lento e longo, tendo a última remanescente se mantido até a década de 1940” (CARVALHO e ZYLBERBEG, 1991, p. 39).

A exploração dos recursos da Ilha para a produção da cal foi bastante intensa, levando à exaustão dos mangues. Inclusive, Carvalho e Zylberbeg indicam que Pedro Soares Caldeiras constatou que diante da degradação dos mangues, a cal passou a ser fabricada com fragmentos de casca localizados nas areias das praias e no fundo da baía próximo a elas, e a queima passou a ter como combustível moimha de carvão, à medida que a lenha se tornava escassa devido ao intenso desmatamento para alimentar os fornos.

Encontramos nos estudos de Caldeiras (1884) expressão daquilo que a Geografia do período estaria interessada em estudar, no tocante às indústrias de cal em Paquetá. Este autor destaca em sua obra intitulada *O Corte do Manguê*, os impactos da ação humana na paisagem. Ressalta-se que Caldeiras tinha como área de estudo a baía de Guanabara, aonde se localiza a Ilha de Paquetá. Segundo o autor,

as novas necessidades industriaes, nimamente exigentes de combustível barato e fácil de ser colhido, perturbáráo profundamente aquella proporção da acção destruidora para o dom espontâneo da natureza. Os possuidores da vasta cinta de terras à beira mar nada melhor julgáráo fazer do que aproveitar tão rico cabedal, eminentemente fecundo para a procreação da população da agua e para o saneamento da capital do Brazil. Quem conheceu a mata marítima e hoje visita os lugares que ella outr'ora ensombrava, fica estupefacto diante do vácuo aberto pela devastação. Devem ser contadas por milhões as arvores que o braço do homem desarraigou da bahia do Rio de Janeiro. A quantidade de tanino que as nossas aguas deixáráo de receber é incalculável. O homem perturbou as condições creadas pela natureza para o equilíbrio das suas forças e não poderia perturba-las impunemente (CALDEIRAS, 1884, p. 7).

Ainda que a presença das caieiras na Ilha de Paquetá tenha ocasionado a degradação dos manguezais, não se pode deixar de reconhecer sua importância para o povoamento e desenvolvimento econômico do bairro. Foi esta atividade que estabeleceu na Ilha uma elite

que teria forte influência na implementação de melhoramentos em infraestrutura. Além disso, conforme destacam Carvalho e Zylberbeg, a existência das indústrias de cal estimulou o desenvolvimento paralelo de outras atividades, como a exploração do caolim, fábrica de tecidos, fábrica de tijolos, a pesca e a indústria naval.

Segundo Rodriguez (2006) a partir da Geografia tradicional observamos surgir uma Geografia de paisagens de cunho essencialmente naturalista, onde estas eram consideradas como unidades naturais e ponto de partida da identificação geográfica. Ainda de acordo com o autor, essa ideia foi lançada por Humboldt no século XIX, tendo a paisagem caráter de fisionomia física. Além disso, essa noção coincide em considerar a paisagem como uma paisagem original de caráter basicamente natural. Nesse sentido caberia pensar qual seria a paisagem original da Ilha de Paquetá? A paisagem primeira da Ilha seria esta que muitas vezes se confunde com o paradigma daquilo que entendemos como paisagem no ocidente?

Porque é verdade que aquilo que chamamos de paisagem se desenvolve em torno de um ponto, em ondas ou vagas sucessivas, para voltar a se conectar sobre esse único objeto, reflexo no qual vêm se dar, ao mesmo tempo a luz, o odor ou a melancolia (CAUQUELIN, 2007, p. 22).

Neste sentido expresso por Cauquelin questionamos se esta paisagem original de Paquetá é alusiva àquela retratada por pintores – como os que expomos no capítulo 1 – na qual a natureza era apresentada como uma figura perfeita. Considerando que a paisagem de Paquetá vem sofrendo substanciais alterações, sobretudo a partir do século XVI com as atividades industriais, torna-se arriscado assumir que a paisagem retratada pelos pintores citados possa remeter à paisagem original.

Dito isso, trazemos em tela a obra de um autor desconhecido, presente no acervo online do Instituto Moreira Sales, retratando um jardim em Paquetá no ano de 1871 (vide a Figura 20). Não porque esta imagem seja, de fato, representativa da paisagem original da Ilha, mas primeiro porque enriquece as discussões que permeiam este trabalho, especialmente aquelas associadas à gênese da paisagem ocidental; e segundo porque poderia ser reconhecida como uma paisagem original quando se adota a perspectiva discutida neste trabalho.

Apesar da tendência em crer que uma paisagem como esta seria compatível com a paisagem anterior às transformações humanas, destacamos a reflexão de Cauquelin (2007), que não nos deixa prender-nos às amarras de tomar como fidedigna a realidade à maneira de pensar predominante no ocidente.

Originária, a paisagem? Isso não seria confundi-la com aquilo que ela manifesta a seu modo, a Natureza? O originário, sob a forma, entre outras, da Natureza permanece fora de alcance: a Natureza é uma ideia que só aparece “vestida”, isto é, em perfis e perspectivas cambiantes. Ela aparece sob forma de “coisas” paisagísticas, por meio da linguagem e da constituição de formas específicas, elas próprias historicamente constituídas (CAUQUELIN, 2007, p. 29).

**Figura 20** - View from the Tamarind Tree at the Garden at Paquetà – april, 1871.



Disponível em: [https://ims.com.br/wp-content/uploads/2017/06/acv\\_imgcapa\\_1399752106-1024x746.jpg](https://ims.com.br/wp-content/uploads/2017/06/acv_imgcapa_1399752106-1024x746.jpg). Acesso em: 29/07/2019.

Neste trabalho assumimos a postura de que as transformações que conduziriam ao fim a paisagem original da Ilha só seriam possíveis mediante a presença da técnica trazida e desenvolvida pelos colonizadores, principalmente devido ao fato de ser incerta a presença de ocupação por povos nativos, conforme destacamos anteriormente.

RODRIGUEZ (2006) aponta que foi na Geografia Neopositivista Clássica que S. Passarge e O. Shluter introduziram noções que diferenciaram a paisagem original, de caráter natural, e a paisagem cultural – “esta última era o resultado da dialética entre povo e território” (RODRIGUEZ, 2006 p. 02). De acordo com Unwin (1995), ao final do século XIX e início do XX, a geografia estudava a interação entre o homem e o meio – aquilo que Rodriguez (2006) descreve como paisagem cultural – sob duas perspectivas principais: o determinismo e possibilismo.

Da relação de oposição dos estudos decorrentes destes posicionamentos, podemos dizer que se consolidaram diversas dicotomias que permearam a trajetória da ciência geográfica, destacando-se entre elas, os embates entre o físico e o humano; ou ainda entre o físico e o cultural. Conforme destaca Fernandes (2009), a postura determinista estabelece

forte correlação com o meio físico levando muitos geógrafos, naquele tempo, a priorizar a base física. Unwin (1995) e Fernandes (2009) também destacam que diversas críticas atribuídas ao darwinismo social levariam outros geógrafos, sobretudo nos Estados Unidos da América, a optar pela vertente cultural em suas análises.

Desde o início do século XX, conforme nos informa Besse (2006), a concepção dos geógrafos, no que diz respeito à paisagem, tanto a sua definição quanto os meios de estudá-la passou por diversas transformações. Acompanhando as mudanças de enfoque pelas quais vinha passando a própria ciência, o conceito de paisagem também sofreu alterações adaptando-se aos discursos e conjunturas da época. A elaboração de uma definição do conceito serviria como meio de validar discursos, como destaca Moraes (1999), ao abordar as circunstâncias nas quais emergiram as escolas alemã e francesa, por exemplo.

*“Mientras que el determinismo ambiental dominaba, en sus diversas expresiones, la mayoría del pensamiento geográfico de los primeros treinta años del siglo XX, el debate europeo relativo a la influencia del medio en la actividad humana cambió de rumbo”* (UNWIN, 1995, p. 138). E a alternativa foi o possibilismo, corrente fortemente influenciada por autores como Vidal de La Blache, Brunhes e Febvre (UNWIN, 1995). Nesse sentido Besse (2006) resalta a relevância destes autores trazendo à tona questões que incidirão sobre a necessidade de análise para além da aparência sensível do território. É preciso situar-se nessa aparência para apreender “toda a sua densidade epistemológica e ontológica” (BESSE, 2006, p. 67).

Diante disso, é possível inferir que a paisagem assume um caráter profundo, porém diferente daquele associado à estética. Ainda há que se analisá-la extrapolando a sua aparência. O que se procura não é mais seu elemento estético, e sim aquilo que dirá respeito às marcas deixadas pelo homem, marcas que passaram a ser reconhecidas, conforme destaca Besse (2006 p. 67), como *inscrições* do homem na paisagem.

O que vinha inscrevendo o homem na paisagem de Paquetá, até as primeiras décadas do século XX? Sobre que aspecto deveria o geógrafo debruçar-se para encontrar o saber geográfico? Conforme aponta Besse (2006), neste momento, a resposta seria nos “traços, nas impressões da atividade humana e, mais genericamente, da vida, que passa sobre o solo, nele deixando suas marcas” (BESSE, 2006, p. 67).

Buscando conduzir este modo de conceber a paisagem a da Ilha, resalta-se que ao passo que as caieiras se estabeleceram em Paquetá, o loteamento da Ilha cresceu – “aos poucos, as terras da Ilha foram subdivididas através de compra ou herança” (CARVALHO e ZYLBERBEG, 1991, p. 49). E, conforme destaca Leitão (2013), a população insular desta

época era formada por grandes proprietários de plantações e caieiras, como também escravizados, comerciantes e pequenos trabalhadores da agricultura. Depois de desmembrar-se do município de Magé e fazendo parte da Corte, Paquetá passaria por importantes mudanças, haja vista que

a nova realidade socioeconômica do país impunha sérias dificuldades para a continuidade das atividades tradicionalmente ali desenvolvidas. Em consequência direta da Abolição dos Escravos, ruiu a base da mão de obra empregada nas plantações e, principalmente, nas caieiras que passaram a ter dificuldades também para obtenção de lenha já que a partir de 1893 ficava proibido o corte ou destruição das árvores denominadas mangue. Logo em seguida, a Proclamação da República e a transformação do antigo município da Corte em Distrito Federal trouxeram repercussão no valor de impostos predial e territorial das propriedades da ilha com pesados ônus para esses que se tornavam, então, grandes proprietários da área urbana (LEITÃO, 2013, p. 37).

De acordo com as propostas da época, no estudo da paisagem paquetaense caberia ao geógrafo a análise da paisagem enquanto uma *impressão* (BESSE, 2006). E, segundo o mesmo autor, avançando nessa ideia, “aquilo que aparece espontaneamente na paisagem à consciência não reflexiva do espectador, aquilo que é apreendido imediatamente na experiência sensível, é, na realidade a manifestação visível das relações econômicas, da produção dos bens e do comércio” (BESSE, 2006, p. 68). Portanto, depreende-se que a paisagem guarda características das relações humanas, e assim “possui antes de tudo uma significação social e econômica” (BESSE, 2006, p. 68).

Neste sentido podemos resgatar o conceito de *gêneros de vida* elencado por Vidal de La Blache, pois, considerando o que se destacou no parágrafo anterior, o que se manifesta na paisagem é também o resultado da mobilização de um grupo social. E, conforme descreve Unwin (1995, p. 145), os gêneros de vida poderiam ser entendidos como “los estilos de vida de una región determinada, reflejo de las identidades económicas, sociales, ideológicas y psicológicas estampadas en los paisajes”.. Assim, é necessário que se busque novamente em nosso recorte espacial o *gênero de vida* que revelaria a relação entre a população e seu meio.

Os terrenos antes ocupados pelas caieiras e plantações foram dando lugar a chácaras e residências destinadas a moradia de muitas famílias *com posses* - profissionais liberais, comerciantes e ocupantes de cargos públicos – que gozavam de influência nos trâmites de poder da cidade do Rio de Janeiro. Essas pessoas *conseguiram as coisas para Paquetá*, favorecendo a implantação de bens e serviços, de equipamentos públicos e urbanos que asseguravam na ilha seus hábitos de cidade (LEITÃO, 2013, pp. 37-38).

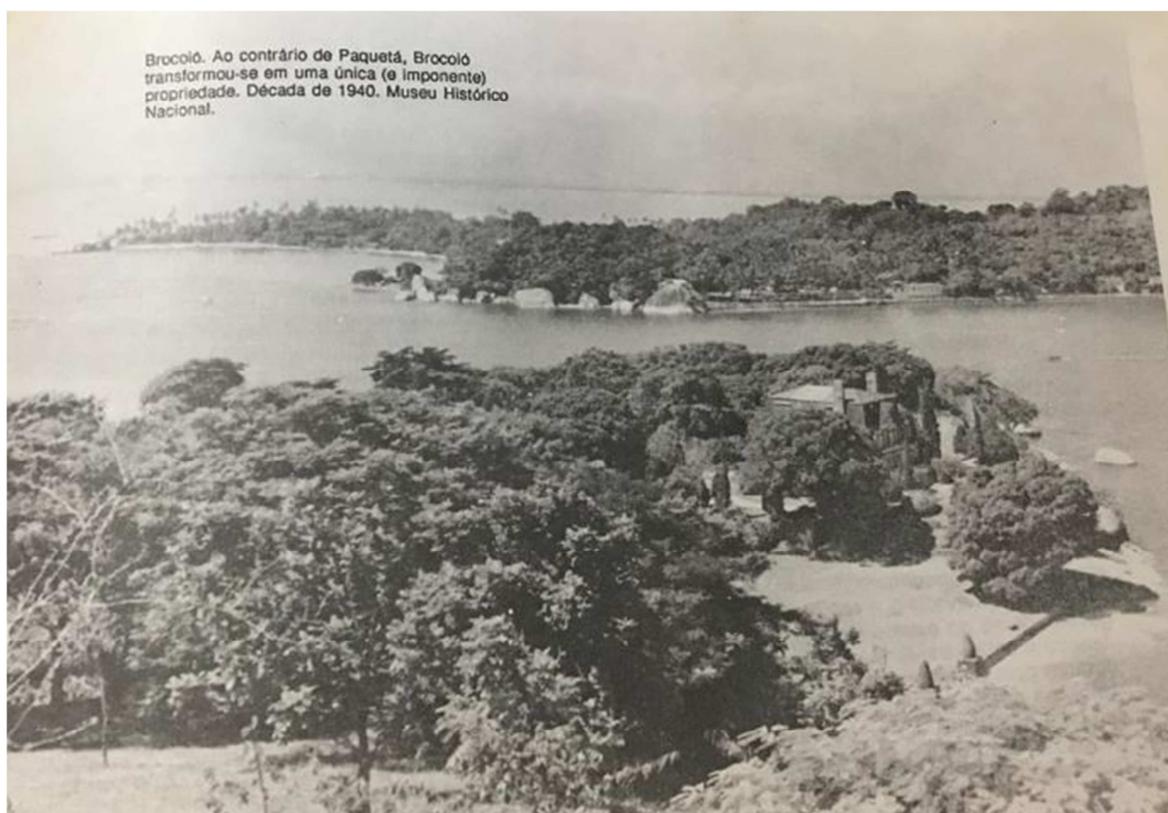
**Figura 21** -Jardins que cercavam as mansões em Paquetá.



Fonte: Carvalho e Zylberbeg, 1991, p. 56.

Podemos coligir que os gêneros de vida que se estabeleceram em Paquetá refletiriam em sua paisagem (vide as Figuras 21 e 22). Conforme disposto em Coaracy (1965), nas últimas décadas do século XIX, Paquetá receberia iluminação pública, água potável, esgoto e limpeza pública, dando à Ilha ares de cidade, reproduzindo em Paquetá a ideologia dos grupos sociais elitizados que compunham a sociedade do Rio de Janeiro. Tratando-se de identidades ideológicas e psicológicas envoltas no *gênero de vida* estamos diante de elementos que se dão além do sensível e que conferem ao terreno o aspecto de “livro a interpretar, no interior do qual todas as manifestações da vida de um lugar da superfície terrestre estão reunidas” (BESSE, 2006, p. 69).

Figura 22 - Propriedade em Brocóio.



Fonte: Carvalho e Zylberbeg, 1991, p.61.

Nesse sentido, muitos dos elementos inseridos e construídos na Ilha por essa época colaboraram para a perpetuação do imaginário que se constituía acerca de Paquetá enquanto local bucólico. As chácaras trouxeram consigo um modo de vida que implicou não só em alterações no aspecto visível, pois “o gênero de vida dos moradores concertava-se com esse tipo de existência semi-rural” (COARACY, 1965, p. 93). Ou seja, esta semi-ruralidade estaria refletida em aspectos sociais, econômicos e psicológicos. Para Coaracy, as chácaras foram

estabelecimentos intermediários entre contingências e convenções da sociedade urbana e as particularidades e atividades do ambiente rural, as chácaras constituíam, sobretudo no século 19, um aspecto cuja importância não tem sido devidamente avaliada, da vida brasileira. Por um lado, punham o urbanícola em mais frequente e íntimo contato com a natureza e suas contingências; por outro contribuíram para estimular e manter mais viva a coesão familiar e o sentimento de unidade doméstica (COARACY, 1965, p. 93).

Apesar de Vivaldo Coaracy (1965) não explicitar características do que entenderia como *existência semi-rural*, o fragmento acima destacado nos traz informações que permitem a compreensão de que as chácaras foram um importante marco para a passagem do ambiente rural para o urbano, uma vez que o próprio autor as destaca como estabelecimentos

intermediários. Tanto na esfera física quanto na psicológica, o modo de vida experimentado e manifestado a partir das chácaras colaborará para a constituição do ideário discutido no primeiro capítulo, pois o caráter bucólico associado à forma e ao modo de vida do campo, ainda hoje presentes no imaginário paquetaense, guardam relações diretas com este período.

Ainda que posteriormente as chácaras tenham sido loteadas em terrenos cada vez menores, ressalta-se que diversos aspectos relacionados a este modo de vida permaneceriam sendo reproduzidos nas relações sociais. Coaracy (1965) destaca que entre as razões que levaram a redivisão das terras em Paquetá estão o:

acréscimo da população da Ilha, a profunda alteração das condições de existência, o mecanismo das partilhas por herança, o contínuo aumento do valor da propriedade imobiliária, a maior incidência dos tributos, e outras causas concomitantes [que] têm convergido para incentivar e acelerar a subdivisão das propriedades extensas em porções ou lotes cada vez mais diminutos (COARACY, 1965, p. 93).

Buscando dar continuidade à compreensão do processo de ocupação da Ilha e suas implicações na paisagem, faz-se necessário retomar a questão conceitual, para que a partir das discussões referentes ao conceito, possamos avançar no entendimento dos acontecimentos vividos na Ilha. Portanto, resgatamos a questão conceitual a partir da proposta de Vidal de La Blache – para este autor “a diversidade dos meios explicaria a diversidade dos gêneros de vida” (MORAES 1999).

Mesmo que prezando pela manutenção de alguns aspectos ligados à vida rural, o que se buscava implementar em Paquetá era o modo de vida do centro da capital, que por sua vez reproduziria padrões europeus. Teríamos assim, em vez de uma diferenciação dos gêneros de vida, certa padronização. Apesar disso, devido ao fato de Paquetá possuir características tão particulares, ao analisar sua paisagem pela perspectiva dos gêneros de vida, é possível notar determinados elementos que podem ser encarados como fundamentais para diferenciar este das demais porções da cidade do Rio de Janeiro.

Entre os elementos relacionados aos gêneros de vida que diferenciam Paquetá, merecem destaque os *ideológicos* e *psicológicos*, haja vista que, por mais que o fenômeno da urbanização e seu caráter homogeneizante fossem penetrando no bairro, houve um esforço para que se mantivessem alguns valores que permitiriam à Ilha o reconhecimento de recanto aprazível. Desta maneira, torna mister abordar o movimento artístico que teve início nas primeiras décadas do século XX.

Por volta dos anos de 1920, foram responsáveis pela administração de Paquetá pessoas envolvidas com o movimento artístico da cidade do Rio de Janeiro,

notadamente o Pintor Pedro Bruno. Comprometido com as artes, este famoso filho da ilha comandou a política de embelezamento e conservação do patrimônio paisagístico de Paquetá, por meio da Liga Artística de Paquetá, movimento que funcionou entre os anos de 1923 e 1948 com objetivo de implementar projetos de embelezamento da ilha e que contava com pleno apoio das instituições públicas locais e de seus funcionários (LEITÃO, 2013, p. 58).

O projeto implementado na Ilha possuiu forte presença do poder público bem como a execução de diversas obras de melhoria, como a construção de cais e praças, e com objetivo de embelezar o bairro, ainda de acordo com Leitão (2013), inúmeros monumentos foram espalhados pela Ilha, homenageando desde o singelismo local, como as pedras, ou os peixes, os pássaros, os pescadores e até grandes vultos e personalidades. Imprimindo<sup>15</sup> na paisagem da Ilha aquilo que comporia a identidade paquetaense, estando diretamente relacionada com todos os artifícios que forjaram e alimentaram o ideário de Pérola da Guanabara.

Retomando o enfoque na ciência geográfica, diante do que foi discutido até aqui, é possível notar o embate entre as análises pertinentes à geografia física e à geografia humana. Conforme Unwin (1995), nos últimos anos do século XIX, questões inerentes a esta oposição receberam destaque nos debates referentes à relevância da Geografia enquanto ciência. “Hacia los años 1920 y 1930, las divisiones dentro de la geografía del mundo anglohablante eran fuente de preocupación y Herbst (1961) ha visto en ello uno de los principales motivos de la poca estima académica que suscitaba la geografía en esa época” (UNWIN, 1995, p. 141).

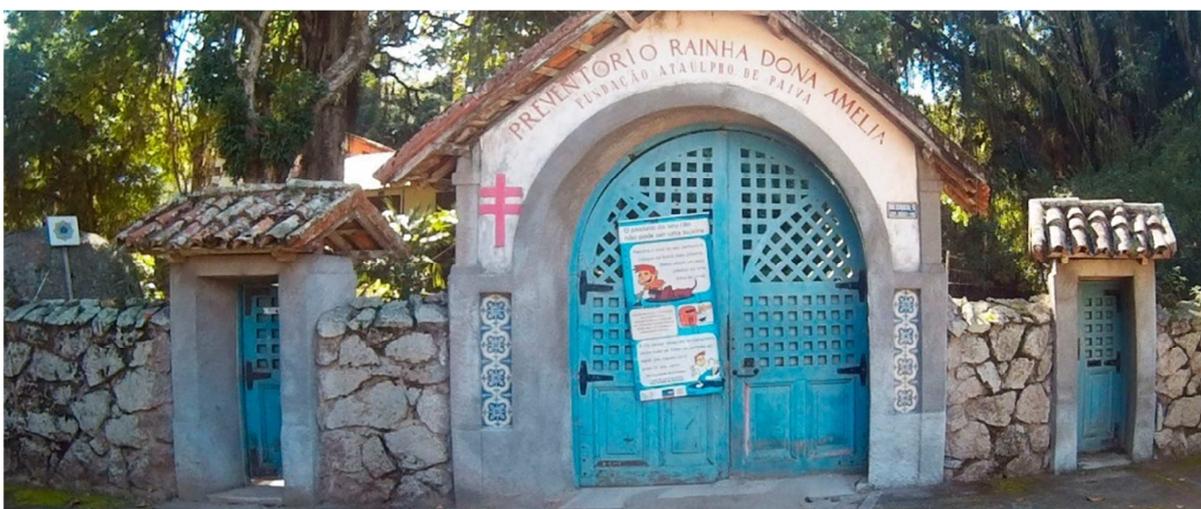
É importante destacar as contribuições de Sauer, das primeiras décadas do século XX, pois segundo Rodriguez (2006) foi em decorrência de suas proposições que a paisagem pode ser entendida como resultante da combinação de múltiplos elementos físicos e humanos e de uma trajetória histórica. Neste sentido, Sauer atua como mediador entre as posturas que estavam postas como antagônicas e apoia-se no conceito de paisagem com o agente conciliador. O “termo ‘paisagem’ é então apresentado para definir o conceito de unidade da geografia, para caracterizar a associação peculiarmente geográfica de fatos” (SAUER, 1998, p. 23).

Segundo Rodriguez (2006), em Sauer a paisagem possui, “además de su valor cultural un inmenso valor práctico, porque se basa en que todo proyecto de intervención espacial, responde a una cierta representación o imagen que constituye el proyecto de esa propia intervención” (RODRIGUEZ, 2006, p. 3). Deste modo, o valor prático da paisagem está associado àquilo que é útil ao homem. Se antes o valor prático de Paquetá levou à

<sup>15</sup> Optamos pelo uso do termo imprimir, pois conforme destacou Besse (2006), na geografia do início do século XX era comum o uso de expressão fisionomia para tratar de realidades objetivas que identificam territórios e foi a partir desta que Brunhes (1912 Apud Besse 2006) desenvolveu diversos estudos, salientando que “em diversos lugares [o homem] inscreve sua passagem por impressões” (p. 67).

intervenção espacial que resultou nas inúmeras indústrias de cal, nas primeiras décadas do século XX, seu valor prático estava associado às amenidades proporcionadas por sua insularidade, tornando-a atrativa para moradia e atividades de lazer e turismo. Além disso, Paquetá destacou-se no tratamento terapêutico, em especial relacionado a questões respiratórias. Conforme já indicamos, o fracionamento das terras da Ilha se seguiu ao longo dos anos e as chácaras foram dadas em terrenos menores, tendo uma das chácaras, a do Castelo, passado “por alguns proprietários até ser adquirida, em 1924, aos doutores Gustavo Riedl e Licínio Cardoso pela Liga Brasileira contra Tuberculose (depois Fundação Ataulfo de Paiva) para a instalação do preventório Rainha Dona Amélia” (CARVALHO e ZYLBERBEG, 1991, p. 52) – vide a Figura 23.

Figura 23 - Preventório Rainha Dona AMÉLIA



Fonte: Disponível em: <https://ilhadepaqueta.com.br/portfolio-item/preventorio-rainha-d-amelia/> . Acessado em: 13/08/2019.

Ao abordar a noção de paisagem cultural de Sauer, Rodriguez (2006, p. 03) salienta que a paisagem “supone así una construcción o texto, una elaboración de imagenes una forma de percepción”. A partir desta colocação é possível relacionar o que vem sendo discutido neste capítulo através de Moraes (1999), Besse (2006) e Unwin (1995). Tudo o que expomos até este momento, ou seja, o desenvolvimento do conceito de paisagem nos séculos XIX e começo do XX, desemboca numa perspectiva de paisagem associada à fisionomia, à característica, à impressão e em última instância, ao texto, ou seja, daquilo que se extrai algum tipo de interpretação à medida em que se permite uma leitura. Culminando na tarefa do geógrafo interpretar a paisagem a partir de elementos objetivos, ainda que se considere a paisagem cultural, Besse (2006) destaca ainda que:

a realidade geográfica se apresenta então como composta por três elementos fundamentais: um substrato plástico, uma energia de circulação, produzida pelos contatos entre forças opostas, e um conjunto de formas (a paisagem), que são como que o efeito desta energia sobre o substrato, justamente sua inscrição. É este último plano o das inscrições, este plano da paisagem, entendida como fisionomia da Terra, que é o plano propriamente geográfico, aquele onde houve, efetivamente, a *escrita* da Terra (BESSE, 2006, p. 71).

Considerando o bairro elegido nesta pesquisa como o substrato plástico que tem sido moldado por diversas forças, interessa-nos a forma resultante das interações dessas forças. Portanto a análise, neste momento, deriva da fisionomia, pois, conforme destaca Besse (2006), “o conceito que permite resumir melhor o que o terreno oferece de especial para a geografia é o conceito de fisionomia” (BESSE, 2006, p. 72). E na Ilha de Paquetá, a fisionomia alterava-se, com maior expressão sob força das ações humanas que acarretavam na ocupação cada vez mais adensada do local, levando a diversas mudanças em sua dinâmica socioespacial. Como destacam Carvalho e Zylberbeg,

no final do século [XIX], um dos efeitos desse processo [o fracionamento da ilha] se manifesta na redução da pequena lavoura, “porque o solo tem sido todo entregue à edificação de moradas para os que desejam ter vivenda aprazível.” Aos poucos Paquetá passa a importar hortigranjeiros de regiões distantes, depois de ter desempenhado o papel de fornecedora desses produtos, entre outros, para várias localidades das margens da baía. Ia se redefinindo seu papel, passava a ser utilizada como área de lazer, os lotes diminuem de dimensão (CARVALHO e ZYLBERBEG, 1991, p. 62).

Ainda que a Ilha fosse, aos poucos, ganhando ares urbanos, a função residencial predominava ao longo do século XIX e conforme destacam as autoras supracitadas foram as chácaras que se consolidaram como solução habitacional. Porém, ao final do mesmo século, a solução para abrigar a crescente população da Ilha era a divisão das terras em lotes cada vez menores.

Em 1913, em um guia da baía do Rio de Janeiro, encontramos referência a um grande aumento da população de Paquetá, descrevendo o autor as casas localizando-se próximas umas das outras, o que pode ser indício já de uma densidade domiciliar considerável (CARVALHO e ZYLBERBEG, 1991, p. 84).

Por mais que atividades turísticas fossem se intensificando, nota-se a manutenção de um modo de vida que não acompanhava o mesmo ritmo das demais áreas da cidade do Rio de Janeiro. Paquetá insistia na manutenção de aspectos tradicionais, inclusive como mecanismo de desenvolvimento do turismo. A manutenção destes aspectos passa a ser uma questão relevante, convergindo em políticas de preservação à medida em que o loteamento da Ilha é

intensificado. Na década de 1940, “pomares antigos estavam sendo substituídos por lotes urbanos de 10m a 12m de frente por 30m a 50m de fundo. São tomadas as primeiras medidas preservacionistas visando às chácaras” (CARVALHO e ZYLBERBEG, 1991, p. 63).

Conforme destacamos anteriormente, as discussões feitas até aqui demonstram que, no recorte temporal elegido para este capítulo, o entendimento acerca da paisagem, seja a partir dos estudos das impressões, das características, das inscrições ou da fisionomia, desembocaram para um plano geográfico onde o entendimento da paisagem se estabelece pela *leitura* (Besse, 2006). Cabe ao geógrafo, portanto, saber distinguir os elementos físicos e humanos em determinada paisagem, objetivando compreender o resultado das interações entre estes elementos através da *leitura*.

No cerne destas discussões, Besse (2006) salienta que a *leitura* da fisionomia é o que permitiria ao geógrafo identificar a identidade de um objeto. É através das contribuições de Vidal de La Blache, Brunhes e antes deste, Humboldt, que Besse (2006) discute a possibilidade de se falar sobre identidades regionais. Neste ponto, sobressalta a mescla entre o físico e o humano presentes nas análises paisagísticas ao longo do século XIX, e que se estenderão no século XX. Cremos que isso advém, entre outras causas, de uma tradição humboldtiana baseada no romantismo, sobre a qual já discutimos no primeiro capítulo deste trabalho. De acordo com Besse (2006) o conceito de *fisionomia* utilizado à época para tratar das paisagens guarda heranças de Humboldt. Além disso, apesar de tratar também das características físicas, “falar de paisagem em termos de fisionomia significa que se atribui à paisagem uma densidade ontológica própria, Se ela possui uma fisionomia, é preciso compreendê-la como uma totalidade expressiva, animada por um ‘espírito interno’ do qual se pode extrair o sentido” (BESSE, 2006, p. 72).

Nos questionamos, então, sobre a identidade paquetaense que se estabelecia nas primeiras décadas do século XX. Encontramos em Leitão (2013) uma definição que parece adequada para representar a Paquetá no começo de século, “balneário urbano privilegiado” (p. 64). Ainda segundo a autora, “do século XIX até por volta dos anos de 1940, as temporadas em Paquetá eram privilégio dos mais abastados” (LEITÃO, 2013, p. 64). Desta maneira, a fisionomia da Ilha, o uso de seus recursos naturais e sua estrutura estariam diretamente associados ao modo de vida da população que ali predominava. Neste sentido, destacamos aqui uma grande contribuição da Geografia da época, o caráter histórico da paisagem. Conforme indicamos, Sauer é um autor que compreende a paisagem como resultado de uma trajetória histórica, visto que para o autor a

paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado. Sob influência de uma determinada cultura, ela própria mudando através do tempo, a paisagem apresenta um desenvolvimento, passando por fases e provavelmente atingindo no final o término do seu ciclo de desenvolvimento. Com a introdução de uma cultura diferente, isto é, estranha, estabelece-se um rejuvenescimento da paisagem cultural ou uma nova paisagem se sobrepõe sobre o que sobrou (SAUER, 1998, p. 59).

Em alusão ao nosso objeto de estudo, deve-se pensar que a paisagem do início do século XX também guardara traços de um período anterior. Leitão (2013) ao analisar as ruas da Ilha destaca que, em algumas delas, há a presença de casas mais modernas em um dos lados e do outro, construções antigas, casas geminadas e datadas. “Isso reflete os diferentes períodos de ocupação dos terrenos, sendo que as casas mais modernas foram construídas, geralmente, onde antes existiam as chácaras” (LEITÃO, 2013, p. 101). Além disso, a autora segue estabelecendo correlações entre o processo de turistificação da Ilha e o seu loteamento, destacando que na “época em que a ilha ainda contava com alto prestígio no circuito social da cidade e era procurada como vilegiatura pelas famílias de posses, houve inúmeras estratégias para promover uma produção intensiva de lotes” (LEITÃO, 2013, p. 101).

Em alusão à Ilha, todo o percurso de análise baseado na paisagem da Geografia do século XIX e início do século XX, desemboca em um trato da paisagem em que, apesar do grande destaque dado aos processos de natureza física, a apreensão da paisagem não está por eles limitada. Ou seja, também se coloca o homem, suas demandas e intenções como elementos relevantes, por vezes extrapolando o aspecto sensível.

Buscando mais uma vez equalizar os recortes temporais, salientamos que a segunda metade do século XX será marcada por mudanças no pensamento geográfico. “A crise da Geografia Tradicional, e o movimento de renovação a ela associado, começam a se manifestar em meados da década de cinquenta e se desenvolvem aceleradamente nos anos posteriores” (MORAES, 1999, p. 93). E no que se refere ao nosso objeto de estudo, as pesquisas realizadas nos possibilitam afirmar que até a primeira metade do século XX Paquetá podia ser entendida, como bem definiu Leitão (2013, p. 50), um “balneário valorizado pela elite carioca”. Todavia a segunda metade deste mesmo século também será permeada por diversas mudanças que alterarão não só a paisagem da Ilha, mas como ela era percebida pela população. Aos poucos Paquetá deixará de ser área de interesse da população mais abastada.

## 2.4 Novos rumos para paisagem: perspectivas em transformação

O desenvolvimento deste segmento do capítulo fundamenta-se nas transformações que passaram, tanto a Ilha de Paquetá quanto o conceito de paisagem na segunda metade do século XX. Não pretendemos discutir neste momento os desdobramentos destas mudanças, isto é, não se buscará discutir de que modo a paisagem será compreendida na Geografia a partir de 1950, tampouco os resultados das alterações socioespaciais pelas quais passará Paquetá. Essa tarefa será realizada no próximo capítulo. Aqui pretendemos trazer o cenário destas transformações, que implicarão em diferentes formas de análise da paisagem.

“Al transcurrir los primeros treinta años del siglo XX, sin embargo, emergió de forma paralela a las propuestas fragmentarias una potencial tendencia a re-vincular los elementos paisajísticos, con especial atención al factor humano” (Urquijo e Barrera, 2009, p. 243). Todavia, a partir da segunda metade do século XX, a Geografia estará diante de diversos debates que buscarão rever as bases da ciência geográfica e que terão implicações diretas na concepção de paisagem estabelecida até então.

De acordo com Moraes (1999), as razões que levaram à crise da Geografia Tradicional correlacionam-se tanto com questões internas da disciplina quanto com mudanças na conjuntura capitalista. “Havia se alterado a base social, que engendrara os fundamentos e as formulações da Geografia Tradicional” (MORAES, 1999, p. 94). Além disso, o autor destaca o desenvolvimento capitalista que tornou a realidade mais complexa, especialmente em relação às decorrências da Globalização, e a crise do positivismo clássico, fundamento filosófico no qual se baseava a Geografia tradicional, como elementos que marcaram a problemática do pensamento geográfico tradicional.

Na Geografia Tradicional, a paisagem apreendia as relações do homem com o meio, porém as circunstâncias nas quais se analisavam as ações humanas e o contexto em que o meio estava inserido, passam a ser questionados. De acordo com Moraes (1999, p. 98) “os níveis de questionamento variam bastante. Alguns autores vão ficar nas razões formais; outros avançam, buscando as razões mais profundas na base social e na função ideológica deste conhecimento”.

O período que se inicia a partir da segunda metade do século XX é, portanto, para a Geografia, um ponto de mudança, à medida em que parte dos geógrafos se dedicarão a desprender-se dos métodos de análise presentes no período tradicional. “O mosaico da Geografia Renovada é bastante amplo de concepções. Entretanto, é possível agrupá-las, em função de seus propósitos e de seus posicionamentos políticos” (MORAES, 1999, p. 99).

Ressaltamos que apesar das mudanças decorrentes das novas maneiras de pensar que se consolidam no ocidente pós II Guerra Mundial, não se deve concluir que os estudos de época pretérita perderam sua validade. Ainda que algumas formas de análise aqui expostas tenham sido alteradas, ou superadas, os entendimentos delas decorrentes tem utilidade para apoiar o próprio movimento de renovação, que pode, a partir destes estudos, construir suas bases e sobretudo compreender aquilo que se procurava abandonar.

Dito isso, trazemos em tela nosso objeto de estudo. Não sem antes sinalizar ao leitor que este tópico não traz uma correlação direta entre as definições de paisagem de uma época, discutidas a partir da paisagem da Ilha. O objetivo é apenas apresentar o cenário das transformações da segunda metade do século XX porque são destas transformações que decorrerão diferentes formas de compreensão da paisagem. Além disso nos encaminhamos para o fim deste capítulo elencando o horizonte que se apresentava em Paquetá, também marcado por transformações que desembocariam em mudanças na paisagem da Ilha.

A Ilha que foi o *balneário da elite* vai, aos poucos, dando sinais de mudança na composição do seu perfil social, trazendo alterações que implicarão tanto em sua dinâmica socioespacial quanto em sua paisagem.

Há uma ideia corrente que atribui a mudança sociocultural de Paquetá à migração de nordestinos e à ocupação dos morros, intensificada a partir dos anos 1980. No entanto, o ‘formato’ da ocupação residencial sofreu transformações cruciais desde a segunda metade do século XX (LEITÃO, 2013, p. 102).

Conforme destaca Wilma Marques Leitão, é necessário que não se estabeleça a ideia de que a mudança no predomínio do perfil social da Ilha decorreu da chegada de grupos de migrantes, ou até mesmo do processo de favelização que hoje se verifica em Paquetá – “se do século XIX até por volta dos anos 1940, as temporadas em Paquetá eram privilégio dos mais abastados, os anos de 1960 e 1970 consagraram a ilha como opção de férias para a *classe média*” (LEITÃO, 2013, p. 64).

Antes de se falar em processo de favelização ou de migrantes na Ilha, há de se considerar outros fatores que levaram Paquetá da condição de balneário das elites à *opção de férias para a classe média*. Aos poucos Paquetá foi se popularizando, e uma marca deste processo eram os passeios que terminavam nos famosos piqueniques (LEITÃO, 2013; COARACY, 1965). Quando da abordagem destes distintos momentos, se faz necessário refletir o quanto a ampliação ao acesso aos meios de transporte que se destinavam à Ilha tem influência nesta transição.

Segundo Coaracy (1965), de início, até a metade do século XIX, não houve linhas regulares de transporte destinados à Ilha. Os moradores que se deslocavam entre a Ilha e o continente, assim como as mercadorias, eram transportados em “faluas, chalupas, pequenos iates até mesmo canoas” (COARACY, 1965, p. 83). Depreende-se que ao passo que o transporte era realizado desta forma não seria possível que parcelas menos privilegiadas da população da cidade pudessem deslocar-se para a Ilha.

Ao longo do século XX, conforme destaca este mesmo autor, o transporte de barcas foi sendo organizado até que passou a ser gerido pelos oficiais da Marinha de Guerra a partir da Superintendência dos Transportes na Baía de Guanabara. À medida que o transporte para a Ilha deixou de ser feito por embarcações particulares e passou à qualidade de serviço público, pode-se assumir a ideia de Paquetá tornava-se mais acessível. Somado a isso, outros fatores também colaboraram com a mudança no perfil social dos frequentadores e moradores do bairro.

Os anos 1960 foram marcados pelo início de um período de forte especulação imobiliária. As últimas chácaras que existiam na ilha foram, quase todas retalhadas, cedendo o lugar a pequeninas casas e apartamentos menores, bem menores. Algumas foram destinadas ao veraneio, mas muitas foram paulatinamente sendo ocupadas por moradores fixos. A partir dessa época, qualquer terreno passou a se transformar em um sem-número de edificações, dando lugar a casas no mais estrito e funcional sentido do termo, sem qualquer preocupação com a beleza, coma harmonia, com o lugar (LEITÃO, 2013, p. 102).

Além das mudanças nos meios de transporte que permitiram que o acesso à Ilha fosse facilitado, o avanço no loteamento da Ilha também pode ser compreendido como um fator que ao mesmo tempo foi reflexo e condição para a mudança no perfil social dos moradores e frequentadores da Ilha. Conforme destaca Leitão no parágrafo supracitado, os terrenos foram cada vez mais fracionados com o propósito de edificar imóveis residenciais, e isso era feito de forma diferente de períodos anteriores, quando a conservação da paisagem e de características tradicionais da Ilha tornavam-se fundamentais, como exemplo nas mansões que tinham como elemento de prestígio a preservação e manutenção da vegetação – vide a Figura 24).

Destaca-se não só a substituição da vegetação pelas construções cada vez mais adensadas, como também uma forte mudança no padrão arquitetônico de Paquetá. Enquanto *balneário da elite*,

Paquetá primava pela qualidade de sua paisagem imobiliária e praticamente, todos os documentos que retratam as belezas da ilha destacam o esmero e o valor arquitetônico das casas e chalés, igualmente reverenciados na descrição da beleza do lugar (LEITÃO, 2013, p. 103).

Considerando que nosso trabalho tem como ponto nevrálgico a paisagem, não poderíamos avançar sem antes trazer imagens do padrão arquitetônico predominante no período que se estendeu até a primeira metade do século XX. Elementos que se tornam importantes à medida em que podem ser utilizados com propósitos comparativos, para que se compreenda as alterações na paisagem resultantes das mudanças no padrão de ocupação e do perfil socioeconômico da população paquetaense.

Apesar do intenso loteamento das chácaras, algumas edificações foram conservadas. Conforme o Guia das APAC de Paquetá, essas construções são geralmente térreas ou sobre porões e guardam características arquitetônicas que remetem ainda a casas tradicionais portuguesas, embora devido aos anos, já possam ter sofrido modificações vide Figuras 25 e 26. Desta maneira, os remanescentes das antigas chácaras, são elementos da paisagem que contam a história da ocupação da Ilha, uma vez que remetem a um antigo modo de vida.

**Figura 24** -Mansão em Paquetá.



Praia das Gaivotas. 796

Fonte: INSTITUTO RIO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE, 2012, p.7.

Os chalés também foram construções que tiveram forte presença em Paquetá, e conforme o Guia das APAC aponta, talvez devido ao seu caráter romântico os chalés se tornaram uma identidade da Ilha dos Amores. Muitos desses podem ser vislumbrados por toda a ilha, entre os quais, a popular Casa da Moreninha”. Ou seja, os chalés, tornaram-se um elemento da paisagem que construíram e reafirmam a identidade de Pérola da Guanabara, uma vez que estão diretamente associados a um imaginário

coletivo. Além disso, o mesmo documento destaca que o chalé é normalmente uma construção térrea, com telhado de duas águas bastante inclinado.

**Figura 25** - Chalés em Paquetá

Fonte: INSTITUTO RIO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE, 2012, p.7.



Praia José Bonifácio, 127



Rua Manuel Macedo, 429

Além dos chalés e das chácaras, as casas de arquitetura mais simples predominaram na Ilha. Ainda de acordo com o Guia das APAC, as casas mais antigas, datadas do século XIX, eram do tipo *porta e janela* e abrigaram provavelmente famílias nativas da ilha que viviam em função da pesca ou da atividade caieira. Além disso, este documento destaca que no final do século XIX e princípio do XX, surgem residências com características que remetem ao gosto eclético, influenciadas pela arquitetura do centro da capital do país. Ainda algumas residências com influência da arquitetura historicista, principalmente do gosto neocolonial, surgiram durante as décadas de 1920 e 1930.

**Figura 26** - Casario do tipo porta e janela.



Rua Maria Freire, 23



Rua Príncipe Regente, 44, 46 e 48

Fonte: INSTITUTO RIO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE, 2012, p.8.

Com objetivo de sinalizar as alterações no perfil arquitetônico da Ilha na segunda metade do século XX, trazemos o Quadro 1, que indica a quantidade de tipos de imóveis por sua idade. A partir da análise dos dados é possível concluir que desde os anos de 1950 – imóveis entre 0 e 44 anos – intensificou-se o processo de construção de imóveis. Chamamos atenção para o aumento no número de apartamentos – vide exemplo à Figura 27 –, que sinalizarão de maneira bastante expressiva a alteração arquitetônica na paisagem de Paquetá.

**Quadro 1:** Tipos de imóvel por idade.

<b>TIPO DO IMÓVEL</b>	<b>0-20 ANOS</b>	<b>21-44 ANOS</b>	<b>45-59 ANOS</b>	<b>MAIS DE 60 ANOS</b>	<b>TOTAL</b>
CASA	240	319	118	268	946
APARTAMENTO	336	234	111	32	713
LOJA	13	29	2	8	52
<b>TOTAL</b>	<b>589</b>	<b>582</b>	<b>231</b>	<b>309</b>	<b>1711</b>

Fonte: LEITÃO, 2013, p. 103.

**Figura 27** - Edifício São Roque.



Fonte: Disponível em: [http://jabpaqueta.blogspot.com/p/blog-page\\_7.html](http://jabpaqueta.blogspot.com/p/blog-page_7.html). Acesso em 06/03/2020.

Segundo Leitão (2013), é relevante considerar que as implicações desse furor construtivo tiveram reverberações em diferentes dimensões e trouxeram alterações significativas não apenas no plano das edificações, como também nas características da população que passou a residir na Ilha. À medida em que crescia em Paquetá a quantidade de imóveis e o loteamento de terrenos, a elite que compunha a população da Ilha passou a dirigir-se para outros parcerís da cidade.

Após a Grande Guerra, Paquetá sofreria modificações na composição de sua população com a chegada de muitos elementos de fora da Ilha, notadamente de nordestinos que para ali se dirigem em grandes levas na década de 1950 (...) A época referida, muitas famílias tradicionais da Ilha mudaram-se para o Rio e assim muitas casas antigas foram vendidas e desmembrados seus terrenos (CARVALHO e ZYLBERBEG, 1991, p. 84).

Apesar de as transformações no perfil arquitetônico serem mais facilmente percebidas, concomitantemente a este processo alterava-se profundamente o padrão socioeconômico de parte sensível dos moradores da Ilha. As casas foram postas à venda por diversas famílias que deixavam Paquetá, e passaram a ser ocupadas por novos moradores. Aos poucos a composição da população Paquetaense alterava-se e já na década de 1940 falava-se na existência de favelas na Ilha.

Parte de outra chácara, a Hill-Crest, que ocupava o morro da Covanca, de onde se estendia até o mar com pitoresca praia, foi transformada no parque dos Tamoios. A abertura de estrada de acesso ao Preventório, pela Prefeitura, isolou-a do mar, surgindo uma favela na praia e foi loteado o trecho localizado entre a rua Maestro Anacleto e o mar, à década de 40 (CARVALHO e ZYLBERBEG, 1991, p. 55).

Quando a favelização ainda era um processo incipiente na Ilha, o elemento que marcava a paisagem eram os cortiços. Quando as atividades caieiras ainda existiam na Ilha, muitas das famílias tradicionais abrigavam seus empregos nos terrenos de suas casas. Ao fim desta atividade, essas pessoas não tinham onde morar. Diante deste problema “foi construído em 1950, o Conjunto Habitacional da Prefeitura que abrigou várias dessas famílias [antigos empregados das caieiras]” (LEITÃO, 2013, p. 106).

Antigas propriedades que outrora pertenceram à elite paquetaense foram sendo desmembradas e ocupadas por famílias pobres. Como, por exemplo, se deu com a chácara conhecida como *O Vinte*, que em 1956, quando foi desmembrada, ocupava um quarteirão inteiro fronteiro à rua Tomás Cerqueira. Também a casa do comendador Lage em sua chácara na praia Grossa, transformar-se-ia em um cortiço, bem como a da Eliziária (CARVALHO e ZYLBERBEG, 1991, pp. 55-56).

Os cortiços e barracos que se estabeleciam na Ilha, acabaram esbarrando na lógica que se insere na cidade do Rio de Janeiro. Conforme destaca Pires (2010), especialmente a partir de 1930 os Planos Diretores se consolidam como instrumento de gestão da cidade, com foco em obras de saneamento, transportes e habitação. Paquetá não fica excluída deste processo e, conforme destaca Leitão (2013), o prefeito Mendes de Moraes (1947–1951), foi responsável pela construção do Conjunto Habitacional de Paquetá. Segundo a divulgação da época, publicada na revista *Habitat*<sup>16</sup>, o conjunto destinava-se à moradia de operários que trabalhavam naquela ilha, antes residentes em péssimas condições: barracos de favela, cortiços etc vide a Figura 28. Além disso, este conjunto possuía dupla finalidade que, segundo a *Revista Municipal de Engenharia*<sup>17</sup>, eram: “proporcionar habitação conveniente a funcionários municipais de salário-mínimo e contribuir para a extinção de favelas naquele recanto turístico da cidade” (NASCIMENTO E BONDUKI, 2003, p. 04).

Diante do que foi exposto, podemos concluir que a segunda metade do século XX foi um período de intensas transformações na Ilha de Paquetá, que se expressariam sobretudo pela alteração em sua paisagem. A análise que trouxemos buscou elucidar os novos elementos que passaram a compor a paisagem da Ilha ao longo das primeiras décadas da segunda metade

<sup>16</sup> Revista HABITAT, 1954, p.17 Apud Nascimento e Bonduki, 2003, p. 04.

<sup>17</sup> Revista Municipal de Engenharia, 1953 Apud Nascimento e Bonduki, 2003, p. 04.

do século XX. Conceber este movimento que se manifestou como um fenômeno socioespacial se faz necessário para que se compreenda o processo de decadência que a Ilha passará, especialmente a partir dos anos de 1970/1980.

Figura 28 - Vista do barraco onde moravam os futuros habitantes do conjunto habitacional Paquetá. Ao fundo o conjunto em vésperas de sua inauguração em 1952



Fonte: Nascimento; Bonduki, 2003.

Em assim sendo, caminha-se em direção ao momento que analisaremos os impactos das alterações apresentadas no processo de decadência da Ilha, incluindo uma breve discussão que envolve a degradação da Baía da Guanabara como fator que incidirá de maneira expressiva nesta questão. Mantendo a metodologia que elencamos para a construção de todo este trabalho, seguiremos balizando nossas análises junto ao conceito de paisagem pela Geografia. Novas formas de compreensão da paisagem revelarão as diferentes perspectivas de definição do conceito, ao mesmo tempo em que indicarão sua relação com concepções pretéritas, tornando este conceito cada vez mais complexo e eficiente como conceito chave para a análise do espaço geográfico.

### 3 A ILHA QUER VOLTAR A SER *PÉROLA*: UM NOVO OLHAR SOBRE A PAISAGEM

Mais uma vez o ideário de Pérola da Guanabara conduz nossas discussões. Se em um primeiro momento a identidade de *pérola* se consolida a partir da paisagem, neste momento nota-se que é a partir da noção que se estabeleceu no passado que se pretende (re)estruturar a paisagem. O título já revela ao leitor que Paquetá perderá seu prestígio enquanto a mais bela da Ilha da Guanabara, e ao longo deste capítulo trataremos das causas e consequências deste processo.

O capítulo anterior ao elencar o processo de ocupação da Ilha permitiu a compreensão da maneira como a população se estabeleceu e criou laços com Paquetá, e avançou nas problemáticas que desembocarão no processo de decadência do bairro, transformando profundamente sua paisagem e as relações sociais com ela estabelecidas. Não há como compreender o que se pretende discutir neste capítulo sem a apreensão daquilo que foi disposto até aqui.

Relacionando as maneiras de conceber a paisagem decorrentes de discussões presentes no século XX, intentamos trazer o objeto de estudo sob a luz destas concepções com o objetivo de elucidar o processo de decadência da Ilha, observando seus impactos tanto na esfera material quanto imaterial, ou seja, nossas discussões abarcam não somente as transformações nos aspectos físicos de Paquetá, como também nas implicações destas transformações nas relações humanas que se estabeleceram com a Ilha. Este capítulo trata ainda da busca por recuperar a identidade de Pérola da Guanabara, novamente sob a perspectiva da inter-relação entre os aspectos imanentes e transcendentes que se dão nesse processo, apoiando-nos no cabedal teórico que se consolida a partir das décadas de 1960 e 1970.

#### 3.1 O processo de decadência da Ilha: realidade objetiva e subjetiva

Paquetá chega a segunda metade do Século XX marcada pelos reflexos dos processos socioespaciais que se intensificaram com a virada do Século XIX. Aquela que antes foi a *Pérola da Guanabara*, o recanto da elite carioca, atravessa um processo de

desvalorização de sua paisagem. A perda de prestígio no cenário carioca agrava os problemas que foram abordados no capítulo anterior.

Esta imagem de decadência que recaiu sobre a Ilha de Paquetá decorre de um processo que se desencadeou, sobretudo, depois das três primeiras décadas do Século XX. Todavia os fatos não se explicam apenas a partir das alterações na paisagem da Ilha, mas de um conjunto maior, a paisagem da Baía de Guanabara. Deste modo, “convém ressaltar que o início da colonização foi também o começo da incessante exploração dos recursos naturais da Baía de Guanabara, não somente das matas existentes nas ilhas, mas também de todo seu recôncavo e mangue” (COSTA, 2015, p. 18).

Torna-se impensável desvincular o processo de decadência da Ilha de Paquetá da degradação ambiental vivenciada pela baía de Guanabara. Assim como a paisagem da Ilha sofreu diversas transformações a partir da utilização dos recursos naturais, o mesmo se deu com a Baía de Guanabara. Apesar dos impactos da retirada, e muitas vezes da extinção, de determinados recursos, à medida em que a urbanização avançava nos arredores da Guanabara, a poluição passou a ser o cerne da questão referente à degradação da Ilha de Paquetá e da própria Baía.

A década de 1950, quando se acentua o processo de desenvolvimento urbano-industrial da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, é considerada marco no processo de poluição e degradação da Baía. Os aterros que acompanharam a abertura da avenida Brasil, conjugados à expansão das indústrias poluidoras, principalmente químicas, farmacêuticas e de refinaria, e ainda ao espetacular crescimento populacional e expansão urbana levaram a uma mudança radical na qualidade das águas, flora, fauna e balneabilidade das praias e ao declínio da pesca. Os efluentes industriais, cada vez em maior escala, passaram a contaminar as águas com óleo, metais pesados, substâncias tóxicas e carga orgânica. A expansão urbana e populacional, sem o acompanhamento de serviços adequados de esgotamento sanitário, passou a responder, por sua vez, pela poluição por esgoto doméstico não-tratado, que gradualmente foi tornando as praias do interior da Baía impróprias para o banho (BRITTO, 2003, p. 65).

Em um primeiro momento o crescimento da cidade do Rio de Janeiro foi um estímulo para a instalação e consolidação da atividade caieira na Ilha, levando à intensa exploração dos mangues e gerando impactos que ainda hoje permanecem na paisagem paquetaense. Posteriormente, como fica evidente no fragmento de texto destacado acima, é o crescimento de Região Metropolitana do Rio de Janeiro que impactará na paisagem e na dinâmica socioespacial de Paquetá. E, como nossa análise apoia-se no conceito de paisagem, torna-se essencial que busquemos no cabedal teórico fundamentos que sustentem nossas observações. Mantendo a metodologia elegida, recorreremos a concepções do conceito de

paisagem que se consolidam a partir da segunda metade do século XX como sustentáculo de nossas discussões neste subcapítulo. Conforme destaca Danilo Piccoli Neto,

o cenário começa a se alterar com as mudanças paradigmáticas advindas do seio da própria ciência em geral, com novas teorias especialmente no campo da física teórica, com Einstein e Bohr, que vão refletir na filosofia da ciência e no modo como o conhecimento é adquirido; novos esforços são oferecidos por escolas como a do Círculo de Viena, e o pós-guerra coloca a necessidade de uma nova forma de aplicação do conhecimento científico. Evidentemente, essas mudanças se espalham pelos demais ramos naturais e sociais da ciência e atingem o campo do saber geográfico, uma verdadeira revolução no modo de se fazer estudos em geografia é eminente (PICCOLI NETO, 2010, p. 92).

Uma das facetas de grande expressão da Geografia do século XX definiu a paisagem como produto da interação do homem com a natureza na perspectiva de correlação entre a Geografia Física e Geografia Humana. Todavia,

como se sabe, nos anos cinquenta e sessenta, um novo paradigma se instalou na disciplina, cristalizado no conceito de *espaço*. A geografia tornou-se, de modo geral, o estudo das leis do espaço. Ela adotou procedimentos de “modelização” e de teorização, desenvolveu técnicas de quantificação e utilização de regras de administração da prova, análogas às que são conhecidas nas ciências da natureza. A geografia, em sua versão positiva, tornou-se uma ciência social que estuda as distribuições espaciais, as estruturas espaciais, as circulações espaciais, os comportamentos espaciais de atores supostamente racionais e, portanto, “modelizáveis” (BESSE, 2006, p. 77).

Diante das mudanças pelas quais a ciência geográfica passou neste período, conforme destacou o autor supracitado, o conceito de espaço tornou-se o paradigma desta Ciência, com grande destaque nos estudos oriundos das décadas de cinquenta e sessenta. Não obstante, a necessidade de estabelecer uma correlação entre os conceitos de espaço e paisagem se apresenta como fundamental a medida em que se busca nas *dobras da paisagem* a relação com a análise espacial, ou seja, empreende-se a tarefa de buscar nos elementos imanentes e transcendentés da paisagem aquilo que se manifesta como dinâmica no espaço.

Conforme disposto no segundo capítulo deste trabalho, nos primeiros anos do século XX, os estudos de paisagem desembocaram em diversas formas de análise, entre elas, a que considera a paisagem como texto, como algo que se oferece para a leitura. Nesse sentido traçamos um paralelo com o pensamento de Gomes (1997, p. 39), quando o autor afirma que se “deve examinar o espaço como um texto, onde formas são portadoras de significados e sentidos”, ou seja, mas formas do espaço, a paisagem, é o texto do espaço, aquilo que se comunica diretamente com quem o observa. A partir disto, reafirmamos a importância de confluir os conceitos de espaço e paisagem, buscando interpretações oferecidas pelas

paisagens enquanto texto, à medida que os aspectos materiais e imateriais decorrentes da leitura interagem de forma direta com as dinâmicas socioespaciais, essenciais na fundamentação deste estudo.

Diante da necessidade de correlacionar tais conceitos, indaga-se de que maneira o cabedal teórico acerca da paisagem pode ser utilizado para tratar de nosso objeto. Assim como destacado por Jean-Marc Besse, Rodriguez (2006) também ressalta que atrelado à relevância do conceito de espaço que se consolida na Geografia positivista dos anos 1950, no que se refere aos estudos de paisagem, “en vez de la descripción de la morfología del paisaje, se trata de realizar una rigurosa topología de los patrones espaciales. En vez de la descripción subjetiva, de lo que se trata es de la objetividad descriptiva” (RODRIGUEZ, 2006, p. 6).

Outra vertente derivada deste período que traz consigo a ênfase no conceito de espaço é a Geografia Crítica, que enxergará a paisagem como “la apariencia del nivel sensorial de la sociedad. Es un objeto eminentemente visual. La experiencia se considera como la expresión de la singularidad geográfica. El paisaje se considera como la imagen que representa al paisaje” (RODRIGUEZ, 2006, p. 8). Neste ponto, refletimos sobre que imagem representaria a paisagem de Paquetá nos anos cinquenta e sessenta do século passado.

De acordo com Costa (2015), especificamente na década de 1950<sup>18</sup>, ocorre o momento auge do processo de poluição e degradação da Baía, portanto, ainda que o processo de decadência da Ilha estivesse em pleno curso, alcançando seu auge nos anos seguintes, neste momento a imagem que já se constituía enquanto representativa da paisagem de Paquetá, era a do cenário de degradação. O deslocamento de barca até a Ilha passava a revelar as mazelas da poluição da Baía de Guanabara, e as praias da Ilha tornavam-se cada vez menos atrativas e aos poucos a imagem da degradação permearia a própria Ilha.

O fim dos anos sessenta e início dos anos setenta marcam o estabelecimento do cenário de abandono na Ilha de Paquetá. Conforme destaca Leitão (2013) Paquetá foi, durante muitos anos, referência em saúde e educação. Enquanto local ocupado por uma parcela da elite carioca, houve preocupação com a qualidade dos serviços públicos ofertados. Todavia, ao passo que a imagem da Ilha se transformava e suas belezas, aos poucos, foram perdendo

<sup>18</sup> Costa (2015) aponta este momento como o auge do processo de degradação acompanhando o processo de desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Além disso, a autora salienta, e cabe a nós reproduzir que, também em meados do século XX, não se pode deixar assumir a transferência do governo federal do Rio de Janeiro para Brasília e a posterior fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro como elementos que associam-se diretamente com a intensificação do processo de degradação da baía, visto que, nesta lógica a cidade do Rio de Janeiro passou a conviver com a escassez de recursos destinados à políticas de saneamento. A autora destaca que trata-se de uma situação muito diferente do que acontecia antes, pois, como Distrito Federal e depois estado da Guanabara, o Rio possuía uma quantidade razoável de recursos federais e estaduais. Além de perder funções administrativas em 1960, em 1975 a cidade perdeu os recursos de estado.

expressão, os serviços ofertados também passaram pelo processo de precarização. Em reportagem publicada no jornal O Globo, na coluna Plantão Globo – vide a chamada da matéria à Figura 29 – do ano de 1973, é destacado que

Paquetá está sofrendo as consequências do abandono quase total. O comércio deficiente e as condições precárias de transporte (passageiros e carga) já fez diminuir em mais de 10 por cento a população. Os preços dos gêneros alimentícios são trinta por cento mais caros que no comércio do Rio, enquanto que uma única farmácia, mantida pelo INPS, só funciona de segunda à sexta-feira, das 9 às 18 horas. A população que, em 1970 era de quase cinco mil habitantes, atualmente não chega a quatro mil fixos (Paquetá..., 1973, p. 16).

**Figura 29** - Chamada da matéria de jornal sobre os problemas de Paquetá



Fonte: O Globo, 1973, p. 16.

O conteúdo desta reportagem nos auxilia no entendimento de que a precarização e decadência da Ilha de Paquetá é articulada entre três elementos bastante caros à Geografia da época: a paisagem, o espaço e a sociedade. Santos (2006) expressa a paisagem como elemento visível, como forma. E nesse sentido, para o autor “paisagem e sociedade são variáveis complementares cuja síntese, sempre por refazer, é dada pelo espaço humano” (SANTOS, 2006, p. 69).

E é nesta articulação entre paisagem, sociedade e espaço, que Paquetá passará por profundas transformações, onde a identidade/ideia de *Pérola da Guanabara* tornar-se-á cada vez mais distante da forma da Ilha e

a partir dos anos 1980, seguindo a tendência generalizada do país, de descompromisso do poder público com a garantia de serviços de qualidade, Paquetá foi gradativamente perdendo o glamour com o qual se caracterizava, e foi vendo suas belezas até então preservadas, por lei e pelo orgulho de sua população serem cada vez mais destroçadas pelas iniciativas particulares sem qualquer controle ou fiscalização. Concomitantemente, as elites cariocas, que até então desfrutavam da Ilha, passaram dirigir para outros balneários, mais sofisticados e mais envolvidos

com os novos valores de consumo. Paquetá foi tornando-se apenas um bairro na extensa relação dos bairros da cidade (LEITÃO, 2013, pp. 67-68).

Quando a autora destaca que Paquetá foi tornando-se mais um bairro, na extensa relação dos bairros do Rio de Janeiro, ressalta-se o destaque para a consolidação de problemas urbanos, que banalizam Paquetá à medida em que seus encantos se tonaram secundários ou são destruídos diante do processo de decadência da Ilha. Rodríguez (2006) ressalta que nesta lógica de interação entre paisagem e sociedade na produção do espaço como produto social, a paisagem é considerada como

la apariencia, nivel sensorial de la sociedad, que es el contenido del espacio, (nivel externo y epidérmico) como la forma o nivel subyacente a lo inmediatamente sensorial, en que se organiza territorialmente la sociedad. En esa concepción, la sociedad se visualiza como el contenido oculto de la forma del espacio y de la apariencia del paisaje (RODRÍGUEZ, 2006, p. 08).

De acordo com o autor supracitado a sociedade é o conteúdo oculto da aparência da paisagem, e em Paquetá, neste período, alteravam-se tanto as formas quanto o conteúdo oculto destas. O abandono do poder público, os novos moradores, as novas relações que se estabeleceram, inseriram Paquetá em um contexto diferente daquele dos tempos áureos. Em 1980, em reportagem também publicada no jornal O Globo, os problemas relacionados ao abandono na gestão da Ilha persistiam: “uma das regiões mais belas do Rio, a ilha de Paquetá continua cheia de problemas, o transporte é precário em lanchas superlotadas, as praias estão poluídas, falta água, tudo custa mais caro.” (TRANSPORTE..., 1980, p. 13).

Nas décadas de 1970 e 1980 foram comuns nos noticiários e jornais da cidade matérias dedicadas à Ilha de Paquetá, retratando os problemas cada vez mais frequentes. Em matéria publicada por Alexandra Bertola no jornal O GLOBO, em 1979 – vide a Figura 30 –, discutiu-se o fato de Paquetá estar cada vez mais afastada da realidade prometida aos visitantes, ressaltando a *fuga* dos pescadores que migraram para outras localidades, haja vista que a pesca e a moradia em Paquetá foram tonando-se insustentáveis.

**Figura 30** - A fuga de pescadores de Paquetá

Fonte: BERTOLA, 1979, p.5.



Nota-se que Paquetá passava por intensa transformação em sua paisagem, que se afastava cada vez mais da aparência que a consagrou como *Pérola da Guanabara*. Na interação entre a sociedade e a aparência da paisagem, depreende-se que a paisagem se estabelece, conforme destaca Santos (2006), como um elemento visual. Portanto torna-se imprescindível considerar os apontamentos de Rodríguez (2006) quando o autor destaca que esta paisagem enquanto elemento visual

se define como la expresión sensible del medio, siendo la porción de la superficie terrestre que es apreendida visualmente. El Paisaje se considera así, como el aspecto o forma del territorio tal como es visualmente percibido y estéticamente valorado, en conjunto que permita simultáneamente la apreciación panorámica y la percepción de detalles que componen la estructura de la imagen. El paisaje se comprende y se explica por los procesos naturales, y generalmente, también atropicos que lo han generado, así como por las distinciones y atribuciones que con relacion a él hacen los individuos y la sociedad. Es simultáneamente una realidad objetiva y subjetiva. (RODRIGUEZ, 2006, p. 8)

Cabe ressaltar que esta definição elencada por Rodriguez se relaciona com o que o autor entende enquanto possibilidade de compreensão da paisagem sob a lógica da correlação da mesma com o espaço. Ademais, em consonância com Santos (2006), este autor destaca o caráter visual da paisagem e acrescenta outros elementos pertinentes à Geografia que são de grande relevância para este trabalho. Ao abordar que a paisagem, enquanto elemento apreendido visualmente, torna-se a forma do território visualmente percebida e esteticamente valorizada, o autor nos permite traçar um diálogo com a realidade paquetaense entre os anos 1970 e 1980.

A dinâmica socioespacial que se estabelece na Ilha se refletiu em uma grande questão, o problema habitacional. Para além do processo de favelização, do qual trataremos especificamente no tópico subsequente. A questão habitacional da Ilha envolve também áreas

ligadas a um padrão estético das construções que por anos predominou na Ilha, mas que mudou drasticamente à medida em que a população cresceu. Nesse sentido Wilma Marques Leitão destaca que:

não é exclusividade dos morros a presença de habitações precárias – ao contrário – ali se encontram muitas casas grandes e bem construídas. É igualmente grande o número de paquetaenses nascidos, aliás, predominante em duas áreas de ocupação coletiva, que se tornaram pequenos aglomerados habitacionais em zonas de litígio: o casarão do Paulo Vitti e o terreno do Parque da Moreninha. Nesses dois locais, foram construídas pequenas moradias, estas sim, em precárias condições de habitação, onde residem famílias dos antigos paquetaenses que esperam um dia ver resolvidos o tão discutido *problema habitacional de Paquetá* que, provavelmente por não atender aos interesses turísticos, acabam sempre relegados a último plano (LEITÃO, 2013, 110).

Sendo assim, retomando a ideia de que a *paisagem visual* envolve a maneira como a paisagem será percebida e esteticamente valorizada, depreende-se que este processo, que envolve desde a degradação da Baía de Guanabara até a mudança no padrão estético das casas na Ilha, sem deixar de considerar a sociedade – o conteúdo oculto das formas –, altera a relação identitária de *Pérola da Guanabara*. Paquetá perde seu prestígio no cenário carioca e a denominação de *bairro carioca* passará a predominar pelo tanto de problemas comuns a outros bairros da cidade que começarão a chamar muito mais a atenção de todos, como o saneamento e a habitação. A população *tradicional* passa a conviver com novos moradores e, conseqüentemente, novas relações são estabelecidas.

Torna-se, assim, imprescindível abordar com maior destaque o processo de favelização da Ilha, haja vista que trouxe alterações marcantes à paisagem da mesma, transformando-a para além da esfera do sensível. Em alusão ao processo de favelização da Ilha, destaca-se que a busca por uma compreensão deste pode apoiar-se em uma leitura da paisagem que não se limita aos aspectos físicos e à descrição objetiva, envolvendo outras esferas de análise da paisagem, confluindo com vertentes de compreensão da paisagem que permearam a segunda metade do século XX.

### 3.2 Favelização em Paquetá: a derradeira decadência da paisagem pitoresca

Das discussões decorrentes do segmento anterior deste trabalho, torna-se evidente que a análise da paisagem em confluência com o conceito de espaço traz luz a uma importante variável na análise, e que não deve ser desprezada, o tempo. No capítulo anterior, destacamos

que alguns autores, ao longo dos anos, já discutiram o caráter histórico da paisagem, e neste momento nos aprofundaremos nesta questão. Compreender o caráter histórico da paisagem é fundamental para nosso trabalho dada a opção de eleger a paisagem como conceito-chave na construção do objeto de estudo, uma vez que a partir da paisagem buscam-se elementos materiais e imateriais capazes de permitir a compreensão das dinâmicas socioespaciais que se estabeleceram na Ilha de Paquetá.

Neste subcapítulo empreende-se, portanto, uma análise histórica em relação a um processo que possui grande relevância nas transformações pelas quais passou a paisagem da Ilha. Entendemos que nas dobras deste processo existem diversos elementos que se refletem no modo como a Ilha é vivida. Em conjunto desta proposta, permanece a intenção de correlacionar diferentes formas de compreensão de paisagem com acontecimentos relevantes referentes ao processo e ao recorte temporal pretendidos.

Segundo Rodríguez (2006), da correlação entre os conceitos de espaço e paisagem, deriva a compreensão de que esta última é o ponto de partida para a aproximação com o espaço geográfico, contendo uma dimensão que é objetiva e subjetiva. Além disso, “el paisaje según esta concepción es la expresión y forma del espacio, o sea, su manifestación visible, concebida y percebida” (RODRÍGUEZ, 2006, p. 08). Desta maneira, a partir da análise do caráter histórico da paisagem atrelada ao recorte da favelização na Ilha, intentamos conceber de que maneira esta paisagem – das favelas – se manifesta como expressão e forma do espaço.

Contendo a paisagem as dimensões objetivas e subjetivas, torna-se evidente que ela poderá oferecer complexas e variadas possibilidades de interpretação, inclusive aquelas que permitirão sua compreensão extrapolando o viés material. Portanto, compreender o processo de favelização da Ilha de Paquetá a partir da paisagem com o recorte teórico estabelecido não foi uma escolha imparcial, pois a partir do visível espera-se compreender de que maneiras este processo impactou no imaginário acerca da Ilha. No que se refere a análise do processo em tela, em comunhão com Santos (2006), salientamos que, em relação à paisagem,

o que temos diante de nós são apenas fragmentos materiais de um passado – de sucessivos passados – cuja simples recolagem não nos ajuda em muito. De fato, a paisagem permite apenas supor um passado. Se queremos interpretar cada etapa da evolução social, cumpre-nos retomar a história que esses fragmentos de diferentes idades representam juntamente com a história tal como a sociedade a escreveu de momento em momento. Assim, reconstituímos a história pretérita da paisagem, mas a função da paisagem atual nos será dada por sua confrontação com a sociedade atual (SANTOS, 2006, p. 69).

Sendo assim, o visível que temos diante de nós é resultado de *sucessivos passados*, tornando-se necessário o retorno na história para compreender a evolução social do processo

de favelização. Apenas a partir do retorno ao passado, selecionando os fatos relevantes, será possível compreender a paisagem como bem destacou Rodriguez (2006), ou seja, como manifestação visível, concebida e percebida do espaço.

Conforme destacado no subcapítulo anterior, a questão habitacional tornou-se um problema complexo na Ilha de Paquetá. Não encontramos algum documento oficial ou literatura capaz de especificar com precisão o ano que tenha marcado o início do processo de favelização, todavia, em diversas literaturas, as décadas de 1950 e 1960 são elencadas como marco temporal deste processo. Por exemplo, Coaracy (1965) destaca que

é muito de lamentar, entretanto, que em anos recentes tenham surgido em Paquetá esboços de favelas que tendem a se multiplicar, se providências de defesa da Ilha não foram tomadas com energia. Não dispondo nem de água nem de esgotos, essas construções ou barracos só podem contribuir para prejudicar as condições sanitárias da Ilha. Sem mencionar a nódoa que representam sobre a paisagem pitoresca (COARACY, 1965, p. 114).

Neste fragmento podemos identificar tanto a indicação do que, à época, era o início do processo de favelização, bem como a maneira com que este poderia impactar na percepção da paisagem de Paquetá. Vivaldo Coaracy expressa-se destacando a carga de estereótipos e estigmas que se manifestam associados à favela, sobretudo em um cenário marcado pela idealização romântica, como a Ilha de Paquetá.

Atualmente Paquetá abriga três favelas: o Morro do PEC (Paquetá Esporte Clube), o Morro do Gari e o Morro do Vigário. Neste ponto surge como necessidade indicar a questão da classificação do que é, ou não, entendido como favela na própria ilha. Leitão (2013) aponta que os dados do IPLAN/RIO, divulgados no Manual do Cidadão de Paquetá, em 1996, apresentam uma população, na ilha, de 3.257 habitantes, destacando-se a *população favelada*, na ordem de 550 habitantes – e segundo a Coleção de Estudos Cariocas<sup>19</sup>, publicado em 2010, a população residente nas favelas de Paquetá chegava a 908 habitantes. Na própria ilha existem controvérsias sobre o real significado de favelas,

[s]e, na sua principal acepção, o conceito descreve *habitações toscamente construídas, desprovidas dos serviços públicos*, em grande parte as casas edificadas nos morros de Paquetá não podem ser assim classificadas. Muitas delas são bem construídas, com amplas acomodações e contam, quase 100% das casas, com abastecimento de água e redes de esgotos da CEDAE e com iluminação elétrica a cargo da LIGHT. O problema em categorizar as casas de encostas como *favelas* permanece, ainda, em relação ao modo de obtenção dos terrenos, já que em Paquetá as áreas construídas, nos casos dos Morros do Buraco e do PEC, eram propriedades particulares que foram loteadas e postas à venda. No Morro do Vigário, o processo

<sup>19</sup> Disponível em: [http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/5C3190\\_FavelasnacidadedoRioDeJaneiro\\_Censo\\_2010.PDF](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/5C3190_FavelasnacidadedoRioDeJaneiro_Censo_2010.PDF). Acesso em: 01/11/2017.

foi um pouco mais complicado, “tendo a Justiça embargado a construção dos primeiros moradores que, contudo, depois receberam autorização para ocupar os lotes” (LEITÃO, 2013, p. 109).

Os apontamentos de Leitão indicam o contrário daquilo que previu Coaracy (1965) no fragmento citado anteriormente. Uma das características marcantes das ocupações dos morros de Paquetá, e que podemos notar em nossos trabalhos de campo, é aparência das favelas, bastante distintas da imagem estereotipada, de casas inacabadas e de falta de saneamento básico. Além disso, Wilma Marques Leitão também destaca brevemente a questão de como se deu a ocupação destas áreas. Para nosso trabalho torna-se interessante observar esse processo com maior atenção, portanto optamos por analisar individualmente cada uma das favelas.

O primeiro morro de que trataremos é o do PEC – vide a Figura 31 –, segundo o SABREN, o principal acesso desta favela<sup>20</sup> se encontra na Rua Comandante Guedes de Carvalho. No censo demográfico do ano de 2.000, o IBGE registou 57 domicílios, e em 2010, último censo, constavam 133, com sua população saltando de 188 para 391 moradores. Este crescimento pode ser percebido nas Figuras 32 e 33 que se seguem, quando em 1999 a área ocupada era de 9.074 m<sup>2</sup> e, em 2016, já ocupava 10.084 m<sup>2</sup>, ou seja, um crescimento relativamente significativo para as dimensões da ilha.

---

<sup>20</sup> O Relatório de Favela completo sobre o Morro do PEC está disponível em <http://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=4df92f92f1ef4d21aa77892acb358540>. Acesso em: 02/11/2017.

**Figura 31:** Vista da Favela do PEC.



Fonte: WIKIMAPIA, 2020.

De acordo com depoimentos de moradores e líderes comunitários, concluiu-se que o Morro do PEC parece ser o mais antigo em relação às duas outras favelas, tendo seu primeiro registro de ocupação em 1970, localizada na parte mais baixa do terreno, a parte mais elevada teve sua ocupação intensificada em 1988.

**Figura 32:** Limite de favela. Morro do PEC. 1999.



Fonte: INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 1999.

**Figura 33:** Limite de favela. Morro do PEC. 2016.



Fonte: INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2016..

O morro do Vigário – vide a Figura 34 –, também conhecido como Morro do Buraco<sup>21</sup>, segundo o SABREN tem como principal acesso à Rua Manuel Luiz. No censo demográfico de 2000 sua população era de 269 moradores, mas em 2010 foram contados 257, apesar da pequena redução populacional, o número de domicílios cresceu, sendo 81 em 2.000 e 95 em 2010. Em 1999 ocupava a área de 9.243 m<sup>2</sup> e em 2016 acrescia minimamente para 9.777 m<sup>2</sup>, conforme pode ser visto nas imagens comparativas que se seguem – vide Figuras 35e 36.

Com base na fotointerpretação das imagens aéreas fornecidas pelo Instituto Pereira Passos, pode-se concluir que o primeiro registro de ocupação desta favela está no período entre 1976 e 1985. O processo de expansão da área ocupada ocorreu nas décadas de 1980 e 1990. Segundo a Secretaria Municipal de Habitação e Cidadania, a ocupação desta área é bastante antiga, com a presença de moradores oriundos da própria ilha.

**Figura 34:** Morro do Buraco ou Morro do Vigário, em Paquetá.

<sup>21</sup> O Relatório de Favela completo sobre o Morro do Vigário está disponível em <http://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=4df92f92f1ef4d21aa77892acb358540>. Acesso em: 02/11/2017.



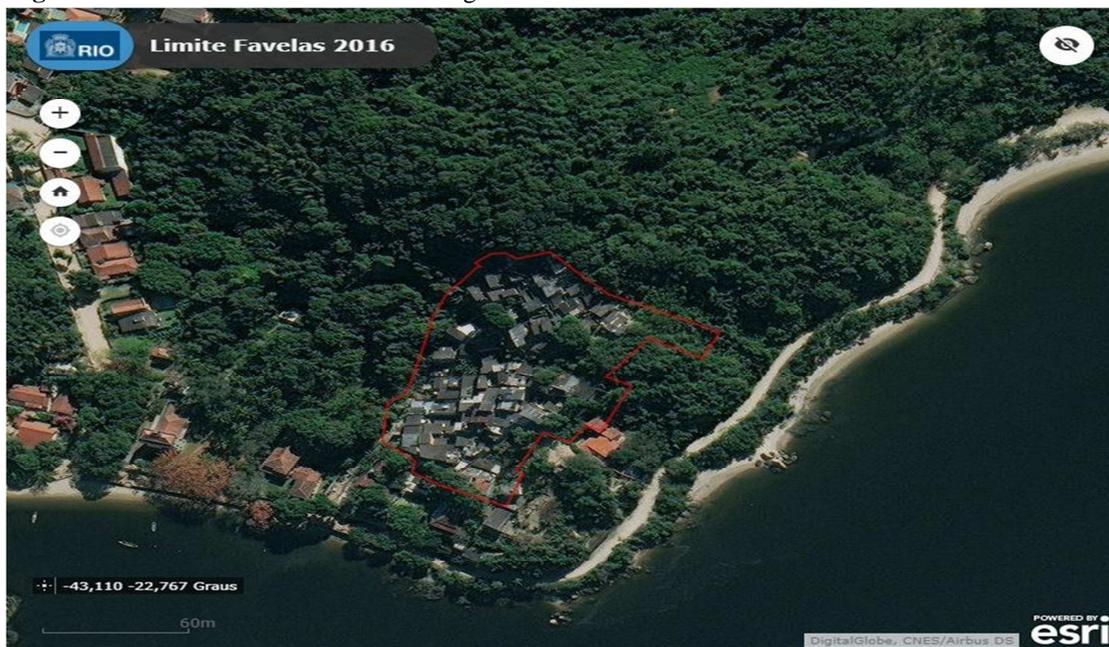
Fonte: Wikimapia. Disponível em: <http://wikimapia.org/2504638/pt/Comunidade-Pindura-Saia-ou-Morro-do-Vig%C3%A1rio#/photo/5025176>. Acesso em 06/03/2020.

**Figura 35** - Limite de favela. Morro do Vigário. 1999.



Fonte: Instituto Pereira Passos – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

**Figura 36** - Limite de favela. Morro do Vigário. 2016.

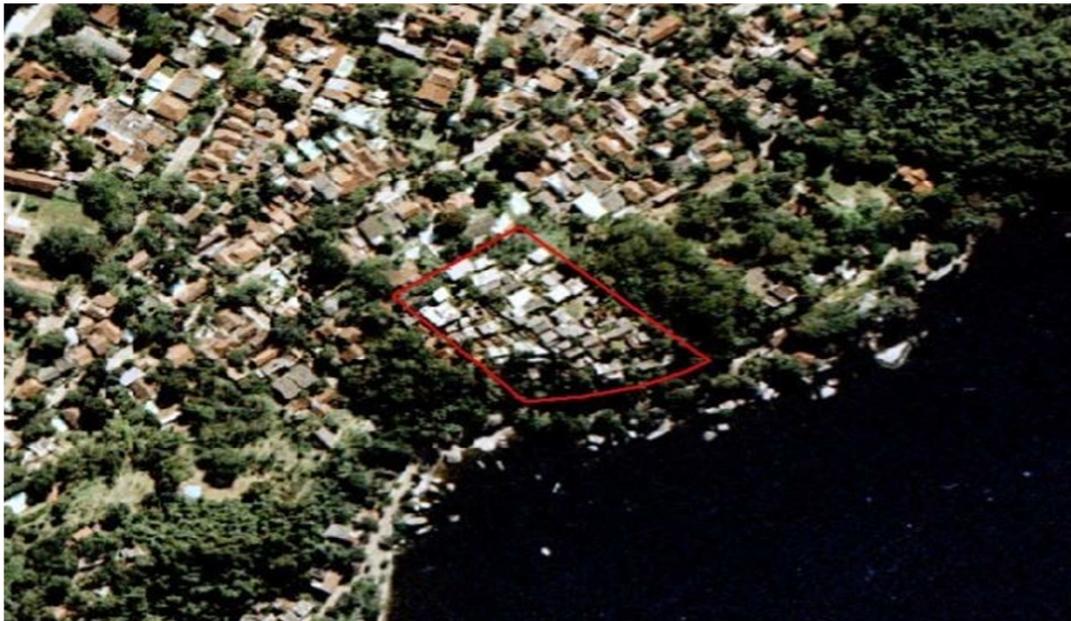


Fonte: Instituto Pereira Passos – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

O Morro do Gari<sup>22</sup> tem seu principal acesso pela praia dos Tamoios e no último censo realizado pelo IBGE, em 2010, constavam em sua área 91 domicílios e 260 habitantes, enquanto no censo de 2.000 havia 70 domicílios e 220 habitantes – vide as Figuras 37 e 38. Segundo o SABREN, o primeiro registro de ocupação desta favela ocorreu em 1981. Os líderes comunitários e moradores informam que o terreno foi comprado em sistema de condomínio em 1981, posteriormente foi realizado o desmembramento dos lotes. Apesar do número de domicílios ter aumentado, entre 1999 e 2016, a área ocupada se manteve em 11.971 m<sup>2</sup>.

<sup>22</sup> O Relatório de Favela completo sobre o Morro do Gari está disponível em <http://perj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=4df92f92f1ef4d21aa77892acb358540>. Acesso em: 02/11/2017.

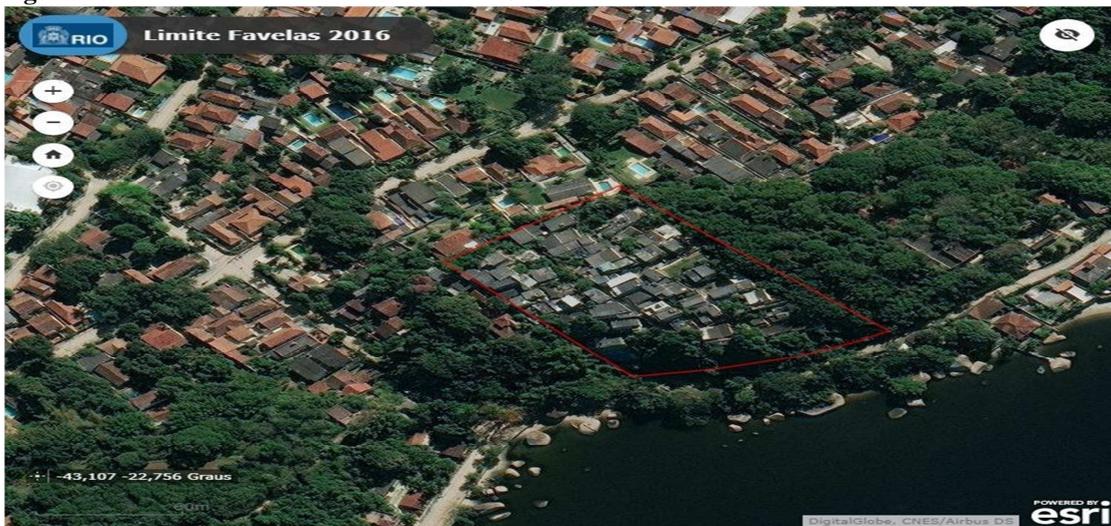
**Figura 37** - Limite de favela. Morro do Gari. 1999.



Fonte: Instituto Pereira Passos – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

É possível notar que o processo de favelização se intensificou entre as décadas de 70 e 80, e isto se explica, essencialmente por dois fatores. Conforme destaca Leitão (2013, p. 110), “a especulação desenfreada pela qual passou a *parte plana*”, que levou diversos *paquetaenses*, a ocuparem os morros como alternativa para se manterem em seu local de origem; e a migração nordestina para a Ilha, tema por nós estudado no trabalho de conclusão de curso da graduação.

**Figura 38** - Limite de favela. Morro do Gari. 2016.



Fonte: Instituto Pereira Passos – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Conforme Leitão (2013), entre as famílias de nordestinos que residem em Paquetá, poderíamos dizer que se trata, basicamente, de dois grupos com características diversas nos processos de migração e de inserção na ilha. Apesar disso, há, contudo, pontos em comum, além da origem nos estados do Nordeste como, por exemplo, a ocupação que exerceram nos períodos iniciais na ilha, a saber: caseiros e pedreiros. Entre os moradores nordestinos que se dispuseram a conversar conosco, nas diversas visitas realizadas, alguns falaram da época em que vieram para ilha atraídos pela grande oferta de emprego na área da construção civil, o que pode ser validado nos escritos de Coaracy (1965), quando o autor descreve as atividades exercidas na ilha, destacando que para os operários da construção civil sempre havia algum serviço. Além disso, Leitão (2013), também indica de forma indireta o quão era vasta a oportunidade de trabalho nesta área, indicando que a partir dos anos de 1960 houve a intensificação da construção de imóveis na ilha.

Com o novo procedimento de construção de unidades residenciais em série – não mais preocupado com a estética ou estilo – os mestres de obras e suas turmas foram sendo substituídos, e o serviço especializado dos construtores de até então que, obviamente, custava mais caro, passou rapidamente a ser realizado pelos nordestinos que chegavam numerosos na ilha e de quem se exigia apenas a força de trabalho, sem necessariamente assegurar a qualidade do serviço realizado (LEITÃO, 2013, p. 104).

Leitão (2013) segue informando que muitos nordestinos vieram inicialmente sozinhos, residindo nas casas que tomavam conta – enquanto caseiros – ou no próprio local de trabalho, mudando-se para uma próxima obra quando concluída a primeira. Em alguns casos, quando vinham para trabalhar como caseiros, já traziam esposa e filhos, iniciando a vida na ilha.

Um aspecto interessante, também destacado por Leitão (2013) é o fato de, em depoimentos por ela coletados, ser colocado em questão que o trabalho de caseiro na ilha, é praticamente dominado por nordestinos, pois quando surgem oportunidades nessa área, eles inserem parentes para ocupar o lugar. No primeiro grupo de migrantes, podemos identificar os nordestinos antigos, que residem em Paquetá desde os anos 1940, vindos, geralmente em grupos de irmãos, dos quais alguns conseguiram trabalhos nos serviços públicos, outros estabeleceram seus próprios negócios e, sobretudo, foram se integrando aos moradores por meio de relações de amizade, tendo, inclusive, casado com *moças nativas*. Nesta condição, a eles não é atribuída a pecha de *Paraíba*, como são forçosamente e de modo pejorativo designados os [nordestinos] que se instalaram posteriormente (LEITÃO, 2013).

Outro processo migratório, mais recente e intenso, trouxe o que chamaremos aqui de segundo grupo de migrantes, ocorrido entre as décadas de 1970 e 1980. Wilma Leitão (2013) aborda essa nova onda migratória para o bairro, indicando que esse movimento é marcado por um importante número de famílias. Segundo nossas pesquisas e nos apontamentos da autora supracitada, a maioria destes migrantes provêm de uma única localidade, a Vila de Siriji, no município de São Vicente Ferrer, e dos seus municípios vizinhos, Vicência e Limoeiro, no estado de Pernambuco.

Nossas análises nos fazem crer que a maioria dos migrantes que chegaram em Paquetá no período supracitado, foram direto para ilha, sem antes viver em outras áreas da cidade ou região metropolitana. Para o trabalho de conclusão da graduação realizamos diversas entrevistas e concluímos que a principal motivação para o deslocamento foi a busca por melhores condições de vida, sendo a presença de amigos ou parentes já estabelecidos no bairro um diferencial. Parte destes nordestinos, em sua terra natal, possuíam trabalhos informais. Além disso, muitos vieram acompanhados de parentes ou cônjuges. Desse modo, os migrantes mais recentes

se apresentam em Paquetá como uma grande família, ou seja, são grandes grupos de irmãos que, na maior parte dos casos, já vieram casados com cônjuges, também nordestinos. Além disso, detentores de uma capacidade surpreendente de acumular recursos, muitas dessas famílias construíram suas próprias casas, principalmente quando surgiam oportunidades de ocupar terrenos nos morros, até então inabitados. A concentração de suas residências nos morros e a organização social quase exclusivamente baseada nos laços de parentesco e amizades originais, sem muita inserção no plano social local, deu-lhes uma visibilidade como “grupo estrangeiro” (LEITÃO, 2013, p. 97).

Conforme o fragmento acima, o estabelecimento dos migrantes na ilha está diretamente atrelado à ocupação dos morros, além disso, a análise das informações retiradas do portal SABREN, reforçam a intensificação do processo de ocupação dos morros da Ilha no mesmo período em que maiores quantitativos de nordestinos se estabeleceram na Ilha. Todavia, “cerca de 20% dos moradores, em todos os morros são *paquetaenses* nascidos na ilha” (LEITÃO, 2013, p. 110), fato que colabora para que não se construa ou se valide a ideia de que os nordestinos são os responsáveis pela ocupação dos morros em Paquetá.

Diante da observação do processo de favelização da Ilha em suas diversas facetas, o início da ocupação, sua expansão, quem são os moradores etc., podemos identificar que o visível que se manifesta traz consigo elementos que revelam épocas pretéritas, mas conforme destacou Santos (2006), a função da paisagem atual nos será dada por sua confrontação com a

sociedade atual. Questiona-se então, que função tem a paisagem das favelas na Ilha de Paquetá?

Para responder à pergunta recorreremos mais uma vez aos escritos de Santos (2006, p. 69), uma vez que o autor destaca que “enquanto simples materialidade, nenhuma parte da paisagem tem, em si, condições de provocar mudanças no conjunto”. Ou seja, somente o visível, as formas em si, não alteram a dinâmica socioespacial na Ilha, é preciso que elementos como a concepção e percepção, citadas por Rodriguez (2006), também sejam consideradas para que possamos ter dimensão dos reflexos das alterações da paisagem no cotidiano de Paquetá.

Nesse sentido, para que haja uma mudança no conjunto, as alterações na paisagem precisam estabelecer relações que extrapolem as mudanças nas formas físicas. Quando entendemos que o processo de favelização sob a perspectiva da decadência da Ilha, é preciso considerar que “as mudanças são sempre conjuntas e cada aspecto ou parte é apenas uma peça, um dado, um elemento, no movimento do todo” (SANTOS, 2006, p. 69). Desta maneira, o processo de decadência que pode ser entendido como a ausência de políticas públicas efetivas tanto na Ilha, quanto no seu entorno – em especial na Baía de Guanabara – estão diretamente relacionados com o processo de favelização e conseqüentemente com a desvalorização de seu valor simbólico enquanto *Pérola da Guanabara*.

Ao abordar a ocupação dos morros na Ilha, Leitão (2013, p. 110) destaca que “a questão, ainda hoje, continua sendo abordada sob este ponto de vista, interpretada como uma ofensa à paisagem, diante da óbvia e incontestável destruição das matas; e raramente, da perspectiva de problema habitacional”. Portanto, torna-se evidente que compreender a paisagem de Paquetá, especialmente, as relações decorrentes das mudanças que desembocaram no atual cenário da Ilha, exige o contato com leituras que possibilitem análises articuladas à esfera da subjetividade, sendo assim, direcionamo-nos para outras perspectivas de compreensão da paisagem, principalmente aquelas elencadas a partir de 1970, que trouxeram novos elementos para estudos pertinentes ao conceito de paisagem pela Geografia. Articular a compreensão da paisagem da Ilha sob a perspectiva trazida pela Geografia cultural e humanista permitirá novas leituras da paisagem com intuito de compreender a busca pela retomada do simbolismo de *Pérola da Guanabara*, ou seja, a busca por ressignificar/resgatar um ideal de paisagem.

### 3.3 Em busca da *Pérola da Guanabara*: a busca pela ressignificação da paisagem

As discussões realizadas até aqui demonstraram que para compreender as mudanças nas dinâmicas socioespaciais de um objeto de estudo sob a perspectiva da paisagem, é preciso observar os aspectos sensíveis e os que extrapolam o caráter físico, sobretudo quando tratamos de Paquetá enquanto a *Pérola da Guanabara*. Observar a paisagem é elemento primordial para este, ou qualquer outro estudo geográfico, visto que é através dela que se dá o primeiro contato com o concreto. Além disso, conforme destaca Besse (2006, p. 76) “do ponto de vista de uma metafísica da geografia, o sair para a paisagem, e o encontro, de início visual, com a paisagem, constituem como que a garantia de autenticidade e de verdade do saber geográfico”.

Este encontro que é de início visual, conforme é aprofundado e intensificado, revelará aspectos imateriais que compõe a cena. Fernandes (2006) destaca que a paisagem é

um documento de cultura por oferecer-se em interpretação para aqueles que a concebem – depende, pois de múltiplas possibilidades de interação do homem com o meio, do atendimento de suas necessidades vitais e até mesmo da apreciação subjetiva dos que a vivenciam (FERNANDES, 2006, p. 58).

É exatamente na questão que envolve “*a apreciação subjetiva dos que a vivenciam*” que se debruça este tópico, buscando encerrar o trabalho analisando a retomada do interesse pela Ilha, sob o discurso de recuperar seu prestígio no cenário carioca, nos aproximamos, portanto, formas de concepção da paisagem que também buscam estudá-las aproximando-se do viés subjetivo. O que poderia significar a análise da paisagem da Ilha nesta perspectiva? A paisagem passa a ser compreendida menos como objeto concreto e mais como uma formação cultural ou como elemento marcado por distintas formas de interpretação, como explicitou Fernandes (2006). A paisagem pode ser interpretada também como um símbolo de valor ou dimensão da vida humana.

É neste âmbito que intentamos investigar de que maneira aconteceu a tentativa de ressignificar a Ilha enquanto *Pérola da Guanabara*, fato que traz consigo formas de viver e perceber Paquetá. Entender este processo exige o duplo movimento de olhar para a paisagem enquanto memória e como elemento vivo, que está acontecendo e em transformação, capaz de revelar uma dinâmica espacial. Neste sentido trazemos em tela nosso objeto de estudo para que possamos caminhar para a realização de nossas pretensões.

Ainda que o processo de decadência da Ilha tenha implicado em perda de prestígio no cenário carioca, Paquetá não deixou de ser um ambiente turístico e, sobrevivendo às mazelas resultantes do abandono do poder público, permaneceram em sua paisagem diversos atributos românticos e bucólicos que não permitiram que a Ilha perdesse seus encantos, mas não impediu que a percepção coletiva fosse alterada. Há de se ressaltar que, devido a todos os problemas que assolaram a Ilha destacados nos capítulos anteriores, Paquetá acabou por tornar-se opção turística popular – vide a Figura 39 –, cada vez mais distante de seu antigo título de *balneário das elites*.

Considerando a proposta deste trabalho de analisar diferentes interpretações da paisagem frente ao objeto e, como explicitado anteriormente, buscando confluir a análise da paisagem da Ilha com abordagens culturalistas consolidadas a partir dos anos de 1970, podemos destacar que a mudança pela qual passou Paquetá, de balneário das elites para opção turística da classe operária, pode ser compreendida como reflexo do sentido que a sociedade dá para a paisagem.

Conforme destacou Luchiari (2001, p. 15) “para a geografia cultural, a paisagem sempre representou a expressão material do sentido que a sociedade dá ao meio”. Ou seja, a transformação de balneário das elites para opção de turismo da classe operária, envolve todos os elementos que já foram explicitados anteriormente, mas também pode e deve ser analisado sob o viés de transformação do sentido que foi dado a esta paisagem ao longo do tempo. No primeiro momento, a paisagem da Ilha associava-se a uma exceção, pois somente na Pérola da Guanabara era possível experimentar uma paisagem composta por atributos físicos particulares que constituíam uma atmosfera idílica e um sentido de preciosidade. Enquanto no segundo momento, de opção turística da classe operária, a paisagem ganha um novo sentido, desvinculando-se da ideia de ser um ambiente privilegiado, do qual a *elite* quer usufruir.

Figura 39 - Paquetá como paraíso turístico da classe operária.

## Paquetá, paraíso turístico da classe operária

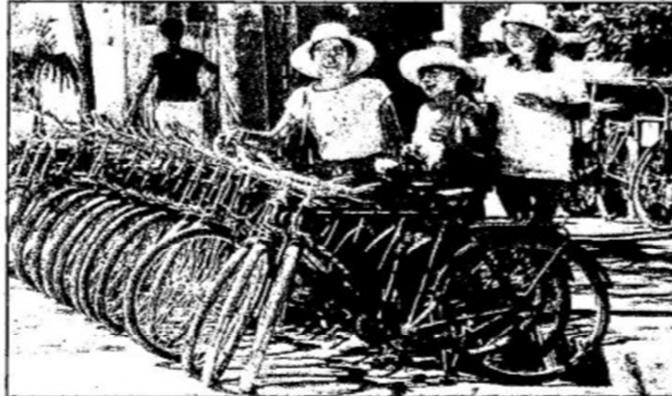
MÚCIO BEZERRA

Paquetá é o paraíso do pobre carioca que, com Cz\$ 100,00, paciência para aguentar uma hora de viagem na lancha que sai da Praça Quinze sem horário determinado e disposição para andar de bicicleta, pode ser chamado de turista de classe operária: "Xereta" no peito, mulher e crianças na retaguarda.

Os inimigos que invejam a Sexta-Feira Santa do motorista Carlos Rodrigues da Silva, 20 anos, tatuagem no peito, radinho de pilha numa mão e, na outra, a namorada Eliane Pereira Gonçalves, 19 anos, comerciará. Os dois, moradores de Irajá, foram ontem passar o dia em Paquetá com seus amigos, o mecânico Egberto Santos da Silva, de 22 anos, e Rosângela da Silva, de 19. Love Story. Mas há outras histórias:

-- Nasci na Rua do Lavradio, conheci o famoso Madame Satã na Lapa e, depois de viver toda a malandragem daquela época, vim morar aqui, onde já estou há 16 anos -- revela o viúvo Alvaro Gê da Silva, de 81 anos.

Todos cantam a sua terra. Não há como escapar: na ilha, ou se ouve o pago-



Maria Omura (à esquerda) e suas amigas bolivianas escolhem bicicletas na ilha

de, o samba rasgado e o bolero dos peçadores, ou cânticos religiosos entoados pelos pentecostais, que anunciam a chegada do Messias.

Chega a barca no cais. São Ithiã e os invasores tomam conta da ilha a partir de sua rua principal, a Furquim Werneck, por onde passam a caminho da Praia da Guarda -- batizada de Praia José Bonifácio. E onde são alugados pedali-

nhos, a Cz\$ 70 a hora, ou cataques, que podem ser pilotados por Cz\$ 40 a hora.

Em terra, pode-se desfrutar de um bom peixe no Restaurante Sereia da Ilha, onde os preços variam de Cz\$ 80, pelo filé com molho de camarão, até Cz\$ 160, por um prato de bacalhau à portuguesa. O proprietário Mário Lobo, 40 anos, nascido em Paquetá, fecha a conta nos dias úteis e só traba-

ilha no fim de semana.

Há coisas já divulgadas: em Paquetá, é proibido o trânsito de automóveis -- com exceção dos carros do Corpo de Bombeiros, do camburão da PM e de ambulâncias -- e o transporte é feito por charretes (Cz\$ 150 o passeio) ou por bicicletas, alugadas entre Cz\$ 20 e Cz\$ 30 por hora. O abastecimento d'água é precário.

Os pártistas gostam mu-

to de Paquetá, como a nisei Maria Omura, que levou suas amigas bolivianas Joana e Celsa Sambrana para conhecer a ilha num dia de lazer -- e de muito trabalho para Maria Dilma da Conceição Silva, de 29 anos: ela é cozinheira, trabalha há 13 anos em Paquetá e mora em São Gonçalo, para onde vai diariamente de lancha.

Quando o tempo está bom, o pernambucano Sebastião Francisco de Araújo, de 27 anos, consegue um bom faturamento transportando turistas em sua charrete a Cz\$ 150 por viagem. Ele tem três cavalos que trabalham num sistema de revezamento de folgas de fazer inveja a funcionários públicos:

-- Como eu tenho três cavalos, cada dia um fica de folga. Hoje estou trabalhando com Queigui e Bob, enquanto o Maradona está folgando -- disse.

Quem só dispõe de Cz\$ 100,00 pode passar tranquilamente um dia em Paquetá e ainda levar troco para casa: a passagem de ida e volta na barca custa Cz\$ 10,00 e, no mais, é levar frango assado com farofa e trancar tudo na prata porque ninguém vai lançar olhares preconceituosos.

Fonte: BEZERRA, 1987, p. 8

A busca pela substância da paisagem na perspectiva cultural, conforme salienta a autora supracitada envolve a “relação entre forma e conteúdo, materialidade e representação, paisagem e imaginário coletivo” (LUCHIARI, 2001, pp. 15-16). E foi à medida em que paisagem da Ilha foi distanciando-se daquela representada nas artes e aproximando-se cada vez mais da realidade da maioria dos bairros da metrópole carioca, que o imaginário coletivo abandonou o reconhecimento de Paquetá enquanto a *pérola*.

A mudança na relação entre materialidade e representação pode ser ilustrada pelos apontamentos de Carvalho e Zylberberg (1991), haja vista as autoras destacarem que a ida a Paquetá possuiu conotações diferentes ao longo das décadas e este fato pode ser percebido nas letras de músicas que faziam referência à Ilha. Primeiro as autoras destacam “o romantismo mais ou menos exacerbado” do tango Luar de Paquetá, já citado neste trabalho, e em seguida ressaltam que,

nos anos 50, esse romantismo é substituído pela malícia, expressa na marcha carnavalesca de Braguinha (1956), gravada por Emilinha Borba, que incluía Paquetá num roteiro de programas proibidos às “moças de família” por serem lugares distantes e ermos (CARVALHO e ZYLBERBERG, 1991, p. 134).

Todavia, o caráter mutável tanto da paisagem quanto da sociedade trouxe novas perspectivas para Paquetá. Isso significa que essas relações entre o meio e o sentido dado a ele (ou que se quer dar ele), ou em outras palavras, a substância da paisagem, pode e está sendo continuamente transformada. Portanto é preciso olhar para o que é a paisagem de Paquetá e o que se busca (re)construir através dela como algo que permite diversas interpretações e percepções.

Neste sentido, destacamos aquilo que Luchiari (2001) aponta ao referir-se às interpretações da paisagem que decorrem da renovação da Geografia – “a paisagem contemporânea deverá ser, cada vez mais, a paisagem híbrida” (LUCIARI, 2001, p. 23). Assim, entendemos que as análises da paisagem sob esta perspectiva devem considerar as diversas possibilidades de interpretação, os variados elementos que se sobrepõe na paisagem e as suas distintas dimensões. Algo que este estudo buscou realizar, sem desprezar o fator limitador que decorre da necessária escolha em priorizar algumas abordagens, visto que, não é possível dar conta de todas as apreensões possíveis.

Se tratando do conceito de paisagem na Geografia, Fernandes (2006, p. 60) ressalta que “a retomada da Geografia Cultural nas décadas de sessenta e setenta do século passado possibilita, pois, restituir ao conceito a importância que lhe é devida”. Novamente a paisagem é utilizada como instrumento para compreender as relações do homem com o meio, agora inserindo aspectos subjetivos de grupos ou indivíduos que se relacionam com a paisagem. Este aspecto é fundamental para discutirmos a questão da retomada da relação identitária *Pérola da Guanabara*. Neste sentido trazemos em tela a matéria de Fabiana Sobral, publicada no *Jornal do Brasil* em 1993 – vide a Figura 40 –, que aborda ideia de que a Ilha quer voltar a ser pérola, ou seja, se busca reconstruir um ideário de paisagem, marcado por questões subjetivas, ainda que não se desprezem os elementos materiais desta retomada.

Figura 40 - Paquetá quer voltar a ser Pérola.

## Ilha quer voltar a ser 'pérola'

■ Prefeitura lança plano de obra para recuperar Paquetá

FABIANA SOBRAL

Os saudosistas de plantão e os ilhéus já podem se preparar para comemorar. A Ilha de Paquetá voltou ao mapa das autoridades públicas e vai ganhar uma série de melhorias que devem resgatar o prestígio daquela que já foi chamada de *pérola da Guanabara*. O primeiro passo para a recuperação será dado no próximo dia 10, quando o prefeito César Maia irá à ilha empossar o novo administrador regional e os membros da comissão, criada por decreto seu, que vão diagnosticar os problemas.

Segundo o subprefeito do Centro, Augusto Ivan de Freitas, o município fará uma série de obras de pequeno e médio porte em Paquetá, como remoção de pequenas favelas de encostas e criação de estábulos para os animais da ilha. Mas não foi só a Prefeitura que abriu os olhos para Paquetá. O governo do estado, através da Cedae, vai solucionar os dois maiores problemas da porção de terra que encantou D. João VI e inspirou o romancista Joaquim Manuel de Macedo, autor de *A moreninha*. A antiga estação de tratamento de esgoto da ilha vai ser reativada e o abastecimento de água ampliado.

A reforma e reativação da estação de tratamento de esgoto, construída em 1912, está prevista no Programa de Despoluição da Baía de Guanabara e vai significar, segundo o presidente da Cedae, Raymundo de Oliveira, o fim da poluição das praias. "Vamos reativar, modernizar e ampliar a antiga estação, mas preservando a arquitetura do prédio, do início do século", explica Raymundo. A reforma da estação está orçada em US\$ 2,9 milhões.

Segundo o presidente da Cedae, depois da reforma, que deve ser iniciada antes do final do ano, a estação terá capacidade para tratar 30 litros de esgoto por segundo. Paralelamente, a Cedae vai assentar na ilha mais 3,1 Km de rede coletora. O esgoto tratado será lançado a 2,5 Km da costa da ilha, através de tubulação. Já a deficiência do abastecimento será solucionada, de acordo com Raymundo, com a ampliação do sistema Imunana-Laranjal, cuja licitação está marcada para o dia 13 próximo. O sistema já abastece Niterói, São Gonçalo e Paquetá.

De acordo com o subprefeito do Centro, a Prefeitura vai cadastrar toda a população, estimada em cerca de 3.500 pessoas. O cadastramento servirá de base para a implantação de diversas ações, principalmente de saúde. Representantes de vários órgãos da Prefeitura também vão montar um plantão semanal na ilha. Entre as melhorias físicas previstas, estão ainda reforma da pavimentação de saibro, coleta seletiva de lixo, circulação de bondinho para transporte dos ilhéus e incentivo ao turismo.

Fonte: SOBRAL, 1993, p.11 Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_11&pesq=%22ilha%20quer%20voltar%20a%20ser%22&pasta=ano%20199](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_11&pesq=%22ilha%20quer%20voltar%20a%20ser%22&pasta=ano%20199). Acesso em: 06/03/2020.

A Ilha que passou por um forte período de decadência, explicitado anteriormente, se consolida, ao longo da década de 80, como paraíso turístico da classe operária e volta a receber atenção do poder público nos anos 1990 sob o discurso de retorno ao *status* de *Pérola*. E como fica claro na matéria de Fabiana Sobral, a volta do prestígio perdido está associada a medidas de intervenção na paisagem, sendo citadas pela jornalista ações como a remoção de pequenas favelas e a criação de estábulos para os animais, haja vista que na época as charretes traçadas por cavalos ainda eram uma atração turística. Nota-se que há, através da interação entre a dimensão material e a dimensão imaterial, a objetivo de recuperar a imagem da Ilha.

Torna-se evidente que o *status* de *Pérola da Guanabara* está relacionado não só à idealização da paisagem, pois entende-se que a existência, ou não, de determinados componentes conduzem a diferentes interpretações da mesma. Neste sentido, podemos

destacar que, de acordo com Unwin (1995), são as vertentes da Geografia atreladas ao comportamento humano que buscarão explicar relações como a que expomos neste momento, ou seja, tais vertentes interessaram-se pela compreensão daquilo que decorre da interação entre o imanente e o transcendente na paisagem soba perspectiva da percepção, da vivência, e dos ideários que decorrem desta interação.

Unwin (1995) salienta que o interesse pelo comportamento humano não era novidade para os geógrafos dos anos 1960 e, sendo assim, geógrafos desta época buscarão desenvolver o conhecimento científico em torno desta questão. Neste sentido o autor destaca os estudos de David Lowenthal, explicitando sua importância em relação aos trabalhos que consideravam a questão da percepção, salientando que seu estudo teve como ponto de partida o mundo exterior e a imagem mental que temos acerca dele. Portanto, a partir dos anos 1960, encontrar no cabedal teórico da Geografia maneiras de compreender a questão subjetiva que envolve a busca pela retomada da *Pérola da Guanabara*, esbarra em compreender que as ações implementadas para esta busca estão diretamente associadas ao objetivo de fazer com que a paisagem de Paquetá torne-se, ao menos, semelhante àquela presente na imagem mental associada a um lugar bucólico ou ao paraíso, ressignificando ou reinserindo elementos que compuseram a Paquetá de tempos remotos.

Pesquisamos na literatura disponível e nos portais da Rede Internet alguma informação que justificasse a retomada do interesse do poder público pela Ilha, todavia não encontramos material que apresentasse alguma argumentação direta nesse sentido. Todavia, encontramos em acervos de jornais, matérias ressaltando a Ilha como opção de investimento para empreendedores. Portanto nosso senso crítico nos conduz para o entendimento de que as ações do poder público no sentido de recuperar o esplendor da Ilha podem ser associadas à intenção de torná-la mais atrativa ao capital. Na matéria destacada a seguir, elaborada por Luciana Anselmo – vide a Figura 41 –, publicada no jornal O Globo em 1998, por exemplo, é dito que “Paquetá, no entanto, está prestes a virar cenário para novos investimentos e unir a história e a produtividade no espaço de 1,5 quilômetro quadrado” (Anselmo, 1998, p. 1).

O que se estabeleceu na Paquetá da década de 1990, foi esta busca por trazer novamente para a Ilha seu caráter simbólico, o qual foi dissolvendo-se entre os inúmeros problemas que se estabeleceram. Ainda que falemos sobre questões objetivas deste processo, como uma recuperação da paisagem no sentido de torná-la alusiva àquela retratada na literatura romântica ou nos quadros de pintores como Pedro Bruno, estamos tratando, sobretudo, da forma de perceber essa paisagem. E nesse sentido, os estudos acerca deste tema

que desenvolveram a partir dos anos de 1960 e 1970 e, continuaram sendo elaborados ao longo das décadas de seguinte, são elementos relevantes nesta discussão.

**Figura 41** - Paquetá enquanto uma ilha de oportunidades.



Fonte: Anselmo, 1998, p. 1. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=&ordenacaoData=relevancia&allwords=&anyword=&noword=&exactword=paquet%C3%A1&decadaSelecionada=1990&anoSelecionado=&mesSelecionado=&diaSelecionado=>. Acesso em: 06/03/2020.

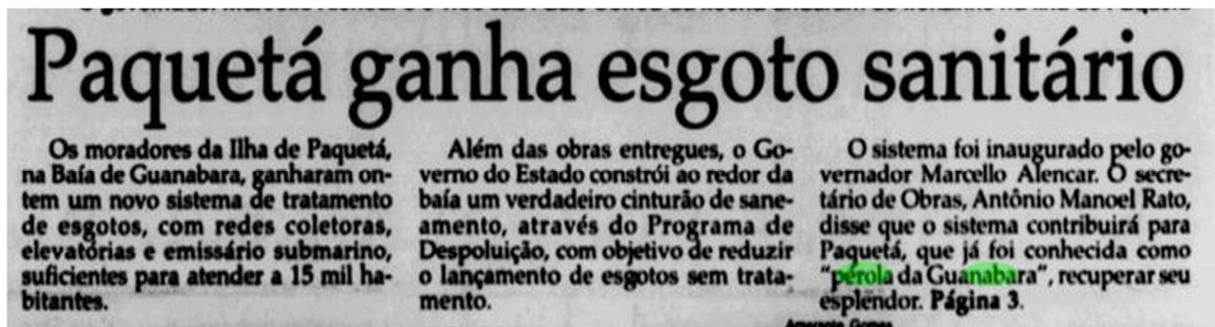
Ao considerarmos questões como comportamento e percepção em relação ao *status* de *Pérola da Guanabara*, podemos dar luz a esta correlação a partir da compreensão do caráter simbólico em que a Ilha está envolvida quando se faz alusão à sua identidade de *Pérola*. Cosgrove (1998, p. 223) destaca que a paisagem “é uma maneira de ver, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’”. Desta maneira, conceber a paisagem da Ilha associada à *Pérola da Guanabara* é uma entre várias maneiras de ver essa paisagem. Portanto, reinsserir Paquetá nesse contexto é, ao estar diante da Ilha, conduzir o

olhar para os elementos naturais, e que estes estejam em harmonia com as construções humanas.

Ao discutir os rumos do conceito de paisagem ao longo do século XX, Rosendahl (2012, p.30) destaca que, “a simbologia da paisagem é analisada por meio de obras literárias, pintura, música e cinema, considerada sua representação a partir de diferentes grupos sociais”. Diante desta afirmação, se estabelece o impasse de que ao buscar retomar o simbolismo de *Pérola da Guanabara*, implica, conseqüentemente, em buscar semelhança entre a paisagem de Paquetá que fora retratada em pinturas, músicas, e demais expressões artísticas – como retratado no primeiro capítulo deste trabalho –, mas que devido às fortes transformações vividas nos anos 1970 e 1980, a paisagem foi intensamente modificada, afastando-se da imagem identificada nas representações pretéritas.

Baseado em nossas buscas em portais de acervos digitais, constatamos que, de fato, ao longo dos anos 1990 houve um esforço em trazer melhorias para a Ilha, no intuito de resgatar a identidade de *Pérola da Guanabara*. Em diversas matérias, como a destacada abaixo publicada em 1998 no jornal O Fluminense – vide a Figura 42 –, as ações realizadas em Paquetá tornaram-se associadas a este discurso, ou seja, através das ações realizadas Paquetá seria capaz de ser novamente conhecida como a mais bonita e idílica das ilhas da Guanabara.

Figura 42 - Paquetá ganha esgoto sanitário.



Fonte: Paquetá..., 1998, p. 03. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439\\_13&pesq=%22p%C3%A9rola%20da%20guanabara%22&pasta=ano%20199](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439_13&pesq=%22p%C3%A9rola%20da%20guanabara%22&pasta=ano%20199). Acesso em: 06/03/2020.

Quando refletimos sobre a questão destacada nos parágrafos anteriores, de buscar resgatar uma paisagem que aos poucos passou a existir muito mais na esfera subjetiva e no discurso, do que na esfera concreta, trazemos as palavras de Duncan (2001) quando o autor destaca que

as descrições não são reflexos espelhados; são necessariamente construídas dentro dos limites da linguagem [...] Tal linguagem não é uma série de palavras que tem

correspondência exata com a realidade 'exterior'. Ela se baseia em discursos que são significados partilhados e constituídos socialmente, em ideologias, em séries de suposições do 'senso comum' (DUNCAN, 2001, pp. 95-96).

Nesse sentido, notamos que a busca por reafirmar Paquetá enquanto Pérola da Guanabara tornar-se-ia possível à medida que fossem trabalhadas também a esfera simbólica e do discurso pois, por mais que não houvesse correspondência exata com a realidade, revalidar a ideia de *Pérola* associada a ações concretas na Ilha, ainda que estas não fossem suficientes para resgatar a mesma paisagem representada nas artes, apresentava-se como caminho para renovar o caráter simbólico que fez de Paquetá o fenômeno que atraiu a atenção de diversos setores da sociedade.

Entendemos que o simbolismo imbuído na identidade de Pérola da Guanabara não se limita aos aspectos físicos da paisagem, mas a maneiras de ver, de perceber e viver a paisagem. A partir de toda o estudo realizado para conceber este estudo, é possível afirmar que Paquetá não teria o mesmo valor simbólico não fosse sua paisagem emblemática e as belezas de seus aspectos físicos. Somado a isso, diante do que foi exposto neste segmento do trabalho, é evidente que não podemos relacionar a busca pela retomada de identidade *Pérola* apenas a um atributo simbólico, atrelado a um caráter imaterial, que termina em si mesmo, de recuperar uma 'cena' que se ofereceu ao olhar dos pintores, poetas e artistas que representaram Paquetá no passado. Os agentes relacionados a esse resgate, como o poder público, os empreendedores que veem a Ilha como oportunidade de investimento, etc. não se detêm apenas à questão simbólica como motivação para suas ações.

Nas considerações finais deste trabalho encontram-se ainda algumas noções acerca da retomada da relevância de Paquetá no cenário carioca a partir dos anos 2000, tentando não encerrar as discussões sem sinalizar para o leitor os rumos da Ilha diante das transformações que continuam se dando em sua paisagem e na forma do homem com ela se relacionar. Além disso, constam também nas considerações finais disposições acerca da utilização do conceito de paisagem como instrumento para compreensão de dinâmicas socioespaciais, ou seja, da utilização da paisagem no entendimento das dinâmicas que se expressam no espaço geográfico. Ao concluir que estas dinâmicas, em sua existência e consequências, extrapolam as esferas do concreto advoga-se mais uma vez pela confluência dos conceitos de paisagem e espaço, e sobretudo da paisagem enquanto mecanismo de leitura das dinâmicas socioespaciais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condição de ilha insere em Paquetá uma atmosfera que torna esta porção do território carioca repleta de dinâmicas que a diferem das demais porções da cidade. Seja pela insularidade, seja pela ausência de asfaltamento ou outros elementos tão característicos do meio urbano, Paquetá se apresenta como ilha em diversos sentidos, que vão além do concreto, o sentido de ilha permeia a esfera do isolamento em relação ao continente, mas também traz consigo a noção de afastamento do caos urbano.

Como foi visto inicialmente o aspecto originário, ou de natureza originária é o marco da simbologia de *Pérola da Guanabara*, pois foi esta paisagem idílica e ainda pouco modificada pelo homem que encantou poetas, pintores e músicos e que fizeram de Paquetá a *Pérola de Guanabara*. Quando nos propusemos a estudar a Ilha de Paquetá, ainda na graduação, foi necessário realizar minuciosa pesquisa, antes de tudo, de caráter histórico. Entender os processos que buscávamos compreender no espaço demandava um entendimento histórico. E conforme destaca Cauquelin (2007, p. 30), ao abordar os estudos de paisagem, “toda a dificuldade de um inventário reside na afirmação simultânea de uma historicidade das formas (a cultura) e de um fundo desde sempre dado, ‘oferecido’”.

Em nossa pesquisa, o fundo que estava sempre dado, permeando diversas de nossas fontes bibliográficas, bem como conversas informais com moradores e visitantes, era o ideário de *Pérola da Guanabara*, que se sustenta na ideia de uma paisagem originária da Ilha. Portanto, a trajetória deste trabalho derivou da necessidade de retorno àquilo que se forjou e que agora se apresenta a fundo. Ao longo do texto traçamos um percurso que nos permitiu observar, com a possibilidade de crítica que somente o distanciamento temporal em relação aos acontecimentos nos permite exercer, tudo aquilo que ao longo dos anos foi repetido e acabou por tornar-se implícito na composição da identidade da Ilha.

Mais uma vez, conforme salienta Cauquelin (2007, p. 31), o que se apresenta hoje, como originário, segundo a autora, é “composto de milhares e milhares de dobras, de milhares e milhares de memórias”, e consideramos não haveria outro método se não este utilizado neste estudo, que pudesse nos trazer um panorama capaz de responder às questões que motivaram este estudo. Quando nos propusemos a “desdobrar” a paisagem, nos colocamos diante do desafio de uma exigente tarefa de retorno, passível de críticas e de dificuldades características desta metodologia.

Durante o exame de qualificação tornou-se uma questão bastante discutida e enriquecedora, a necessidade conjunta de retorno que optamos por realizar, ou seja, foi necessário repensar a validade de remontar a trajetória do conceito de paisagem na Geografia associado à trajetória da Ilha de Paquetá. Refletir sobre esta questão tornou-se providencial, pois exigiu uma postura ainda mais precavida e precisa acerca do que se objetivou trabalhar. Diante da conclusão deste trabalho, podemos reafirmar que este foi um caminho eficiente para responder as questões que motivaram esta pesquisa, bem como satisfazer o espírito desta pesquisadora que ansiava por compreender de onde surgiu o magnetismo que conduz o olhar daquele que se coloca diante da Ilha.

Buscar a compreensão da paisagem na Geografia a partir da consolidação deste conceito no ocidente com associação direta às artes, bem como trazer esta perspectiva para iluminar o entendimento da formação simbólica de Pérola da Guanabara tornou-se primordial para que pudéssemos constatar que, o espetáculo da natureza e da constituição de memórias formam fundos – ou paisagens – capazes de confundir aquele que a observa, sobretudo aquele que a observa através de reproduções, sejam estas reproduções elementos artísticos, ou a própria cena que agora se apresenta aos que visitam Paquetá. Até mesmo a concepção de paisagem que se consolidou neste momento carregava um caráter ligado a emoções e subjetividades que permitiram uma complexa compreensão de que tornar-se *Pérola da Guanabara* inseriu na paisagem da Ilha uma carga também emocional e subjetiva.

O primeiro capítulo deste trabalho foi primordial na condução do desdobrar das dobras da paisagem de Paquetá. Foi através dele que pudemos compreender algumas ideias que até hoje estão envoltas ao conceito de paisagem, a noção que explicita Cauquelin (2007), de ser a paisagem idêntica à natureza. Essa relação foi por anos forjada, e nossas análises neste segmento do trabalho nos permitiram identificar, com foco em nosso recorte empírico, a maneira como se concebeu essa interseção entre paisagem e natureza, calcada em forte apelo emocional ou subjetivo, culminando em uma paisagem simbólica.

Trazer os elementos físicos da paisagem não foi um artifício utilizado apenas como forma de equalizar as perspectivas do recorte temporal estabelecido no capítulo, pois como apontaram Carvalho e Zylberbeg (1991) foi a partir destes elementos com os sentimentos humanos que se consolidou a ideia da Ilha como a mais bonita da Guanabara. Portanto, evocar estes aspectos se fez essencial para abrir a dobra onde se juntam a natureza e a mentalidade humana, transformando a paisagem em uma figuração, representada na pintura, na música e nos poemas que disseminaram um ideal de paisagem que se propaga pelo tempo e interfere, ainda hoje, na expectativa e na relação que os indivíduos estabelecem com a Ilha.

Este trabalho também nos permitiu experimentar de forma prática aquilo que Cauquelin (2007) evidencia ser o desdobrar da paisagem, ou seja, de acordo com a autora, desdobrar significa remontar o “antes da dobra”, investigar a “causa mental”, “decompor os elementos, que, à beira dessa floresta de símbolos que é a história da edificação da paisagem, foram suas condições de possibilidade” (p. 42). Sendo o foco deste trabalho a Ilha de Paquetá e não o conceito de paisagem por si só, buscamos através de nosso recorte espacial, conduzir o desdobramento da edificação de uma paisagem específica, a da Ilha. Todavia, chegamos ao fim, com a convicção de que compreender a história da edificação desta paisagem em confluência com a trajetória do próprio conceito, nos permitiu uma dupla apreensão, ou seja, ainda que o que se tenha buscado esteja diretamente associado ao recorte espacial elencado, toda a estrutura desta pesquisa também intenta levar a compreensão da constituição da noção ou definição daquilo que hoje se entende como paisagem em algumas das suas possíveis perspectivas.

No segundo capítulo prosseguimos na tarefa de identificar aquilo que na forma da Ilha manteve o fenômeno identitário, ou seja, ainda que o processo de ocupação da Ilha tenha deixado marcas profundas em sua paisagem, sobretudo na paisagem que foi reflexo de uma idealização, alguns elementos tanto objetivos quanto subjetivos mantiveram-se a tal ponto que ao acioná-los acredita-se em harmonia com formas pretéritas. Neste segmento do trabalho buscamos trazer para as nossas discussões visões que extrapolam as representações artísticas. Quando os rumos do processo de ocupação da Ilha tornam-na um lugar consagrado e ocupado por uma parcela da elite carioca, com chácaras e mansões, esses elementos, por mais que não sejam atrelados à visão romantizada de paisagem e natureza, também induzem para uma sensibilidade na paisagem que corrobora a titulação de *Pérola*. Nesse sentido, compreender o processo de ocupação de Paquetá, é também desdobrar a paisagem.

Ainda neste capítulo traçamos um paralelo entre as transformações na concepção de paisagem na Geografia e as transformações pelas quais passou a paisagem da Ilha. Perdendo o status de *balneário da elite*, Paquetá passou por um intenso processo de degradação, envolvendo inclusive seu entorno, que colocou sob prova sua identidade de *Pérola*, à medida em que os elementos que embasavam esta percepção encontravam-se cada vez mais distantes daquilo que foram um dia. Ainda assim, notamos que a identidade não foi desfeita ou negada, a própria condição e construção da paisagem da Ilha permitiu o estabelecimento de um aspecto subjetivo acerca de sua paisagem que tornou-se orientador de juízos que atravessou os anos, sempre evocando para a Ilha um ideário, ainda que, como demonstramos nesse capítulo, não correspondesse mais à realidade.

No terceiro capítulo do trabalho, optamos reproduzir no título a frase que encontramos em reportagem de Fabiana Sobral, publicada no Jornal do Brasil em 1993, e esta escolha reflete bem o que se pode depreender com este capítulo, ainda que a forma da paisagem tenha sido alterada, o ideário que ela carrega conduz a uma reafirmação de uma imagem. Evocar a volta da *Pérola* é, mais uma vez, lidar com estruturas objetivas e subjetivas da paisagem. Buscamos, portanto, trazer o elemento espacial e o conceito de espaço em consonância com o conceito de paisagem, primeiro porque a própria evolução do conceito dentro da Geografia permitiu aproximação; e segundo porque a análise espacial é um elemento essencial no trabalho geográfico.

Seguindo nossa opção de trabalhar com a trajetória do conceito de paisagem associado à trajetória da Ilha, neste último capítulo abordamos a perspectiva da ressignificação da paisagem, tanto dentro da ciência geográfica, trazendo novos elementos e recuperando outros, quanto ao que tange a paisagem de Paquetá. Notou-se um interesse em resgatar a imagem, o concreto da paisagem, reafirmando o que foi mantido pelas relações subjetivas. Buscou-se, portanto, uma recuperação da memória, com base em um discurso, para validar e consolidar ações que pudessem resgatar na forma da Ilha os elementos físicos que dela fizeram a *Pérola da Guanabara*.

Na medida em que relacionamos as transformações conceituais da paisagem com as transformações na forma física e na maneira de perceber a Ilha, concluímos que, ao longo do tempo, a identidade de *Pérola* que surge calcada nos elementos físicos, se sustentou e se reformulou, sobretudo, baseada em aspectos subjetivos da paisagem, cada vez mais validados e estudados pela ciência geográfica. Portanto, *Pérola da Guanabara* passou a ser também uma identidade imaginária, de uma perspectiva de visão, percepção e experimentação da Ilha.

Desde o início deste trabalho escolhemos a audaciosa proposta de trabalhar com o recuo temporal que remontou a gênese da paisagem no ocidente, perpassando diversas formas de conceber a paisagem dentro da evolução da ciência Geográfica e, apesar das definições atreladas ao conceito de paisagem serem datadas, não se pode negar o valor de cada uma delas na elaboração de uma complexa análise espacial, ainda que diversas concepções do passado tenham sido refutadas ou superadas, de alguma maneira foram contribuintes do que hoje se entende como paisagem.

Quando optamos pelo retorno a pretéritas formas de compreensão da paisagem, tínhamos como meta chegar ao final do trabalho de maneira que fosse possível notar o que os estudos contemporâneos guardam muito daquilo que, em outro tempo, definiu o conceito como um todo. Entendemos que essa percepção é fundamental para que não caíamos nas

ilusões do conhecimento que nos chega acabado. Realizar este retorno na epistemologia da Geografia nos surgiu como oportunidade de permear o que se apresentou, ao longo da trajetória acadêmica, como uma *caixa-preta* da paisagem. Entre tantas questões que poderiam ser abordadas na conclusão desta pesquisa, é importante destacar a relevância que ela tem para esta que escreve. Desde o momento que se optou pela temática da paisagem, durante todo o processo de elaboração deste trabalho, estivemos diante do fazer geográfico de maneira intensa, e talvez tenha sido através deste estudo que tenhamos experimentado a geografia de maneira mais direta do que em momentos anteriores da trajetória acadêmica.

A partir do aprofundamento com respeito ao conceito de paisagem, que foi necessário para constituição deste trabalho, estivemos também em contato com a epistemologia de nossa ciência, experiência fundamental para que tenhamos convicções e fundamentação para seguirmos enquanto cientistas. Neste momento, de conclusão do trabalho, entendemos o quanto o conceito de paisagem é complexo e diverso em interpretações, e diante do que se buscou analisar, tornou-se imprescindível sua utilização neste estudo que pretendeu lançar mão de um olhar sobre a Ilha de Paquetá, um olhar que não foi, e não poderia ter sido ingênuo. Desde o primeiro momento, este olhar foi conduzido no sentido de adentrar às dobras da paisagem. E desdobrar apenas a paisagem da Ilha não seria suficiente para dar conta da intrincada relação que a sociedade estabeleceu com a Ilha. Desta maneira, apresentou-se como necessidade estabelecer um diálogo entre a trajetória do conceito e da dinâmica socioespacial da Ilha de Paquetá ao longo do tempo. Realizamos, portanto, um desdobramento conjunto, onde a compreensão de um dependeu da compreensão do outro.

Ao mantermos a realização deste duplo desdobramento, dialogando diferentes interpretações da paisagem com o a dinâmica socioespacial de nosso objeto, pudemos analisar diferentes formas de concebê-lo diante das diversas maneiras de apreensão da paisagem na escala temporal. Reconhecemos as limitações deste e de qualquer outro trabalho acadêmico e entendemos que não há meios de reproduzir ou resgatar todas as abordagens e fatos ocorridos nos recortes elegidos, todavia, concluir este trabalho é também perceber que a análise da Ilha de Paquetá pautada em diferentes leituras permitiu uma maior compreensão acerca da complexa atmosfera e das teias de relações que recobrem, sobretudo, a paisagem da Ilha.

*Pérola da Guanabara* tornou-se uma expressão capaz de explicar uma paisagem e também passou a ser usada como motivação para a transformação da mesma. Ser a *Pérola da Guanabara*, deixar de ser a *Pérola da Guanabara*, e querer voltar a ser a *Pérola da Guanabara*, são três momentos distintos que distinguem a paisagem da Ilha e, nosso trabalho,

expressa como a concepção e percepção de paisagem dentro da ciência geográfica, sobretudo, para a sociedade, também foi diferente nesses três momentos. Primeiro temos a paisagem atrelada à natureza, expressa pelas artes e valorizada em seus aspectos físicos. Depois, segue-se a ideia de paisagem valorada pelas suas belezas, porém com uma visão menos romântica e mais objetiva e, na busca pela retomada do status, que nunca fora de fato perdido, a paisagem está novamente associada a um caráter subjetivo, mas sem deixar de guardar fortes ligações com a realidade objetiva. Evidente que em todos os momentos destacados, o que se tem é uma maior aproximação ou afastamento de algumas ideias, pois advogamos que em sua trajetória o conceito guardou muito daquilo que o gerou e veio transformando-se ao longo do tempo.

Ainda que tenha assumido inúmeras formas de concepção, como expomos ao longo deste estudo, a esfera do olhar torna-se elemento central nas discussões. Olhar como maneira de ver, dar sentido, de perceber. Quando Paquetá torna-se o fenômeno que foi, quando deixa de ser e quando busca retornar a um ponto pretérito, transforma-se junto com a paisagem são os juízos atribuídos a ela. Desta maneira, basear nossas discussões, sempre que possível, trazendo os aspectos objetivos e subjetivos possibilitou perceber essas variações de valoração da paisagem da Ilha.

Todo trabalho acadêmico é repleto de decisões que, de alguma maneira, limitam os estudos, e entendemos que estas limitações, ou recortes são essenciais, pois é preciso que o pesquisador e o leitor consigam dar conta daquilo que tem diante de seus olhos. Neste caso, encerramos nossas abordagens no recorte temporal que se estende pelos anos 1990, mas não poderíamos deixar de abordar alguns fatos que se desenrolaram nos anos 2000 e que tem relação direta com a busca pela retomada da relevância da Ilha no cenário carioca.

As buscas que realizamos em diferentes portais nos indicaram que a partir 2011 houve um retorno do interesse pela ilha em função de uma série de eventos e, com isso, ocorreu também a volta das ações da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Todavia, o que percebemos neste momento são intervenções que não parecem ter como objetivo primeiro melhorar as condições de vida da população residente, e sim tornar o bairro mais atrativo ao capital.

Na lógica da produção da cidade dos Megaeventos e confirmando a retomada da relevância de Paquetá, em 2014 o bairro se torna cenário do filme *Quando não há mais amor*, um dos episódios de *Rio, Eu Te Amo*, projeto de mídia convergente *Rio eu te amo*, liderado pela produtora Conspiração Filmes. Segundo Neiva (2014), em meio a esses megaeventos, o *Rio, eu te amo* constrói uma narrativa imagética que nos leva a pensar a *cidade maravilhosa* como um ambiente harmônico e apaixonante. Desta maneira, notamos que há uma busca, por

parte de diversos agentes, em mudar a imagem da ilha da Paquetá. Nota-se uma busca por alterar a maneira como a paisagem é percebida, e talvez a intenção não seja empreender ações que de fato transformem essa paisagem, mas sim mudar a narrativa que sobre ela se estabelece, facilitada pelo discurso pretérito de *Pérola da Guanabara*.

Em 2013, o então prefeito Eduardo Paes, anuncia que realizará obras de revitalização no bairro, e nas palavras do próprio, publicadas no site da prefeitura municipal: “essa cidade é enorme e eu reconheço que Paquetá acaba saindo prejudicada, é uma ilha, o deslocamento não é tão fácil, e a gente acaba ouvindo mais o grito de outras áreas do Rio. E Paquetá merece uma atenção especial pela sua importância histórica e cultural”<sup>23</sup>. A publicação apresenta ainda as principais demandas dos moradores: a reforma do *Solar Del Rey*; regulamentação das charretes e ecotáxis; atenção no atendimento para idosos no posto de saúde; inclusão de atividades extracurriculares nas escolas municipais; transformação do *Parque Natural Municipal Darke de Mattos* em parque urbano; e reforma da sede da Administração Regional. Todavia, o que os moradores da ilha assistiram foi a execução de intervenções que não atendiam aos seus anseios e ainda aquelas que foram completamente opostas ao esperado.

Com o novo prefeito da cidade, Marcelo Crivella, a história parece se repetir. Conforme publicação<sup>24</sup> no site da prefeitura municipal, a primeira-dama da cidade e coordenadora voluntária da Obra Social, Sylvia Jane Crivella, participou de reunião com lideranças locais em abril do 2017. Sylvia Crivella ouviu propostas de melhorias para tornar o bairro ainda mais atraente aos moradores e visitantes e apontou que gostaria de ver Paquetá revitalizada e transformada em ponto turístico novamente.

Este pequeno panorama revela que ainda há uma multiplicidade de processos a serem investigados, que a busca pela resignificação da paisagem de *Pérola de Guanabara* envolve diversos atores e formas de perceber a Ilha. O carnaval também tem sido cada vez mais, um ponto de tensão na Ilha, ao mesmo tempo que marca a retomada de relevância da Ilha, com bloco carnavalesco que reconhece a Ilha como *Pérola da Guanabara* – o nome do bloco – gera diversas conflitos com os moradores. Desta maneira, nota-se que existe na paisagem da Ilha uma complexidade de relações que parecem sempre fazer e refazer as dobras da paisagem. Conforme destaca Besse (2006, p. IX), “há em primeiro lugar esta parte invisível do espaço, que bordejando e extravasando constantemente o visível, e lembra o quanto a paisagem delimita um mundo e insinua em suas margens a presença de uma vida tumultuosa”.

<sup>23</sup> Disponível em: <http://www.pcrj.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=4217961>. Acesso em: 21/06/2019.

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=6941490>. Acesso em: 25/06/2019.

Isto posto, entendemos que desdobrar a paisagem é um processo contínuo, pois as dinâmicas que animam os espaços juntam novamente as pontas, criam novas texturas e aumentam a complexidade da paisagem. O visível, diante das relações cada vez mais complexas que se estabelecem, apresenta uma infinidade de dobras, tornando o trabalho do pesquisador uma tarefa interminável: “todos os pontos do espaço, as margens, os centros, o longe e o perto marcam essa insistência do infinito no finito que *trabalha* no interior da paisagem e a define” (BESSE, 2006, p. IX).

Desde o momento que a paisagem da Ilha foi permeada pelo ideal de *Pérola da Guanabara*, estabeleceu-se uma forma de percepção que determinou a maneira de olhar e de valorar Paquetá. Além disso, o olhar conduzido pela narrativa de *Pérola da Guanabara*, por muitas vezes também determinou as práticas sociais estabelecidas na Ilha. Atualmente, notamos que o discurso que se busca resgatar surge também associado a uma forma de conduzir e determinar práticas que validem um *status*.

O trabalho que realizamos aqui foi um trabalho de resgate com objetivo de colocar em evidência as dobras da paisagem, para que se compreenda aquilo que se oferece à visão como evidência de algo. Não tivemos a pretensão de desmistificar a paisagem ou evidenciar e até mesmo contestar a crença neste fenômeno que foi a Pérola da Guanabara. Paquetá é um bairro que sobrevive de uma narrativa, de mitos e lendas, que são validados por sentimentos, e não cabe à pesquisa acadêmica inviabilizar a reprodução destes discursos, mas cabe a nós compreendê-los para que não haja ilusões.

Esperamos que este estudo contribua para todos que busquem a Geografia como meio de compreensão dos fenômenos espaciais. Não buscamos propor uma nova teoria, tão pouco suprir as carências referentes a uma historicidade da Ilha de Paquetá, mas empreendemos a tarefa de encadear os fatos explicitados nas literaturas disponíveis, articulando a discussão a partir do reconhecimento destes fatos como elementos de uma dinâmica socioespacial, analisando-os à luz do conceito de paisagem. Desejamos que nosso trabalho colabore com a investigação daqueles que desejam compreender “um saber não sabido” (Cauquelin, 2007), ou seja, aqueles que diante da paisagem reconhecem as dobras e se interessam por desdobrá-las.

## REFERÊNCIAS

- ANSELMO, Luciana. Uma ilha de oportunidades. *O Globo*, 11 out. 1998. Matutina, Boa Chance p. 1. Disponível em:  
<https://acervo.oglobo.globo.com/busca/tipoConteudo=artigo&pagina=&ordenacaoData=relevancia&allwords=Pesquisa+sobre+Paquet%C3%A1+aponta+principais+possibilidades+de+investimento&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=1990&anoSelecionado=1998&mesSelecionado=&diaSelecionado>  
 o Acesso em: 06/03/2020.
- BARBOSA, L. G.; GONCALVES, D. L. A paisagem em geografia: diferentes escolas e abordagens. *Élisée - Revista de Geografia da UEG*, v. 3, pp. 92-110, 2014.
- BERTOLA, Alexandra. Paquetá sem luar, sem pescadores. *O Globo*, 25 fev. 1979. Matutina, p. 11. Disponível em:  
<https://acervo.oglobo.globo.com/busca/tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwords=Paquet%C3%A1+sem+luar+sem+pescadores&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=1970>  
 Acesso em: 07/03/2020.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BEZERRA, Múcio. Paquetá, paraíso turístico da classe operária. *O Globo*, 18 abr. 1987. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=artigo&ordenacaoData=relevancia&allwords=Paquet%C3%A1%2C+para%C3%ADso+tur%C3%ADstico+da+classe+oper%C3%A1ria&anyword=&noword=&exactword=> Acesso em: 07/03/2020.
- BICALHO, Maria Fernanda. A França Antártica, o curso, a conquista e a “peçonha luterana”. *História*. São Paulo, v. 27, n. 1, pp. 15-27, 2008.
- BISPO, A. A. Manuel de Araújo Porto-Alegre, Barão de Santo Ângelo (1806-1879) à luz de Alexander von Humboldt (1769-1859) A natureza pela face misteriosa do coração. In: **Revista Brasil-Europa – Correspondência Euro-Brasileira**. 121/2 (2009:5). Disponível em: <http://www.revista.brasil-europa.eu/121/Araujo-Porto-Alegre.html>. Acesso em: 11/01/2019.
- BRITTO, Ana Lúcia. Implantação de Infra-estrutura de saneamento na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: uma avaliação das ações do Programa de Despoluição da Baía de Guanabara. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR)**, Belo Horizonte, v. 5, n.1, p. 63-77, 2003.
- CALDEIRAS, S. P. **O corte do mangue. Breves considerações sobre o antigo e atual estado da baía do Rio de Janeiro, consequências da destruição da árvore denominada mangue, método bárbaro da pesca e decadência desta indústria**. Rio de Janeiro: Tipografia Imp. e Const. de J. Villeneuve & C., 1884.

CANTERO, Nicolás Ortega. Entre la Explicación y la Comprensión: El Concepto de Paisaje em la Geografía Moderna. In: MADERUELO, Javier (Dir.). **Paisaje y Pensamiento**. Madrid: Abada Editores, 2006. pp. 107-129.

CARDOSO, Vinicius M. Favores do glorioso mártir: a memória jesuítica da intervenção de São Sebastião na fundação do Rio de Janeiro, séc. XVII. **História Unisinos**. São Leopoldo – RS, v. 15, n. 3, pp. 417-424, set/dez, 2011.

CARVALHO, Lia de Aquino; ZYLBERBEG, Sônia de. **Paquetá: Memórias da Ilha**. Rio de Janeiro: Imprinta Gráfica e Editora Ltda, 1991.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.

COARACY, Vivaldo. **Paquetá - Imagens de ontem e de hoje**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora (Coleção Rio 4 séculos, v. 4). 2a ed. revista e aumentada, 1965.

CORREIA FILHO, Virgílio. Paquetá. **REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA**. Ano VI. n. 1. p. 59-88, 1944.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. pp. 92-123.

COSTA, Maria Angélica Maciel. Da lama ao caos: um estuário chamado Baía de Guanabara. **Cadernos Metr pole**. São Paulo, v. 17, n. 33, pp. 15-39, maio 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci\\_arttext&pid=S223699962015000100015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S223699962015000100015&lng=pt&nrm=iso). Acesso: 09/12/2019.

CRULS, Gastão. **Aparência do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora (Coleção Rio 4 séculos, v. 2). 3<sup>a</sup> ed. revista e acrescida de apêndice, 1965.

DARDEL,  ric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DE LEMOINE, Carmen Lúcia. Paquetá como eu vi. **Cultura Política**, Rio de Janeiro, n. 29, pp. 121-132, julho - 1943.

DUNCAN, James. A Paisagem como Sistema de Cria o de Signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. pp. 91-132.

FERNANDES, Ulisses da Silva. **Paisagem: uma Prosa do Mundo em Merleau-Ponty**. 2009. 160 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, 2009.

FERNANDES, Ulisses da Silva. **A Natureza Monumental do Copacabana Palace Hotel – A Antevisão de Uma Paisagem**. 2006. 200 f. Disserta o (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

GOMES, Paulo César da Costa. Geografia *Fin-de-Siècle*: O Discurso Sobre a Ordem Espacial do Mundo e o Fim das Ilusões. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. pp. 13-42.

INSTITUTO RIO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE. **Guia das APACs**. n° 6. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6433361/4172408/guia06.compressed.pdf>. Acesso em: 07/03/2020.

LEITÃO, Wilma M. **Sob um céu de flamboyants: cotidiano e história social na Ilha de Paquetá**. Rio de Janeiro: Interciência, 2013.

LUCHIARI, Maria Thereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. pp. 09-28.

MACHADO, Gilka. **Sublimação**. Rio de Janeiro: Typo Baptista de Souza, 1938.

MAGALHÃES, Symphonio de. **Ilha de Paquetá**. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica d'O livro vermelho dos telefones, 1935.

MARANDOLA, Hugo Leonardo; OLIVEIRA, Livia de. As origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem. In: XII Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2017, Porto Alegre, RS. **ANAIS DO XII ENANPEGE**, 2017.

MARIZ, V; PROVENÇAL, L. **Villegagnon e a França Antártica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

MELLO JÚNIOR, Donato. **Facchinetti**. São Paulo: Record, 1982.

MILANI, Raffaele. Estética del paisaje: forma, canones, intencionalidad. In: MADERUELO, Javier (Dir.). **Paisaje y Pensamiento**. Madrid: Abada Editores, 2006. pp. 55-82.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. São Paulo: Editora brasiliense, 1992.

NABUCO, Joaquim. **Minha formação**. Brasília: Oficinas Gráficas da Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal, 1998 [1900].

NASCIMENTO, Flávia Brito do; BONDUKI, Nabil. Casas não são ilhas: morada popular e arquitetura moderna através do Conjunto Residencial de Paquetá. In: **Anais do V Seminário DOCOMOMO-Brasil**, São Carlos, 2003. Disponível em: <http://docomomo.org.br/course/5-seminario-docomomo-brasil-sao-carlos/>. Acesso em: 07/03/2020.

NEIVA, Chavarry G. Reencenando a cidade: O projeto “Rio eu te amo” e suas reinvenções midiáticas. In: **Anais... Comunicon 2014**, São Paulo. ComuniCON 2014 - IV Congresso

Internacional em Comunicação e Práticas de Consumo. São Paulo: ESPM SP, 2014. v. 4. pp. 01-13.

PAQUETÁ ganha esgoto sanitário. **O FLUMINENSE**, Niterói, ano 1998, n. 35.094, p. 3.

PAQUETÁ: problemas são tantos que a população diminui dez por cento. Plantão Globo, **O Globo**, 11 de fevereiro de 1973, p. 16. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/tipoConteudo=pagina&pagina=&ordenacaoData=relevancia&allwords=&anyword=&noword=&exactword=Paquet%C3%A1+problemas+s%C3%A3o+tantos&decadaSelecionada=&anoSelecionado=&mesSelecionado=&diaSelecionado=> Acesso em: 07/03/2020.

PEDRAS, Lúcia. A Paisagem em Alexander Von Humboldt: o modo descritivo dos Quadros da Natureza. **Revista USP**, São Paulo, v. 46, pp. 97-114, 2000.

PICCOLI NETO, Danilo. Dos modelos à explicação: a Nova Geografia em David Harvey. In: GODOY, Paulo (Org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 91-110 pp. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/p5mw5/pdf/godoy-9788579831270.pdf> . Acesso em: 07/03/2020.

PIRES, Hindemburgo F. Planejamento e intervenções urbanísticas no Rio de Janeiro: a utopia do plano estratégico e sua inspiração catalã. **Biblio 3W – Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona. Vol. XV, no 895 (13), 5 de noviembre de 2010.

PORTO-ALEGRE, Manoel de Araújo. **O corcovado**. Rio de Janeiro: Typ. do Ostensor Brasileiro, de J. J. Moreira, 1847.

RODRIGUEZ, Manuel José. La Concepción sobre los Paisajes vista desde la Geografía. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 24, n. 1, 2006. pp. 01-25. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/12492/7233>. Acesso em: 07/03/2020.

ROGER, Alain. **Breve Tratado del Paisaje**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2007.

ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. (Org.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

ROSENDAHL, Z. **História, Teoria e Método em geografia da Religião**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N. 31, p. 24-39, JAN./ JUN DE 2012

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2006. 384 p.

SAUER, Carl O. A Morfologia da Paisagem In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. pp. 12-74.

SCHIER, Raul Alfredo. **Trajatórias do Conceito de Paisagem na Geografia**. Ra'e ga, Curitiba, v. 7, n.7, p. 79-85, 2003.

SIMMEL, Georg. **A Filosofia da Paisagem**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009.

SILVEIRA, Roberison Wittgenstein Dias. **O Gênio Ródio de Alexander Von Humboldt**. SOCIEDADE & NATUREZA. Uberlândia, v. 27, 2015. pp. 07-20. Disponível em: <file:///C:/Users/usfer/Downloads/27998-Texto%20do%20artigo-121270-1-10-20150519.pdf>. Acesso em: 07/03/2020.

SILVEIRA, Roberison; VITTE, Antonio Carlos. A Paisagem em Humboldt: da instrumentalização do olhar à percepção do cosmos. In: **Anais... EGAL - Encontro de Geógrafos da América Latina, 2009, Montevideu - Uruguai**. XII Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2009. v. 2.

SOBRAL, Fabiana. Ilha quer voltar a ser 'pérola'. **Jornal do Brasil**, 06 set. 1993. Caderno Cidade, p. 11. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_11&pesq=](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_11&pesq=) Acesso em: 07/03/2020

SOUTO, J. P. S. **“Uma vasta caieira”: Um estudo sobre os fabricantes de cal da Freguesia da Ilha do Governador (1861 – 1900)**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro - Casa Civil / Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2016.

SQUEFF, L. C. Fundando a paisagem nacional: o urbano e o selvagem no pensamento de Araújo Porto Alegre (1806 - 1879). In: SALGUEIRO, H. A. **Paisagem e arte: a invenção da natureza, a evolução do olhar**. São Paulo: CBHA/CNPq/FAPESP, 2000. pp. 273-279.

THEVET, André. **A Cosmografia Universal**. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Betel, Fundação Darcy Ribeiro, 2009. (Coleção “Os Franceses no Brasil” – Século XVI e XVII). [1575].

TRANSPORTE precário, falta d'água, praias sujas, preços altos. **O Globo**, 30 jan. 1980. Matutina, p. 13. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=artigo&pagina=&ordenacaoData=relevancia&allwords=o+transporte+particula+r+para+Itaoca&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=&anoSelecionado=&mesSelecionado=&diaSelecionado=> Acesso em: 07/03/2020.

UNWIN, Tim. **El Lugar de la Geografía**. Madrid: Cátedra, 1995. 342 p.

URQUIJO TORRES, Pedro S. e BARRERA BASSOLS, Narciso. **Historia y paisaje: Explorando un concepto geográfico monista**. *Andamios* [online]. 2009, vol.5, n.10, pp.227-252. ISSN 1870-0063.